



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara

MARIA FERNANDA DE ARRUDA CAMPOS



**CONCEPÇÃO DA SEXUALIDADE DE ESTUDANTES
SURDOS USUÁRIOS DE LIBRAS EM UMA ESCOLA POLO.**

Araraquara - SP
2015



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara

MARIA FERNANDA DE ARRUDA CAMPOS

CONCEPÇÃO DA SEXUALIDADE DE ESTUDANTES SURDOS USUÁRIOS DE LIBRAS EM UMA ESCOLA POLO.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre, em Educação Escolar

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual.

Orientadora: Prof^ª Dra. Célia Regina Rossi.

Agência de fomento: CAPES

Araraquara - SP
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Letícia Ferreira da Silva Donato – CRB 8/9305

Campos, Maria Fernanda de Arruda
C198c **Concepção da sexualidade de estudantes surdos usuários
de libras em uma escola polo / Maria Fernanda de Arruda
Campos.**
– Araraquara, 2015
100 p.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de
Araraquara - Universidade Estadual Paulista.
Orientadora: Dr^a Célia Regina Rossi

1. Escola polo para surdos. 2. Educação para sexualidade. 3.
Surdos. 4. Libras. I. Título.

CDD 372.372

MARIA FERNANDA DE ARRUDA CAMPOS

**CONCEPÇÃO DA SEXUALIDADE DE ESTUDANTES SURDOS
USUÁRIOS DE LIBRAS EM UMA ESCOLA POLO.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre, em Educação Escolar

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual.

Data de defesa: 14/12/2015

Banca Examinadora:

Profª Dra. Célia Regina Rossi

Departamento de _____

Universidade Estadual Paulista

Profª. Dra. Andreza de Castro Marques Leão

Departamento de _____

Universidade Estadual Paulista

Profª. Dra. Carla Ariela Rios Vilaronga

Departamento de _____

Universidade Federal de São Carlos.

*Ao meu pai Pedro Ivo, minha mãe Edisa, meu irmão Luis e minha filha Lara.
As quatro pessoas que dão sentido à minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Dra. Célia Regina Rossi por investir sua sabedoria nessa pesquisa e pela profunda dedicação.

Ao Programa de Pós Graduação em Educação Escolar e seus funcionários sempre muito eficientes.

A CAPES pela credibilidade no trabalho.

Ao Coordenador da Pós Graduação Dr. Ricardo Ribeiro por entender minhas peculiaridades e dar créditos à pesquisa.

Agradeço à Dra. Andreza Marques de Castro Leão pelas aulas, ensinamentos e compreensão quando precisei.

Agradeço à Dra. Carla Ariela Rios Vilaronga por aceitar ser minha banca e pelos apontamentos importantes que me fizeram crescer muito nesta pesquisa!

Ao Grupo de Extensão e Pesquisa em Sexualidade - GSEXs da UNESP de Rio Claro pela oportunidade de discussões.

À Dra. Cristina Broglia Feitosa de Lacerda por me aceitar no Grupo de Pesquisa de Surdez e Abordagem bilíngue na UFSCar, assim como me permitir assistir suas aulas, sempre muito motivadoras e reflexivas.

Ao meu pai Pedro Ivo, meu exemplo de dignidade, justiça e solidariedade, por acreditar sempre que precisamos nos mover para construirmos um mundo que contemple toda a diversidade.

A minha mãe Edisa, que entre tantas qualidades é uma pessoa íntegra, que está sempre em busca de soluções... Que divide comigo constantemente suas angústias sobre Educação. Dedicada ao último grau em tudo que faz. Pessoa sensível e determinada que me ensina diariamente que nada na vida é fácil! É, para mim, o meu exemplo de pessoa batalhadora! E também por não medir esforços para estar ao meu lado, sempre acalmando meu coração.

À pessoa mais importante da minha vida: minha filha Lara, que me respeitou muito nas minhas ausências. Torceu e orou muito para que eu findasse essa etapa e pudesse ficar mais tempo com ela. Eis que suas preces foram ouvidas, minha querida!

Ao meu irmão Luis e minha cunhada Lilian pelo carinho.

À Elizabete Loureiro (Beth) pelo carinho diário com minha filha.

Aos amigos que fiz na pós-graduação: Elaine, Maira, Diogo, Hamilton, pelas trocas acadêmicas no corredor, risadas e momentos inesquecíveis!

À Shirley, pela acomodação em sua república e amizade.

À Karen Fernanda Bianchini pelas ajudas nas interpretações e pelas horas que buscamos procurando dividir angústias constantes.

Ao Juliano, pessoa muito especial para mim, que conheci já na etapa final desta pesquisa, mas que me trouxe muita força e apoio através de seu carinho diário!

À quatro pessoas especiais que conheci em terras distantes: Teresa, Filomena, Isabel e Dhilma.

À professora Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia (a "Cau") pelas ajudas e carinho.

À diretoria da Escola Estadual Barão do Rio Branco, que acreditou na relevância do trabalho e me acolheu.

Às intérpretes desta escola pela prontidão e ajuda na pesquisa.

Aos jovens participantes da pesquisa por aceitarem aprender um pouco mais sobre a temática da sexualidade e contarem suas experiências.

Aos meus amigos que entenderam minhas ausências e me apoiaram, em especial à Lidiane, uma amiga muito especial sempre disposta a me ajudar.

À Mel pela paz que transmite devido sua competência e profissionalismo na leitura atenciosa, correção e ajuda na organização final desta tese.

À toda minha família! Sempre presente. Ora me fazendo sorrir, ora me provocando pelas horas que permaneço em frente ao computador. Mas sempre me apoiando.

***“Nós somos medo e desejo,
Somos feitos de silêncio e som...”***

(Certas coisas - Lulu Santos)

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar a construção da sexualidade de alunos surdos de uma escola estadual polo em uma cidade de médio porte, localizado no interior do Estado de São Paulo. A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa foi qualitativa, por meio de observação e rodas de conversa. Todas as rodas de conversa foram gravadas e transcritas. Os temas a serem trabalhados foram propostos através dessas rodas de conversa, nas quais os estudantes traziam suas inquietações, dúvidas e necessidades. Os Surdos integram uma minoria linguística, portanto, é comum que eles não se sintam pertencentes ao grupo ouvinte dentro e fora da escola, uma vez que para o pertencimento ocorrer, a comunicação é um dos fatores essenciais. Neste aspecto, na escola, o Surdo, não recebe as informações necessárias para o seu pleno desenvolvimento, por usar a Libras e a maioria dos alunos não conhecerem tal língua, o que dificulta em muito, seu aprendizado. A carência do conhecimento de Libras pelas pessoas ouvintes que o cercam e a pouca difusão desta língua acaba acarretando uma visão distorcida de vários conhecimentos, inclusive os que tangem a construção da sexualidade. Assim, essa pesquisa acompanhou, investigou e fomentou as informações sobre Sexualidade trazidas pelas experiências dos surdos desta escola polo para identificar os maiores entraves e desafios da educação desses estudantes a fim de promover com eles, debates, construções e desconstruções de temas sobre Sexualidade.

Palavras-chaves: Educação em Sexualidade; Libras; Surdos, Rodas de Conversa.

ABSTRACT

The present research aims to investigate the construction of sexuality of deaf students in a State school for the deaf. It's a "pole school" abstracting a medium-sized town, located in the interior of the State of São Paulo in Brazil. The methodological approach used in this research was qualitative, through observation, round-table discussions and semi structured interviews. The themes to be worked were proposed through these round-table discussions at which the students brought their concerns, doubts and necessities. All round-table discussion were recorded and transcribed. Deaf people integrate a linguistic minority, therefore, it is common that they don't feel belonging to the listener group inside and outside the school, once for this belonging to occur, communication is one of the essential factors. In this aspect, in school, the Deaf, do not receive the necessary information for their full development, for using Libras and most of the students do not know such a language, which makes difficult their learning. The lack of knowledge of Libras among those listeners who surround the Deaf and the little dissemination of this language, ends up leading to a distorted vision of multiple connections, including those that encompass the construction of sexuality. Therefore, this research has followed, investigated and increased the information about sexuality, brought by the deaf students' experiences of this "pole school", to identify the obstacles and challenges these students go through so as to promote with them debates, constructions and deconstructions of themes about sexuality.

Keywords: Education in sexuality; Libras; Deaf; Round-table discussions

LISTA DE ABREVIATURAS

ADEFNAV	Centro De Recurso Em Deficiência Múltipla, Surdo, Cegueira E Deficiência Visual.
AEE	Atendimento Educacional Especializado.
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.
CECEMCA	Centro de Educação Continuada em Matemática, Científica e Ambiental.
CHI"PV"	Centro de Habilitação Infantil "Princesa Victoria"
CLAM/IMS/UERJ	Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos.
DA	Deficiência Auditiva/ Deficiente.
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis.
DV	Deficientes Visuais.
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente.
EF	Ensino Fundamental.
EM	Ensino Médio.
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio.
GDE	Gênero e Diversidade na Escola.
GSEXs	Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Sexualidades.
LDB	Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
LGBTTTS	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Simpatizantes.
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais.
MEC	Ministério da Educação.
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais.
SEPP/PR	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.
SPM/PR	Secretaria de Políticas para Mulheres.
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos.
UNESP	Universidade Estadual Paulista.
UNIBEM/Atualize	Faculdades Integradas Espírita.
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas.
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 A FORMAÇÃO DE CONCEITOS E A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DO SUJEITO SURDO	20
1.1 O Papel do Intérprete Educacional: interpretação ou ensino no que se refere a sexualidade e gênero?	22
1.2 Identidade Surda: constituição de um ser silenciado	25
2 SEXUALIDADE	28
2.1 Educação em Sexualidade no contexto escolar	31
3 CAMINHADAS DA PESQUISA	35
3.1 Abordagem metodológica	35
3.2 Coleta de dados	35
3.3 Roda de conversa	39
3.4 Conhecendo a escola	40
3.4.1 A entrada na escola	40
4 ANÁLISE DOS DADOS	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE I – Comunicado	68
APÊNDICE II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	69
APÊNDICE III – Termo de consentimento de participação de menor	72
APÊNDICE IV - ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	73
APÊNDICE V - QUESTIONÁRIO (intérprete 1)	81
APÊNDICE VI - QUESTIONÁRIO (intérprete 2)	87
APÊNDICE VII - SEGUNDA PARTE – INTÉRPRETES	93
APÊNDICE VIII - REFLEXÕES DAS ENTREVISTAS COM INTÉRPRETES EDUCACIONAIS	97
APÊNDICE IX - OS PROTAGONISTAS E OS ESPAÇOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA	100

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa decorre de um estudo de caso com jovens surdos, no que tange a compreensão que eles têm de suas sexualidades. Pretende-se neste estudo, por meio de rodas de conversa¹ e gravação em vídeo, dentro de uma perspectiva qualitativa, entender como os alunos surdos de uma escola localizada na cidade de Piracicaba, no estado de São Paulo, têm construído as suas sexualidades, no que diz respeito, principalmente, às questões de gênero e quais são os fatores que subsidiam estas construções.

Primeiramente, gostaria de contextualizar como se deu meu interesse nesta pesquisa, para esclarecer como cheguei aos surdos e a sexualidade, fruto de interesse deste estudo.

Ao término do curso de Pedagogia na Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, tive contato com a Professora Dra. Lilian Cristine Ribeiro Nascimento, que atualmente é professora na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, que me apresentou a Professora Dra. Regina Maria de Souza, também professora na Faculdade de Educação desta mesma faculdade, para que eu assistisse como aluna ouvinte às aulas da disciplina Surdez e, com a professora Dra. Regina Maria de Souza. As aulas eram oferecidas, ainda na época, como disciplina optativa, uma vez na semana, durante um semestre, no curso de Pedagogia da UNICAMP.

Nesta disciplina se originou meu primeiro contato com pessoas surdas e com a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Eu também tive a oportunidade de conhecer a teoria da educação para surdos e pude conhecer uma cultura singular, com costumes próprios e, pela primeira vez, começar a enxergar o surdo como uma pessoa com uma cultura linguística diferenciada e não como um deficiente sensorial. Isso deslocou o meu olhar. Fez o olhar para o surdo sair da deficiência e ir para a diferença linguística; sujeito com diferentes capacidades, e que assim deve ser respeitado, e não "corrigido" com o olhar do ouvinte.

No mesmo semestre, em 2009, foi aberto pelo Centro de Educação Continuada em Matemática, Científica e Ambiental – CECMCA, UNESP - Campus Rio Claro, um Curso de Libras, coordenado pela Prof^a Dra. Célia Regina Rossi. Foi lá que tive o primeiro contato com a professora, que hoje tenho como minha orientadora. Explicando um pouco mais minha trajetória, ficará claro o motivo de todas estas escolhas pela pesquisa que aqui se apresentará,

¹ Roda de conversa, neste estudo será mais bem detalhada na parte metodológica. Mas compreendemos que Roda de Conversa seja a mais adequada, pois neste ambiente "é possível reunir informações e opiniões sobre um tópico em particular, com certo detalhamento e profundidade, não havendo necessidade de preparação prévia dos participantes quanto ao assunto, pois o que se quer é levantar aspectos da questão em pauta considerados relevantes, social ou individualmente, ou fazer emergir questões inéditas sobre o tópico particular, em função das trocas efetuadas" (GATTI, 2005, p. 13).

uma vez que surgiu pelos dois interesses de estudo: sexualidade e surdez. Aprendendo Libras, no curso da Universidade Estadual Paulista - UNESP, em 2009, conheci a minha atual orientadora que paralelamente ao curso, coordenava um grupo de pesquisa da UNESP chamado Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Sexualidades - GSEXs.

O GSEXs reunia-se uma vez por semana na UNESP – Rio Claro, e fui convidada a conhecer e participar da reunião do grupo. Fui sem conhecimento científico na área de sexualidade, mas muito curiosa sobre quais questões o grupo abordaria e suas concepções teóricas. Se o grupo aglutinaria questões ligadas à surdez ou às deficiências. Foi muito provocativo. Os integrantes, em maior parte da Faculdade de Biologia, muito eufóricos em busca de respostas não puramente biológicas às suas indagações, mas sociais, culturais, entre outras. Aos poucos eu, pedagoga, fui me interessando por esse grupo, cursando o curso de prática de Libras na UNESP que já dava indícios de imersão de minha parte na Libras e surdez. Foi um ano intenso e rico em olhares para as diferenças. Comecei a aprender mais sobre surdez e comecei a me interessar pela sexualidade, que era outra temática que necessitava de olhares não engessados, ou seja, que necessitava de rupturas.

Assim, comecei a pensar em estudar a surdez e, desde então, tentar entender como os surdos teriam acesso a todo aquele aprendizado e discussões que eu estava vivenciando nos encontros com o GSEXs. Resolvi então me matricular no curso de especialização *Lattu Sensu* de Libras e Educação de Surdos, na cidade de Campinas, nas Faculdades Integradas Espírita - UNIBEM/Atualize. Conforme eu descobria mais sobre a surdez, mais a pergunta inicial que me provocou para buscar esta nova trajetória voltava aos meus pensamentos: *como os surdos aprimoram seus saberes?*, especialmente no tocante à Educação em sexualidade, pois, frequentando o GSEXs, comecei a perceber que era um tema que a escola em geral, abordava apenas biologicamente.

Com o olhar sensível à temática da sexualidade dos surdos, certa vez, no estágio da especialização nas Faculdades Integradas Espírita - UNIBEM/Atualize, acompanhando um aluno surdo de 13 anos, no sétimo ano, me surpreendi com o fato de ele não saber como havia sido gerado. A professora de Ciências, ao falar sobre gravidez, surpreendeu o aluno surdo, uma vez que ele nunca havia entendido a parte da concepção, assunto que todos os alunos ouvintes, na mesma idade que ele, já sabiam, mas do ponto de vista puramente biológico. Neste momento, o "aprimoramento sobre o saber" no tocante à Educação em sexualidade, que eu buscava encontrar na sala de aula, foi por terra, já que, conversando com ele, percebi que as ideias que ele trazia sobre sexualidade eram, em grande parte, o que ele via, devido às imagens midiáticas que ele tinha acesso. E que o aprofundamento na temática era,

infelizmente, algo sem sentido, visto que ainda os conceitos básicos eram interpretados por ele de maneira distorcida, equivocada e dentro de uma perspectiva biológica.

Percebendo estes problemas e equívocos na educação do surdo, fiz minha monografia de Especialização em Libras e Educação para Surdos, analisando as mídias como instrumentos de (in)formação sexual para os surdos e o tanto que as imagens se distorcem quando não se tem uma informação/educação adequada sobre a sexualidade de maneira crítica. Porém, nessa etapa, não analisei outros fatores que estão presentes na construção de uma sexualidade saudável, cabível de entendimentos. Apenas havia analisado a mídia e o poder que ela exerce, chegando a compará-la com "um segundo Deus", me utilizando das palavras de Shwartz (1985). Durante esse período, conheci os estudos de alguns pesquisadores tais como: Ribeiro (1990), Skliar (2012), Lacerda (2009), entre outros que também me embasariam, futuramente, neste estudo de mestrado que aqui apresento.

Após terminar a minha especialização, prestei concurso pela Fundação Municipal de Saúde de Rio Claro e ocupei o lugar de Pedagoga no Centro de Habilitação Infantil "Princesa Victoria". O Centro de Habilitação² atende crianças com deficiências sensoriais e/ou físicas, descrição feita por este Centro de Saúde, o qual considera o surdo como um deficiente sensorial, embora não seja esta a definição que mais me contemple como pesquisadora. Poderão entender melhor ao longo da leitura da presente pesquisa.

Como pedagoga e especialista em Libras e Educação para Surdos, ao assumir o cargo de pedagoga neste Centro de habilitação, iniciei um trabalho com os pais das crianças surdas. Este atendimento visava esclarecer sobre a temática da Libras e a importância dessa, na construção do pensamento, desenvolvimento e formação de conceitos, inclusive o da sexualidade, para interação e inclusão destes na comunidade, com crítica e autonomia. Neste sentido, os pais eram ouvidos para que pudessem manifestar suas expectativas e suas críticas diante do trabalho terapêutico, fonoaudiológico, educacional e médico dos seus filhos.

Essa proposta com os pais, inicialmente, buscava orientá-los e levá-los a entender a importância do uso da Libras, para toda a vida do surdo, na construção do pensamento, autonomia e respeito às suas diferenças. Nos três anos em que estive trabalhando no Centro de Habilitação de Rio Claro, atuei com os pais, nas questões da surdez, buscando proporcionar

² O Centro de Habilitação Infantil "Princesa Victoria" - CHI"PV" - foi fundado no ano de 1982 e foi construído e administrado por alguns anos, por uma equipe Sueca que manteve a instituição por até meados de 1995. O Centro de Habilitação é um órgão pertencente à Fundação Municipal da Saúde. Atualmente o Centro de Habilitação possui uma equipe multidisciplinar composta por fonoaudiólogos, psicólogos, pedagogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, educadora física, assistente social, equipe médica (fisiatra, neurologista e oftalmologista) e dentista, funcionários de cozinha, técnicos de desenvolvimento social, secretários e serviços de transporte às crianças.

maiores esclarecimentos a respeito das condições biológicas, linguísticas, sociais, históricas, identitárias, educacionais e até mesmo culturais de seus filhos.

Os atendimentos eram realizados uma vez por semana, em grupos de até três mães. As mães eram atendidas paralelamente ao horário em que os filhos eram atendidos pela fonoaudióloga, que trabalhava em Libras. Eu orientava as mães sobre a importância da Libras e conversávamos sobre as questões relativas a surdez e o contexto escolar (inclusive muitas vezes, sobre dúvidas trazidas por elas). Em semanas intercaladas, esses atendimentos eram trocados: as mães eram atendidas pela fonoaudióloga e os filhos ficavam comigo para acompanhamento pedagógico.

Ainda inquieta com as questões da sexualidade, e tendo na minha especialização abordado um pouco da temática do poder que a mídia exerce sobre a construção dos pensamentos e formação de opiniões, comecei nesses atendimentos, a atentar-me aos discursos dos pais, que traziam, sempre a esperança da normalização e normatização³ dos filhos, ou seja, a expectativa e o desejo da fala destes. Nesta experiência, ficava evidente a falta de diálogo em casa e, principalmente, a não aceitação da Libras no ambiente familiar.

A maioria desses pais acreditava que a sexualidade deveria ser abordada apenas na puberdade de seus filhos. Outros ainda, acreditavam que o sujeito surdo é um sujeito com deficiências e assexuado, e que em suas vidas haveriam “temas mais importantes” para serem trabalhados com o surdo. Tais temas, normalmente, relacionados à normalização dos seus filhos. Com o grupo de pais destas crianças (de 6 a 9 anos) foi possível notar o quanto os surdos têm pouca voz dentro do ambiente familiar, tendo assim pouco respeito pelos seus desejos. Foi constante a necessidade e a mediação para fazer os pais perceberem a importância do diálogo, da comunicação, de aprenderem a Libras, de “ouvi-los” e fazê-los perceber o quanto estão resistentes à Língua e à diferença do filho.

As perguntas levantadas pelos pais a respeito dos filhos, em geral, eram sobre, *como eu “mando” ele fazer tal coisa; como eu “mando” ele fazer lição; como eu “mando” ele guardar o brinquedo; tomar banho*, etc. Em geral, os adultos se preocupavam mais em ser atendidos do que em criar para os surdos oportunidades de opinar, entender, estabelecer diálogo, problematizar, questionar, criticar, escolher e ter argumentos para o convívio saudável em sociedade. Houve por pouco tempo um trabalho de ensino de Libras para as mães, com professor surdo, mas como não houve assiduidade, o trabalho foi encerrado.

³ Segundo Borba (2002): **Normalizar** V.[Ação-processo] 1. tornar normal; regularizar; 2. reentrar na normalidade; **Normatizar** V.[Ação-processo] estabelecer normas para. Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/5620155>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

Diante dessas situações apresentadas me debrucei sobre a questão da sexualidade dos surdos no trabalho com os pais, desenvolvido semanalmente no Centro de Habilitação Infantil que trabalhava, além de fazê-los perceber a importância do uso da Libras dentro de casa. Tendo então especialização nas questões da surdez, trabalhado com surdos em atendimentos especializados, acompanhado suas trajetórias escolares e trabalhado com suas famílias, assistido como aluna ouvinte disciplinas sobre surdez e educação bilíngue na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, com a professora Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, e estando sempre frequentando o GSEXs, trabalhando como tutora presencial no curso Gênero e Diversidade na Escola – GDE⁴.

Cada vez mais a sexualidade e a surdez se juntavam para me instigar, sendo assim, me propus ao iniciar o mestrado, buscar quais eram os conhecimentos que os surdos traziam consigo e como buscavam tais conhecimentos. A pesquisa tomou forma, porque eu tinha outras experiências e estudos e já entendia que a mídia era apenas um dos elementos que levam o surdo à busca de informações e construções sobre a temática da sexualidade, pois o que levantei na monografia do curso de especialização, é que ele buscava conhecimento sem mediação, ocasionando distorção e equívocos na compreensão da temática de sexualidade. Sendo assim, me propus a pesquisar onde estavam as entranças na educação para a sexualidade dos surdos. Logo, ampliei minha pesquisa, buscando saber o que eles já tinham de informações e tentando entender que outros elementos poderiam interferir na construção da temática da sexualidade.

A mídia já era um elemento pesquisado por mim, muito relevante, que levava informações truncadas, erradas e equivocadas para os surdos. Agora era preciso entender quais os outros elementos que permeavam suas vidas e os levavam às construções de sexualidade. Seria a família? A igreja? A escola? Os amigos? Imagens? Filmes? Revistas? TV? Onde eles aprendiam conceitos (se é que aprendiam)? E com quem desenvolviam opiniões críticas sobre o assunto (se é que desenvolviam)? Eram muitos atributos que estavam a minha escolha e fui em busca de investigá-los. As imagens pareceram ser mais

⁴ GDE - curso que visa sensibilizar profissionais da educação que atuam no ensino público, no que concerne às desigualdades baseadas em gênero, orientação sexual e raça/etnia no Brasil, capacitando-os/as para trabalhar transversalmente sobre estas questões no cotidiano escolar. A concepção do projeto é da Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM/PR) e do British Council, em parceria com o Ministério da Educação (MEC), a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPP/PR) e o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ). A metodologia, os conteúdos e o projeto político-pedagógico resultaram de uma construção coletiva dos parceiros envolvidos. Desde 2008, o curso GDE é oferecido por universidades públicas que participam da Rede de Educação para a Diversidade da Universidade Aberta do Brasil tendo a UNESP sido uma das parceiras.

fortes aos surdos por serem um recurso visual muito significativo para os surdos. Assim, resolvi buscar nas imagens, estas interpretações de como eles significavam a sexualidade e resignificavam com outros na comunidade. Foi assim que entrei no mestrado, em busca de elementos que pudessem contribuir para a construção da sexualidade do surdo.

Comecei a busca em escolas de surdos na cidade de Rio Claro – SP, mas foi muito difícil a busca por crianças devido a questões burocráticas. Conheci uma professora que atuava na cidade de Piracicaba e me indicou a escola que desenvolvi a pesquisa, com surdos jovens. Sendo assim, iniciei a pesquisa que em seguida detalharei.

Essa pesquisa me trouxe novos olhares e novas maneiras de encarar o trabalho com educação em sexualidade, seja com ouvintes ou com surdos porque percebi que a escola ainda enfrenta as dificuldades de formação inicial e continuada, tanto dos professores, como dos intérpretes, assim como de todos que atuam na instituição escolar. Mas o importante é que a vontade de entender, estudar e seguir em frente apareceu nesse estudo, mas as políticas públicas de educação, ainda estão muito distantes no compromisso e atendimento ao professor para a temática de sexualidade na escola.

A pesquisa compreenderá algumas seções, para que o leitor possa compreender a importância desse tema para os surdos, na escola.

Na primeira seção, a pesquisa se debruçou em trazer autores contemporâneos que discutem sexualidade e educação para a sexualidade, tais quais Foucault (1993) e Louro (1997). Apontamos a importância destas temáticas na vida de todos, na comunidade e na escola, para que elas pudessem dar subsídios às análises finais.

Foucault (1993) aponta em seus estudos o que ele denominou de *scientia sexualis*, ou uma ciência do sexo, a ciência que pretende iluminar e construir elementos sobre a sexualidade que, para o autor, são fundamentais para a vida do ser humano. A sexualidade descrita pelo mesmo prepondera das relações de poder para excluir, violentar e oprimir, o que na maioria das vezes aparece na interação da comunidade surda com a ouvinte, exercendo poder sobre os surdos por integrarem uma minoria linguística.

O poder para Foucault (1993) provém de todas as partes da sociedade, e a escola é um dos espaços em que o poder se manifesta em relação à sexualidade. A pesquisa tratou de analisar como se dá a construção da sexualidade do aluno surdo, sendo assim, foi realizada dentro de uma escola polo de surdos⁵, que é a que mais se aproxima da escola do modelo

⁵ Polo: refere-se a um local onde uma instituição ou conjunto de instituições, de ensino ou de investigação científica ou tecnológica, tem uma parte ou a totalidade dos seus serviços, nomeadamente salas de aula e laboratórios. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Campus#cite_ref-2>. Acesso em: 20/08/2015.

político pedagógico bilíngue, pois a pesquisadora concorda com a autora Lacerda (2009) quando afirma que a escola bilíngue é o ambiente adequado para a efetiva aprendizagem desse aluno.

As escolas bilíngues apresentam em seus projetos políticos pedagógicos a preocupação com as adaptações curriculares, salas de aula com professores intérpretes de Libras, além de um segundo espaço onde os alunos têm acesso a um instrutor surdo. Este ambiente oferece a possibilidade de aprender sua língua (LIBRAS) com um instrutor surdo que tem esta como primeira língua (L1). Este modelo de instituição educacional proporciona um ambiente de trocas entre alunos surdos e ouvintes e, com o convívio, desperta o interesse e a curiosidade pela diversidade.

O espaço com o instrutor surdo é de extrema importância para que se dê o aprendizado da língua do sujeito surdo, pois, segundo Lodi,

Apenas surdos adultos, participantes e atuantes da comunidade surda e, portanto, membros de referência, podem ser os interlocutores para a imersão de seus pares na língua de sinais, interferindo ideologicamente, por meio dela, nos padrões culturais e de interpretação de mundo fundadas nas relações com a linguagem. É apenas na interação com adultos surdos que as crianças podem desenvolver uma identificação positiva com a surdez. (LODI, 2004, p. 29)

Por não haver este professor surdo nesta escola onde se desenvolveu a pesquisa, e nem as devidas alterações curriculares, e havendo apenas a presença dos intérpretes, não pode ser considerada uma escola essencialmente bilíngue, mas sim uma escola polo de surdos.

Atualmente, no Brasil, a proposta da educação bilíngue está ganhando forças graças à lei 10436/02, regulamentada pelo decreto 5626/05, que insere a Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores. Isso significa que todos os cursos de licenciatura, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial, tanto das universidades públicas quanto nas privadas, devem formar professores aptos a dar aulas em educação bilíngue: Libras e português.

A Instituição Escolar nos dias de hoje, tem um papel de destaque nas inovações que estão acontecendo, sejam elas nas construções das formações de sujeitos, nas transformações curriculares, nas propostas pedagógicas mais democráticas - que trazem para o centro da discussão a aprendizagem da pessoa com deficiência ou sem deficiência - do surdo ou não surdo, tendo assim por base que o ser humano é aberto a mudanças e, com isso, novas aprendizagens podem ser realizadas.

No caso das minorias culturais e linguísticas, as informações que lhes chegam muitas vezes destoam das suas vivências e das suas histórias, e vão sendo construídas sem elementos de diálogo e coerência com seu modo de viver, de ser e de agir na comunidade que fazem parte. Neste sentido, o estudo procurou problematizar e discutir a formação da sexualidade do sujeito surdo, mais especificamente em sujeitos que utilizam o código linguístico da Libras, que não é oral dentro de uma escola polo de surdos. Para essa pesquisa, utilizamos muitos suportes teóricos, além dos instrumentos metodológicos de observação, participação, entrevista, rodas de conversas com o grupo de surdos apoiadas pelos intérpretes, dentro de uma abordagem qualitativa. Apresentamos a seguir a trajetória do desenvolvimento dos capítulos da pesquisa.

A primeira seção consiste em apresentar quem são os sujeitos da pesquisa diante de uma abordagem social da surdez, que o contemple como uma pessoa com uma diferença linguística marcada por uma língua visuo gestual (Libras), mas que ainda, na maioria das vezes, estão inseridos em escolas onde os conteúdos ainda são pensados para uma maioria ouvinte.

A segunda seção dessa pesquisa discorre sobre a Sexualidade. Objetivou-se esclarecer as concepções que aqui são sustentadas, fazendo um breve relato da sexualidade através de algumas crenças para que se entenda, mais adiante, alguns discursos trazidos pelos alunos nas pesquisas de campo, e também para que entendam as linhas utilizadas para a coleta e análises dos dados. Este estudo buscou refletir sobre a educação em sexualidade na escola dentro de uma abordagem não sexista⁶.

A terceira seção traz a abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa e discorre sobre os atores principais, o motivo da escolha das rodas de conversa subsidiarem a metodologia desse estudo, e os caminhos que a pesquisadora utilizou. Nessa seção foi apresentada a metodologia que a escola baseia seu trabalho, onde os alunos dessa pesquisa estudam.

A seção quatro apresenta a coleta de dados e as análises, das entrevistas, das rodas de conversas, todas essas análises a luz do referencial teórico apresentados nas seções anteriores. É objetivo desse estudo, apontar para uma educação em sexualidade, que possa garantir mais igualdade e equidade nas relações de gênero, apontando para possibilidades dos surdos diminuírem as desigualdades de gênero e sociais, que faça sentido aos adolescentes, surdos e

⁶ Sexismo/sexista 1. atitude de discriminação baseada no sexo; 2. tendência para associar determinados papéis Sociais convencionais a cada um dos sexos. Dicionário da Língua Portuguesa com acordo ortográfico (2003)

surdas e suas famílias.

Essa pesquisa para finalizar nas considerações finais, atuou com conceitos de gênero e sexualidade com os surdos, a fim de problematizar tais questões, para que, com subsídios fornecidos por eles, possam ser identificados, problematizados, sensibilizados e a partir destes elementos, possibilitar uma construção de uma educação em sexualidade e relações de gênero, significativa para esses alunos e que eles possam multiplicar esses elementos.

Tal proposta buscou responder questionamentos iniciais dessa pesquisa, tais como: quais os meios que os (in)formam sobre questões da sexualidade; além de lidarem com conflitos e angústias provenientes deste público jovem e surdo e, ainda, lançar uma provocação ao contexto escolar, professores, alunos, intérpretes, para que possam se movimentar na busca de um trabalho com Educação em sexualidade.

1 A FORMAÇÃO DE CONCEITOS E A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DO SUJEITO SURDO.

Ao iniciar este estudo, é importante, antes de discutir a busca do entendimento da sexualidade do surdo, que é o cerne da pesquisa, a compreensão de como ela se dá, quais os elementos que a pessoa surda tem para que o conceito se formule, e que se construa uma base para outros conceitos se fundamentarem na temática da sexualidade em sua vida.

Para tal, é importante falar da formação desses conceitos, que é diferente da formação do conceito por ouvintes. A problemática da surdez é justamente como o sujeito surdo constrói os conceitos, no caso dessa pesquisa, os de sexualidade, e como internaliza seus significados, os ressignificando, e qual a importância dessas formações e ressignificações para a construção de seus conhecimentos e atuações na comunidade.

Sendo assim, inicialmente iremos discorrer sobre a questão da construção da língua, para podermos analisar mais claramente as questões que traduzem o aprendizado e as formações de conceitos. Observaremos alguns pontos que poderão deoar nas construções do pensamento do sujeito surdo, como por exemplo, a falta de mediação apropriada, que lhe traga subsídios para uma apropriação de significados frente à imagem gesto-visual, no caso de Libras, dos signos.

Há várias formas de se trabalhar com a educação de surdos, mas ficaremos aqui focados na perspectiva histórico-cultural, que tem Vygotsky (1998), como principal autor, na discussão dessa perspectiva. Essa abordagem é o eixo principal na linguagem, para os processos de desenvolvimento e constituição do humano, trazendo a importância da linguagem no pensamento e seus reflexos na educação e desenvolvimento da pessoa surda, no que se refere a construções de sentidos, conceitos, emoções, raciocínio, entre outros organizadores na formação do psiquismo.

Primeiramente, gostaríamos de nos apropriar dos estudos de Lacerda (1998, p. 38) que conceitua linguagem como "atividade constitutiva dos sujeitos. É nela e com ela que (...) nos tornamos 'humanos', nos apropriamos da cultura circundante e temos acesso aos conhecimentos construídos ao longo da história da humanidade".

Nesta vertente, trabalharemos com Vygotsky (1998) que vincula a linguagem à formação das funções psicológicas superiores e trabalha com a linguagem como sendo um instrumento de mediação para atingir o desenvolvimento, seja ele de formação de sujeito e de sexualidade.

Vygotsky (1983) traz que a criança surda irá necessitar do meio social como papel

fundamental no seu desenvolvimento, pois é esse que possibilitará à criança subsídios para que essas compensem suas dificuldades. Se tratando de linguagem como processo de formação de pensamento, o pesquisador irá então defender a utilização da comunicação visual gestual como substituição da língua oral, uma vez que esta será uma língua adaptada ao convívio social e que permitirá pensar e constituir-se como ser pensante, respeitando suas culturas e identidade.

Como destaca Góes:

A idéia de compensação com a qual Vigotsky trabalhou: Refere-se mais amplamente a um processo presente em qualquer matéria viva, mediante o qual ocorrem compensações de ordem orgânica pelas quais um órgão substitui e/ou realiza a função do outro. Embora possam ser vistas como análogas às orgânicas, as compensações sócio-psicológicas humanas são distintas, visto que as possibilidades compensatórias oferecidas ao indivíduo não estão, unicamente, na dependência dos fatores biológicos, mas, sobretudo, das relações com o outro, na qualidade de vivência do indivíduo nos diferentes espaços da cultura. (GÓES, 2002. p.97)

Para Vygotsky (1984) é necessário que a linguagem se construa, e para tal, ele tem as funções psicológicas superiores como elemento principal. Muitas vezes, os surdos tem essa construção truncada devido à carência de mediações culturais e sociais na aquisição da linguagem, conseqüentemente, do pensamento. Tais mediações possibilitam que o sujeito surdo interaja na sociedade como participante, sujeito de trocas e colaborações, o que organizará os papéis psicológicos do surdo, pois segundo o pesquisador acima,

[...] todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológico) e, depois, no interior da criança (intrapsicológico). (VYGOTSKY, 1984, p. 64).

Segundo Vygotsky (1998), a formação de conceitos objetivos e subjetivos inicia-se na infância, por isso, a importância de iniciar este processo nos primeiros anos de vida. O desenvolvimento e a fixação dos conceitos se darão na adolescência (a partir dos 11 anos), onde iniciarão as abstrações desses, pois, para que esses ocorram, é necessário haver experiências. Sendo assim, a idade não é o fator mais importante e sim as possibilidades de interações com o meio social.

Assim, nessa pesquisa, optamos por não ser fundamental o tipo de código linguístico que o sujeito apresenta, e sim suas inter-relações, suas trocas com o meio e suas experiências linguísticas, fundamentais para a construção dos pensamentos, das estruturas mentais superiores. As funções mentais superiores são as ações controladas, tais como ações voluntárias, memória lógica, pensamento abstrato e a ação intencional. As funções mentais

superiores são construídas na interação entre as pessoas e o meio cultural.

Em relação à linguagem humana, Vygotsky (1999) considera duas funções básicas no que se refere à formação de conceitos. São elas: a comunicação social (com o meio social e cultural que a pessoa interage) e a de pensamento generalizante (aquela que ordena em conceitos os objetos), fazendo com que haja uma comunicação diante destes conceitos, surgindo os processos de abstração e generalização, que serão necessários para a formação dos conceitos científicos.

O professor deve ser um mediador no processo de formação de conceitos. Ele deve interagir e mediar conhecimentos aos alunos, para que esses construam seus conhecimentos de maneira crítica, sendo capazes de darem sentido aos conceitos refletindo assim, a temática trabalhada perpassando por significados, sentidos, valores, crenças e saberes. Isso também deve ocorrer na temática da sexualidade, portanto, o professor deve ter uma formação que atenda aos alunos com significantes e significados.

Neste sentido, o professor ao trabalhar com a temática de Educação em Sexualidade, deve além de conhecer a temática, saber sobre a cultura do grupo com o qual trabalha, para poder desconstruir paradigmas e preconceitos historicamente construídos, estando sempre atento às crenças e mitos que aquela cultura carrega nas temáticas trabalhadas em Sexualidade.

A formação de conceitos sobre sexualidade, para um ensino formal de educação em sexualidade no ambiente escolar, deve contar sempre com a presença de um intérprete de Libras e professores com formação na língua brasileira de sinais, para assim, podermos falar de um começo de ensino diferenciado e efetivo, que respeite a cultura do aluno, que promova a melhor internalização dos saberes. Enfim, que seja capaz de construir os significados reais e abstrair os seus conceitos, fazer associações com conhecimentos previamente obtidos de modo não truncado e respeitoso a sua identidade linguística.

1.1 O Papel do Intérprete Educacional: interpretação ou ensino no que se refere a sexualidade e gênero?

Como vimos anteriormente, o sujeito surdo tem a mesma capacidade de construir os conceitos relativos à sexualidade do que o sujeito não surdo, com o diferencial que ele é usuário de uma língua gestual-visual, não oral, como os ouvintes.

Este sistema gesto-visual, usado através de Libras, garante ao surdo um maior desenvolvimento nas capacidades de reestruturar os pensamentos, como apontados nos

escritos anteriores.

Mas então, ficam aqui duas questões a serem pensadas e problematizadas. A primeira é: Quais elementos na escola podem estar desfavorecendo o aprendizado pleno do sujeito surdo em relação à temática da sexualidade e gênero? Já a segunda questão é: Estaria o surdo sendo mais prejudicado que o sujeito ouvinte no que tange ao aprendizado de Sexualidade e gênero no ambiente escolar?

Um dos primeiros elementos que ajudariam a responder a primeira questão, dizem respeito à falta da disciplina "Educação em Sexualidade" ou temáticas que fossem trabalhadas na formação inicial do futuro professor, ligadas à sexualidade e relações de gênero, que somadas à formação continuada na escola, dariam subsídios aos professores. Os PCNS⁷ (1997) são outra possibilidade de atuar com a temática da sexualidade e gênero, porque é um documento que trata de várias temáticas, entre elas, a de Educação em Sexualidade nas escolas, como tema transversal, o que, mesmo expressando toda sua importância nas instituições e na vida das pessoas durante toda a sua vida, chega ainda hoje, de modo tímido às escolas.

Neste sentido, uma reflexão se faz pertinente neste texto, que é o da indagação feita sobre "quais elementos podem estar desfavorecendo o aprendizado pleno do sujeito surdo em relação à esta temática". A resposta vem pautada em outra reflexão: como vem sendo trabalhada a questão da Educação em Sexualidade como uma aprendizagem inerente a todos, uma vez que, a sexualidade está intimamente ligada à vida de todos os seres humanos, assim sendo, os sujeitos surdos fazem parte desta aprendizagem. Sendo assim, os ensinamentos de sexualidade e gênero, devem ser levados às escolas de maneira não sexista, livres de julgamentos, de preconceitos, de valores pessoais, por um profissional especializado e formado para tal trabalho, o que nem sempre verifica-se dentro do ambiente escolar. (BRASIL, 1997).

Para tal, mesmo que um professor atue, conforme os PCNs apontem, com formação adequada, o aluno surdo, necessita da condição do Intérprete educacional de libras, para que o conceito, o seu significado e a ressignificação desses conceitos apreendidos na sala de aula, possam chegar a ele, para que ele possa atuar como sujeito, surdo, mas autônomo, nas suas decisões e ações no contexto de sexualidade e gênero.

⁷ PCNs (1997) são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal com o objetivo principal *orientar os educadores* por meio da normatização de alguns fatores fundamentais concernentes a cada disciplina. Esses parâmetros abrangem tanto a *rede pública*, como a *rede privada de ensino*, conforme o nível de escolaridade dos alunos. Sua meta é garantir aos educandos o direito de usufruir dos conhecimentos necessários para o *exercício da cidadania*.

É importante salientar que os surdos aprendem de maneira visuo-gestual e não são menos capacitados para se desenvolverem do que as pessoas ouvintes em relação aos conceitos que circulam na escola. Porém é perigoso o intérprete convencionar, por exemplo, um sinal para "sexualidade", uma vez que esse sinal não existe em Libras, e muitas vezes é um sinal atrelado a sexo; se o professor tiver formação em sexualidade e em libras, ele buscará desatrelar em suas aulas os dois conceitos. Essa é uma das barreiras que existem nas formações distorcidas de conceitos relativos à temática no ensino para os sujeitos surdos. O professor não tem uma boa formação em Libras e nem a formação para o trabalho em sala de aula com sexualidade e gênero, assim como também não tem fundamentação teórica na sua formação inicial e continuada, para o entendimento do aluno surdo.

É importante destacar a relevância da formação inicial e continuada, não só de intérpretes educacionais, mas também do professor regente que atuará com esses intérpretes educacionais, a fim de entenderem o processo colaborativo que necessitam para atuar dentro de uma perspectiva de educação inclusiva, que se volta a todos os conhecimentos que circulam na escola, e que gerarão outros e outros.

Ensinar sobre sexualidade compreende um ensino formal sobre a temática e livre de preconceitos e dogmas, desprendendo-se das apenas visões e análises biológicas comumente ensinadas nas escolas, durante as aulas de Ciências. A sexualidade e gêneros passam por conceitos sociais, históricos, emocionais, para além dos conceitos biológicos.

Tanto o aluno ouvinte quanto o aluno surdo aprendem sobre sexualidade e gêneros em diversos meios sociais: na mídia, na escola, na família, com amigos, na internet, entre outros. A diferenciação da apropriação dos conceitos, se considerarmos a negociação de significados, a negociação de valores, pois cada grupo social – cada classe, profissão, geração, religião, região – tem seu modo próprio característico de falar, seu próprio dialeto, suas características, sendo que, as palavras não podem ser entendidas fora do contexto e dos sujeitos que as falam. Portanto, no caso das pessoas surdas, a formação e o entendimento da sexualidade e das relações de gênero se dão por vários caminhos, mas o mais importante é que ele possa usufruir da língua de sinais, dentro de uma relação dialógica, isto é, por meio de uma pessoa, seja ela surda (instrutora) ou ouvinte (intérprete), que possa mediar a formação por meio da Libras, sua língua de direito e de acesso a significação e ressignificação de conceitos e de conhecimentos. Porém, esses mecanismos não bastam para tal formação. A formação se dá por meio de conhecimentos que circulam na escola, com referencial teórico adequado e com professores formados para tal ressignificação.

1.2 Identidade Surda: constituição de um ser silenciado

Buscar falar de identidade surda, e desmembrar em subseções diferenciados ao abordarmos primeiramente Língua e linguagem, e depois a identidade surda, foi uma atividade um pouco desafiadora. Não foi totalmente possível separá-las, visto que a identidade, a língua e a linguagem se constroem conjuntamente, ou seja, o "ser surdo" está intimamente ligado com a construção dos seus desejos e olhares para dentro de si e para o mundo externo, assim como os relacionamentos que constroem, ou seja, nas relações que este sujeito desenvolverá consigo e com o meio social, para tal, é necessário ele se expressar, ele usar de signos e sua linguagem, no caso dos alunos surdos pesquisados, e serem sujeitos possuidores e dominadores da língua de sinais, a Libras, ou seja, a identidade que se constrói é toda pautada por meio dessa língua, a Libras.

Entretanto, falar de surdo, identidade surda, é muito complexo, o que daria uma pesquisa enorme, mas tanto já se falou de identidade de surdos, portanto resolvemos esclarecer um pouco sobre a identidade surda, pois contamos com vários estudos, os mais importantes, descreveremos nesse texto. Os estudos da pesquisadora Gládis T. T. Perlin (2010) é importante por analisar os aspectos da constituição e das construções da identidade surda, sendo ela, uma pesquisadora importante nesse tema e ainda por ser uma pessoa surda. Perlin (2010, p. 51) se define, em características identitárias, como "mulher, surda não nativa, teóloga, militante pela causa surda, residente em um país Latino-Americano". Ao definir-se assim, está dando suas formações de identidade, de como se enxerga e como se constituiu até o presente momento. Não nasceu com essas características, mas tornou-se até o momento. Sendo assim, seus desejos que fazem parte de sua linguagem e também de sua sexualidade estão diretamente ligados a sua formação da identidade como pessoa, seja surda ou ouvinte.

É importante saber o que entendemos por identidade, com base nos estudos de Hall (1997) e Perlin (2010). Ela é a referência na qual nos apoiamos em nossas coletas e análises desse estudo, além de ser um elemento importante para entender o sujeito surdo e a escola. Perlin (2010) sustenta que a educação dos surdos, foi toda construída em um paradigma ouvinte e que esta produziu "verdades" excludentes ao surdo, grupo este minoritário dentro do grupo de ouvintes. Sendo assim, a pesquisadora faz uma valiosa reflexão sobre o "ouvintismo", que segundo ela, é uma "forma atual de continuar o colonialismo" do ouvinte para com o surdo.

O pesquisador e estudioso Stuart Hall (1998, p. 10) afirmava que todo sujeito estava "inserido em uma modernidade tardia em que as identidades são fragmentadas". Já Perlin

(2010) define identidade como "um conceito de identidades plurais, múltiplas, que se transformam, que não são fixas (...) que podem até ser contraditórias, que não são algo pronto". Alguns elementos que caracterizam essa formação de identidade, segundo Hall (1998), são:

[...] contraditórias, se cruzam e se deslocam continuamente; as contradições cruzam grupos políticos ou mesmo estão na cabeça de cada indivíduo; nenhuma identidade social pode alinhar todas as diferentes identidades como uma identidade mestra. (Hall, 1997, p. 21).

Após esses apontamentos sobre identidade de uma maneira mais geral, iremos focar especificamente a identidade surda, lembrando que para Perlin (2010) não se deve analisar a surdez com base na necessidade da normatização, ou seja, não cabe analisarmos o surdo com base no sujeito normal ouvinte, e sim entender a Identidade Surda com foco nela narrada entre seus pares, nos discursos surdos que são encontrados neles e entre eles. Talvez seja mais fácil entender isso se entendermos melhor quem são os surdos que nos referimos na pesquisa. Na pesquisa, trabalhamos com a concepção que o surdo não é alguém de faltas. Os surdos têm uma identidade própria por serem sujeitos que tem como comunicação uma "experiência visual", diferentemente dos ouvintes que têm uma "experiência auditiva".

Cabe então pensarmos em identidades diferentes e não fazermos comparações entre elas. Como dissemos no início, a relação de poder ouvinte-surdo existe, é inegável, mas o surdo é um grupo minoritário linguisticamente e está inserido em uma cultura majoritária ouvinte, porém, o que é importante ressaltar, é que a identidade surda não se dilui no encontro com os grupos sociais que assumem a identidade ouvinte. Sabemos que nem sempre os surdos têm a Libras como sua primeira língua, embora seja uma língua já reconhecida por legislação⁸, nem sempre os surdos tiveram esse acesso respeitado em diversos âmbitos da sociedade, seja em ambientes escolares ou mesmo nas famílias.

Hall (1997) afirma que as pessoas eram definidas como tendo uma identidade já definida e estável, mas ela com o tempo foi se modificando e a identidade se tornou fragmentada; construída de várias identidades, muitas vezes repletas de contradições, outras não entendidas, não resolvidas, outras destroçadas. Assim nasce o sujeito pós-moderno, possuidor de uma identidade não permanente. Com isso, a identidade está sempre em movimento: significada e ressignificada sem paragens em relação às formas pelas quais os sujeitos são representados ou interpelados nos sistemas culturais que os circundam (Hall,

⁸ Lei de Libras 10.436/2002, regulamentado pelo Decreto Federal 5.626/ 2005.

1997). Ele afirma ainda que essas identidades que se formam, não são definidas pelo fator biológico, mas sim, pelo fator histórico. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.” (HALL, 1997, p. 20).

Assim também ocorre com os sujeitos surdos, eles também possuem identidade em movimento, fruto de suas vivências historicamente construídas, formando suas várias identidades. Quando falamos em sexualidade dos surdos, o quanto de suas histórias vivenciadas pesam na construção de suas identidades e como essas experiências deveriam ser concretizadas de conhecimentos, de vivências que pudessem ressignificar suas experiências, mas não são. Mas muitas vezes, por falta de formação, informação adequada e de vivências de sexualidade, na comunidade, na família e principalmente na escola, o surdos recebem e constroem um conhecimento equivocado, formando assim identidades muitas vezes repletas de contradições, outras não entendidas, não resolvidas, outras destroçadas, que deixam marcas e dores. Os surdos podem ganhar, mas também perder na busca por sua identidade sexual, que para os ouvintes, nem é reconhecida.

2 SEXUALIDADE

Antes de analisarmos como a temática da sexualidade vem sendo presente e importante na vida dos jovens surdos nessa escola, precisamos verificar onde ela se faz mais presente de maneira significativa na vida desses sujeitos. Ao refletirmos, temos um sentido movimentador e provocador, a sexualidade promovendo um deslocamento intelectual e de comportamento do ser humano, no caso aqui os surdos, sujeitos dessa pesquisa.

As atitudes reflexivas que desenvolvem um pensar e um agir de maneiras diferenciadas, fazendo sentido nas vidas desses jovens, são importantes instrumentos para que eles se apoderem de suas sexualidades. São também importantes, uma vez que, assim como todos os jovens, necessitam de mediações para buscarem caminhos coesos, sérios, críticos, autônomos, respeitáveis e dignos.

Para podermos investigar como esses comportamentos se evidenciam, é necessário buscar onde estão suas origens; quem são as molas propulsoras e/ou fixadoras das ideias que os jovens surdos carregam consigo a respeito da sexualidade. Seriam as culturas as responsáveis por trazerem elementos mitológicos enraizados de credences e valores históricos e socialmente construídos? Ou seriam suas famílias? Ou seria ainda, a escola, que fortalece formas caricatas construídas na sociedade, mídia, religião, aperfeiçoadas e concretizadas dentro dela?

Ou ainda, seria uma soma de tudo que aí aparece na sociedade, a grande propagadora do que deveria ser entendido como certo e errado, ao exaltar belos corpos, consumos exacerbados de produtos de beleza, todos os tipos de medicamentos, produtos e até cirurgias visando uma beleza padrão para a melhor aceitação social antes mesmo de trabalharem as melhorias internas e pessoais? Ou poderiam ser a falta de políticas públicas educacionais efetivas para se trabalhar nas escolas sobre a temática de sexualidade? Ou a política pública de educação existe, mas não são efetivas para o trabalho do professor no Brasil? Onde está (estão) este(s) entrave(s)? Como os municípios andam usando a LDB, os PCNS, no que diz respeito à educação em sexualidade nas escolas? São várias as questões que precisamos entender para desconstruirmos alguns mitos ou até mesmo para entendermos algumas más eficiências educacionais no que tange ao trabalho de educação em sexualidade e relações de gênero na escola.

Quem seriam os grandes responsáveis pela divulgação do ensino em sexualidade para os jovens? Será que os pais, ao não aceitarem o ensino de uma disciplina de educação em sexualidade com um profissional especialista, realmente toma para si a responsabilidade de

preparar o filho para entender sobre questões de gênero, desenvolvimento do corpo, higiene, doenças sexualmente transmissíveis, sexualidade, diversidade sexual, e tudo que rege o comportamento humano nas relações sociais/afetivas? Estamos elencando alguns temas para podermos desenvolver adiante e podermos analisar a partir de vários olhares e reflexões.

São várias as questões que temos que abordar para analisarmos aspectos de sexualidade e de gênero dentro de uma determinada cultura, visto que estes aspectos são construídos socialmente e sofrem mudanças no decorrer da história e de acordo com a cultura das diferentes sociedades. Trabalharemos inicialmente com a história da sexualidade a fim de esclarecermos a temática em diferentes momentos da história e frente às relações sociais de diversas culturas.

Essa explanação tem por objetivo fazer o leitor compreender melhor alguns elementos hoje muito presentes na sociedade, tais como o preconceito, as crenças, os julgamentos de valores em relação a essas construções sociais relativos às questões de gênero e à sexualidade na atualidade, e ainda darão subsídios para entender os principais temas que serão desenvolvidos no decorrer desta pesquisa com jovens surdos.

Conceitos de sexualidade para adolescentes. De onde vem o saber do jovem sobre a temática? Como anteriormente dito, abordaremos a educação em sexualidade e sua importância no ensino educacional, principalmente no que diz respeito à "maneira dos jovens perceberem e compreenderem a sexualidade". Nesse sentido, é importante que se construa e desconstrua conceitos sobre as temáticas referentes à sexualidade dentro de um aspecto histórico-cultural, fazendo com que as pessoas percebam "as crenças e preconceitos que foram criados ao longo da história" (DINIS; OSSINELLI-LUZ, 2006).

Para que possamos desenvolver esta pesquisa de elaboração de conceitos sobre sexualidade, primeiramente temos que conhecer o público a qual este estudo se dirige. Portanto, é importante esclarecer que estamos olhando atentamente para os comportamentos de jovens surdos de uma escola na cidade do interior paulista, Piracicaba, em idade adulta e não de adolescentes, embora estes adultos estejam cursando o Ensino Médio, escolaridade esta normalmente frequentada e pensada por adolescentes.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – entende-se por adolescente "aquele entre 12 e 18 anos de idade". Temos apenas uma adolescente, com idade menor a 18 anos, participante dessa pesquisa, mas todos cursam o Ensino Médio. Os conceitos de adolescência, assim como o de sexualidade, são socialmente construídos. Usaremos para este

estudo o conceito de adolescência do ECA⁹. Segundo Ozella (2003), a dimensão social do termo "adolescência, traz consigo a construção da subjetividade de cada sujeito, isto é, a unicidade de cada um".

Sendo assim, cada adolescente deve ser visto como ser único e singular, levando em conta também os aspectos da sua afetividade e de sua sexualidade. Considerações e influências culturais, midiáticas, sociais, históricas, educacionais, entre várias outras que dizem respeito a sua unicidade. A construção do sujeito e suas identidades influenciam direta e indiretamente o sujeito no seu dia a dia, e, de acordo com os processos que constrói, elabora, surgem suas identidades em relação à sexualidade e como elas são constituídas. Portanto, falar de sexualidade é abordar os aspectos já evidenciados acima, mas também contextualizar esses aspectos, porque eles variam de acordo com a cultura e tudo que vem junto com ela.

Sexualidade é um tema instigante, porque remete a outros e a outros, como a religião, cultura, história, a educação, e tantos outros que estão intimamente ligados e se entrelaçam na e em sexualidade, desvelando fracassos, respeito, preconceito, dignidade, exclusão, inclusão, diversidade, moral, valores, e assim, mostrando de onde veio e para onde vai o sujeito e suas sexualidades.

A escola é o espaço que engloba todos esses aspectos, portanto, é importante reconhecer e reconstruir aspectos que favoreçam a sexualidade e relações de gênero, priorizando a igualdade e equidade entre toda a comunidade escolar, repudiando os que provocam a desigualdade, modos de exclusão, preconceito e violência.

Guacira Lopes Louro (1997), afirma:

Ser indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. Podemos estender as análises de Foucault, que demonstraram o quanto às escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais, nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando (e constituindo) as sexualidades dos sujeitos. (LOURO, 1997, p. 81)

2.1 Educação em Sexualidade no contexto escolar

Iniciaremos problematizando o ensino da Educação em Sexualidade no ambiente

⁹ O ECA foi instituído pela Lei 8.069 no dia 13 de julho de 1990. Para o ECA é considerada **criança** a pessoa com idade inferior a doze anos e **adolescente** aquela entre doze e dezoito anos de idade, culturalmente no Brasil se considera adolescente a partir dos 13 anos. Outra diferença entre a lei e cultura é o Estatuto da Juventude, LEI Nº 12.852, que considera jovem a pessoa até vinte nove anos de idade, mas que culturalmente no Brasil se considera até vinte quatro anos de idade. Para a prática de todos os atos da vida civil, como a assinatura de contratos, é considerado capaz o adolescente emancipado.

escolar como um todo, para fazermos apontamentos da educação em sexualidade que acontece na escola pesquisada e os comportamentos dos jovens surdos e seus interesses e necessidades dentro do ambiente escolar e para que possamos nos ater e refletir as questões de gênero, educação sexual, sexualidade e da imensa gama de diversidade existente nessa instituição, sejam linguísticas, culturais, étnicas, entre outras, que dizem respeito aos alunos surdos.

Nesse estudo feito com os surdos, constatamos que os assuntos que chegam até eles são de forma generalizada e de senso comum, tanto na família, como na escola, não diferenciando muito das informações sobre sexualidade que chegam aos ouvintes no dia-a-dia. Segundo Sousa, Fernandes e Barroso (2006) o fato dessas informações chegarem de forma generalizada, sem serem contextualizadas aos sujeitos surdos, contribui para as visões superficiais e preconceituosas sobre as temáticas de educação e orientação sexual, prática sexual, DST's, entre outras que são compartilhadas entre esses jovens.

No contexto do trabalho com a educação em sexualidade com os adolescentes e jovens, é importante ressaltar que todos, independentemente da faixa etária, são seres humanos e estiveram em contato com a sexualidade desde a concepção, sendo seres que podem ser sexuados. Dizemos isso pois buscamos nessa pesquisa, reconhecer se o sujeito surdo apresenta essa consciência de ser um ser sexuado desde a sua primeira infância. A maioria deles se coloca como ser humano assexuado, por não entenderem o que seja ou muitas vezes confundem sexo com assexuado, portanto entendem que quem não faz sexo é assexuado.

A educação em sexualidade é uma temática pouco ou nada trabalhada com os adolescentes em sala de aula, ou mesmo no ambiente doméstico e outras instituições até mesmo não formais, pois envolve muitos tabus, preconceitos, equívocos. Segundo Vitella (1994), os adolescentes dão início à vida sexual por volta dos 15 anos de idade, idade esta, que os adolescentes ainda estão frequentando a escola, portanto, seria muito importante que a educação em sexualidade acompanhasse todo o período escolar da criança até a sua saída, na adolescência, por ser essa fase, cheia de equívocos, descobertas e interesses sexuais, além da orientação sexual que começa a se manifestar, muitas vezes sem mediação, provocando medos, sofrimento e reforçando tabus com relação a essas descobertas.

Vitella (1994), ainda aponta em seus estudos, que os professores, de maneira geral, não recebem formação inicial ou continuada adequada para trabalhar estes temas nas salas de aula e em todo ambiente escolar, com seus alunos, mas também entre seus pares, ou outros profissionais que atuam no ambiente escolar, sejam eles, o monitor, o intérprete, o diretor, o

faxineiro, o merendeiro, enfim, todos que convivem no âmbito educacional.

Sendo assim, essa pesquisa aponta ao leitor a importância da discussão dentro dos muros escolares e a relevância do trabalho com a temática da sexualidade e relação de gênero com todos os profissionais, mas para tal, é importante salientar que a preparação se faz necessária a todos os profissionais da escola, que convivem diariamente com os alunos, surdos ou ouvintes, para que se atentem às questões do trabalho de educação em sexualidade e de relações de gênero, para que possam atuar de forma harmônica, crítica e autônoma, com respeito a todos.

É importante que se atente que na escola onde se deu a pesquisa, o conceito de sexualidade dos sujeitos surdos foi normalmente confundido com o termo "sexo". Essa associação/confusão também foi notória nos jovens ouvintes da escola, mas eles não são o foco da pesquisa, Todavia entendemos que essa confusão com os jovens surdos é mais compreensível pelo fato de não existir o sinal de "sexualidade" em Libras, ou seja, na sociedade o termo não circula.

Nessa pesquisa, pode-se perceber que nenhum jovem surdo tem o conhecimento do termo "sexualidade", mas, conhecem algumas temáticas que dizem respeito, tais como concepção, DSTs, relacionamentos, gênero, homossexualidade, homofobia, preconceito, namoro, sexo, mesmo que de forma superficial e/ou sexista e carregada de valores morais equivocados e valores religiosos rígidos e preconceituosos. O que se entende é que no contexto dessa escola, para os surdos, não havendo o significante, o significado pode variar muito, uma vez que, sexualidade é um conceito muito amplo e que necessita reflexões críticas e formação cotidiana, tanto para os surdos quanto para os ouvintes.

Não queremos sobrecarregar a Libras com a falta de conhecimento sobre sexualidade na língua de sinais ou no jovem surdo. Gostaríamos de destacar que jovens ouvintes também tem esta dificuldade quando se pede para que explique sobre sexualidade. Como apontam Marola, Sanches e Cardoso (2011) esta confusão é muito frequente entre os adolescentes ouvintes, visto que estes tem o maior contato com questões da sexualidade nos ambientes informais, via oralidade.

Sendo assim, há uma linha muito tênue que irá separar o não conhecimento sobre o termo que os ouvintes tem devido à falta de educação sexual com profissionais especializados, do desconhecimento total do significado, devida a não existência de um sinal que circule entre os jovens, de um signo linguístico nunca visto mesmo em meios informais, entre os jovens, mídias e os meios que possam atingi-los de modo direto ou indireto.

Alguns pesquisadores, tais como: Lacerda (2012), Skliar (2001), Strobel (2008), entre

outros, tem discutido sobre a inexistência/existência de um sinal específico para que se atrelem temáticas como "Gênero", "Namoro", "DST's", "Diversidade", "Desejo", "Sexo"... ao termo Sexualidade. Alguns sinais já foram observados no decorrer do nosso estudo com surdos, tais como sinal de sexo + estudo (estudo do sexo); sinal de sexo + DADE em datilologia, S-E-X-U-A-L-I-D-A-D-E (datilologia), sinal de homem + sinal de mulher (como sinônimo de sexualidade) e sinal de "sexo" para sexualidade assim como vários sinais combinados e/ou improvisados que alguns intérpretes estabelecem antes ou durante a interpretação.

Nota-se assim que essas estratégias do dia a dia muitas vezes acabam por resolver uma questão emergencial para uma aula, palestra ou interpretação, mas não faz com que o surdo crie associações e elabore em sua estrutura psíquica organizações mentais que construam sentido e significado próprios sobre o tema e com sentido para suas formações de identidade. (LACERDA, 2012).

Assim como acontece com alguns professores, que não estão preparados para trabalharem com a temática da sexualidade, também aconteceu com alguns intérpretes de Libras que relataram sentirem-se desconfortáveis para interpretar a temática da sexualidade, e acabaram transmitindo para os surdos valores próprios sobre a temática, que ainda é permeada de equívocos e tabu. Posturas impróprias de não especialistas muitas vezes podem transmitir informações errôneas sobre os assuntos aos alunos, visto que os conhecimentos sobre sexualidade exigem construções, não são conhecimentos prontos, mas conhecimentos que estão sempre em movimento, se constroem e reconstroem a todo o momento (ROSSI; LIMA, 2015). Somente com o conhecimento construído de modo reflexivo e crítico, dentro de análises históricas de acontecimentos, lutas e conquistas, é que o aluno poderá construir suas opiniões sobre algumas das temáticas da sexualidade de modo não sexista e livre de dogmas, tais como a homossexualidade, os movimentos feministas, as conquistas das mulheres, a construção do feminino, os movimentos LGBTTTS, discussões sobre as relações de poder que imperam sobre a temática da Sexualidade mediante os poderes do Estado, e das igrejas sobre as pessoas e suas manipulações, assim como outras discussões.

As discussões na escola são importantes para os jovens criarem seus próprios entendimentos, tendo suas próprias concepções das temáticas, sempre lembrando que o mediador, no caso o professor, não é um transmissor e sim um provocador de ideias, que deve constantemente desconstruir mitos e ideias e fazer brotar novos pensamentos nos alunos tendo como pano de fundo a ciência. Para as provocações dos mediadores sobre sexualidade, é sempre importante que o mediador esteja atento e buscando saber quais as principais fontes

que levam a informação para estes jovens? Quais estão sendo, na atualidade, os principais veículos influenciadores? O que e como estes tem acesso à Sexualidade e quais os principais interesses destes jovens no momento, no que tange a sexualidade, e atuar de modo a mostrar novas possibilidades a esses jovens, surdos e ouvintes de um entendimento sobre sua sexualidade de maneira responsável e compromissada com ele e com o outro.

Sendo assim, a partir dessas análises constantes dos mediadores, deve-se buscar saber como estes jovens, a partir dos formadores de opinião estão construindo seus conceitos. Como eles estão, de fato, se apropriando das informações sejam elas vistas, lidas ou conversadas? Atuando para desconstruir equívocos e tabus. Neste sentido, é um dos objetivos desse estudo analisar quais discursos eles estão se apropriando em suas construções, e buscar, através das análises das rodas de conversa que foram colocadas na escola durante a pesquisa, saber como eles internalizaram as temáticas da sexualidade, uma vez que, não há uma educação formal sobre essas temáticas no ambiente escolar.

3 CAMINHADAS DA PESQUISA

3.1 Abordagem metodológica

Nesta pesquisa utilizaremos para análise a abordagem qualitativa, considerando que na investigação qualitativa, os dados são coletados no contato direto com as pessoas em seu próprio contexto. A preocupação está dirigida à compreensão de comportamentos, experiências, motivos, crenças, valores, atitudes, aspirações e o modo como as pessoas interpretam e dão sentido a determinados aspectos. (BOGDAN, 1994; BIKLEN, 1994; MYNAIO, 1996).

Segundo Ludke e André (1986) há cinco itens que são parte da pesquisa qualitativa, são elas: a) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador, e e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Utilizamos a roda da conversa para promovermos estes encontros, visto que estes ambientes proporcionam aos alunos uma oportunidade de fazerem trocas de opiniões e expressar seus pensamentos informalmente.

3.2 Coleta de Dados

O trabalho contou, para a coleta de dados, com alguns instrumentos da abordagem qualitativa: roda de conversa por meio de filmagens digitais.

Com a proposta de observar as inter-relações, eu participei diretamente do cotidiano escolar, realizando filmagens diárias da classe onde os alunos surdos estavam inseridos. A observação deu-se da forma mais natural possível, pois embora estando diante da câmera, a classe foi se constituindo como um grupo de alunos, independentemente das línguas que circulavam nela.

Sempre estive presente no contexto da sala de aula, nas reuniões em equipes, no recreio, no refeitório, nos passeios, que eram poucos, já que a classe apresentava um comportamento que, para a escola, era muito difícil (haverá um momento mais adiante que esse fato será relatado de forma mais detalhada). Participei também de visitas e algumas vivências proporcionadas por alguns professores da classe, principalmente os de recuperação.

A cada visita à escola, eram redigidas as notas de campo, que relatavam a descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades, conversas, ideias, estratégias e reflexões por mim levadas, para que essas informações pudessem, ao término da observação participante, acrescentar subsídios para a construção e análise dos dados. Cabe também relatar que essas notas, foram importantes, deram uma direção à pesquisa, sendo útil para que eu não perdesse o relato de estudo, e criasse a partir das anotações, os arcabouços para a roda de conversa. Sendo assim, foi possível, nessa pesquisa, discernir e selecionar as ferramentas complementares para a coleta de dados e discussões dos mesmos.

O conhecimento do público escolar, o vivenciar cotidianamente as relações que se estabeleceram entre educadores, alunos (surdos e ouvintes) e intérprete de Libras, as leituras, a revisão de literatura, a construção e desconstrução pelo qual passava o meu olhar, foi essencial para que se mergulhasse na metodologia e essa indicasse os caminhos que estão aqui apresentados.

Nesta pesquisa, considerei a importância não só de quantificar dados, mas também de vivenciar aspectos da subjetividade do sujeito surdo junto de seus colegas surdos e ouvintes, de seus familiares, do intérprete de libras, instrutor e da equipe escolar. Deste modo, fez-se a opção pela abordagem qualitativa. Portanto, os dados obtidos através dos instrumentos metodológicos, não foram alterados, de modo que a pesquisa se desenrolasse da maneira mais natural possível, não havendo interferências no processo que já estava estabelecido em sala de aula.

Ao se optar por uma abordagem qualitativa, teve-se como objetivo identificar os significados de sexualidade e relações de gênero de um determinado grupo, no caso dessa pesquisa, formado por alunos surdos do Ensino Médio, de uma escola pública Estadual, polo para surdos, na cidade de Piracicaba, situada no Estado de São Paulo.

Segundo Lüdke e André (1986), a abordagem qualitativa de pesquisa, na área de educação, caracteriza-se por um contato direto do pesquisador com a realidade, e deste modo oferece a possibilidade de documentar o não documentável. No caso específico dessa pesquisa, os instrumentos metodológicos tiveram o papel de desvelar os encontros e desencontros através de filmagens digitais e de observação participativa, de entrevistas, que permearam o dia-a-dia dos surdos em uma sala de aula de uma escola polo, com um mediador, o intérprete de Libras e o instrutor, e suas práticas educacionais, descrevendo assim, as ações e representações de seus atores sociais, bem como suas formas de comunicação e os significados que são criados no cotidiano desses, com relação à sexualidade.

Foi utilizada nos encontros uma câmera HANDYCAM, SONY, modelo DCR- SR47. Tal câmera ficou em um tripé de suporte e direcionada ao grupo de modo que filmasse os intérpretes e os alunos durante os encontros. Todos esses instrumentos metodológicos foram importantes para que juntos pudessem apontar caminhos para a compreensão da sexualidade para os surdos na escola polo, como também nortearam toda a discussão e análises. De acordo com Batzán (1995), a metodologia qualitativa é tanto processo como produto da investigação. Como processo, estabelece uma relação de aprender com, não apenas estudar um determinado grupo em um trabalho de campo. Como produto, constitui-se no relatório de todo o processo empreendido pelo pesquisador e de seus achados. Ela favoreceu a interpretação do significado da sexualidade e de gênero do grupo cultural estudado (surdos), e a utilização de sua língua visual espacial, mediada por um intérprete ouvinte, para a construção de elementos de sexualidade.

Ao finalizar a pesquisa de campo, a investigadora organizou todos os dados obtidos, que aparecem o tempo todo nas discussões, as quais foram consultadas e revistas a todo o momento pela pesquisadora, e foram fundamentais para a composição das análises e discussões dos dados, tendo sempre como foco a compreensão dos protagonistas do estudo.

Em posse desses instrumentos, a investigação prosseguiu levantando categorias e subcategorias dos dados colhidos e analisados, que permitiram a pesquisadora fazer uma discussão interpretativa dos dados, na forma narrativa, valendo-se de suas próprias interpretações, como bem aponta Stake (1994). As categorias que apareceram para as análises foram retiradas da roda de conversa. As questões mais significativas nortearam a seleção das categorias, os quais gerarão subcategorias, que foram identificadas através das respostas dos protagonistas na roda de conversa, com relação à sexualidade e relações de gênero.

Dos comentários obtidos pelos protagonistas da roda de conversa, foram retirados os elementos mais significativos citados por todos. Esses elementos mais significativos e evidentes a todos os protagonistas geraram as categorias. Essas categorias foram compiladas e apresentadas. As categorias emergiram das falas, destacando os achados mais relevantes colhidos, visando estabelecer as ideias centrais contidas no texto. Esses achados representam o mais significativo em toda a narrativa (ANDRÉ, 1995).

A cada discussão feita com os protagonistas, foi atentado com cuidado às respostas, e em cada uma destas, aos elementos mais significativos que trouxeram em seus discursos. Esses elementos mais significativos se evidenciaram como categorias geradas (ênfatizadas) nas respostas, e todos eles foram apresentados nas discussões dos dados, selecionados pela pesquisadora. Os temas mais significativos nortearam a seleção das categorias, os quais

gerarão subcategorias, que foram identificadas através das respostas dos protagonistas entrevistados.

As subcategorias foram geradas a partir das respostas dadas pelos protagonistas por meio de um fio condutor, que teve como objetivo o discurso que os surdos apresentam sobre sexualidade e relações de gênero, dentro de uma escola polo de surdos. Com a proposta de observar as inter-relações no que diz respeito à sexualidade e relações de gênero, a investigadora participou diretamente da roda de conversa, com o auxílio de duas intérpretes selecionadas, contratadas pela escola, indicadas por uma professora desta instituição abordada.

O andamento da pesquisa foi toda realizada em Libras, juntamente com intérpretes proficientes nesta língua. Não haviam tópicos previamente elaborados pela investigadora que, apesar de ter controle sobre o estudo, não exerceu um papel de controle sobre os protagonistas entrevistados.

A forma de recolher dados descritivos foi na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p.134).

A escola que fez parte da pesquisa é uma escola estadual de segundo grau, localizada na área central da cidade de Piracicaba, interior de São Paulo. O nome não foi divulgado por uma questão ética para com os protagonistas da pesquisa. A escola possui um diretor e uma vice-diretora. O público da escola era composto por 815 alunos que residem perto e longe da escola. A entrada dos alunos surdos era feita como qualquer aluno ouvinte, mas tendo que apresentar um documento que registre oficialmente sua surdez, pois todos tem direito a intérpretes e sala de recursos, se comprovada a surdez. A faixa de renda da população desta escola variava entre 1 a 3 salários mínimos. A maioria das famílias era composta por aproximadamente 5 membros. Destes, em geral, 2 trabalhavam para o sustento do lar. O nível educacional e econômico também eram baixo, com escolaridade inferior ao Ensino Fundamental completo.

Nessa escola, estudavam 25 alunos surdos do sexto ano do Ensino Fundamental ao Terceiro ano do Ensino Médio. Trabalhavam, ali, 11 intérpretes, distribuídos em diferentes horários. Eram contratados pela ADE (Secretaria Estadual da Educação) e revezam nos horários das 7:00 às 12:20 (os que atuavam com alunos de Ensino Médio) e 13:00 às 18:20 (para alunos do Ensino Fundamental). Não havia professores bilíngues na escola. Os professores de sala, assim como os funcionários da escola, sabem apenas o básico de Libras. Não havia também sala com instrutor surdo. Havia apenas o AEE com professoras

concuradas. Este atendimento funcionava no contraturno do horário escolar, duas vezes por semana. Não havia horários fixos estipulados, pois depende da necessidade do aluno na semana. Havia duas salas que atendiam "DA" (deficientes auditivos) e uma sala para atendimento dos "DV" (deficientes visuais). Em entrevista com a diretoria, a diretora afirmou que a escola é laica. Participaram da pesquisa, 07 adolescentes surdos, usuários de Libras, sendo 3 meninos e 4 meninas . Um dos alunos, não tinha grande formação em Libras, os outros eram fluentes em Libras.

3.3 Roda de Conversa

roda de conversa foi uma estratégia muito importante, pois libertava a pessoa, para que ela pudesse se instrumentalizar, interagir, olhar, escutar, a partir do outro que estava a sua volta, como no caso desse estudo, os sujeitos surdos.

As rodas de conversas possibilitam encontros dialógicos, criando possibilidades de produção e ressignificação de sentido – saberes – sobre as experiências dos partícipes. Sua escolha se baseia na horizontalização das relações de poder. Os sujeitos que as compõem se implicam, dialeticamente, como atores históricos e sociais críticos e reflexivos diante da realidade. (SAMPAIO, SANTOS, AGOSTINI, SALVADOR, 2014, p.1301).

“As rodas devem ser desenvolvidas em um contexto onde as pessoas possam se expressar, buscando superar seus próprios medos e entraves” (FIGUEIREDO & QUEIROS, 2013, p. 1). Mas o que se observou nas rodas de conversa realizadas na escola, foi a possibilidade de momentos de muita reflexão e aprimoramento, por não intimidarem, não podarem as “falas”, a liberdade dos surdos usarem a Libras, para falar de um assunto muito difícil, que traz vergonha, mal estar, sentimento de culpa e medo, mostra as dificuldades que o sujeito surdo, no caso desse estudo, enfrenta e seus equívocos quanto ao tema, devido a sexualidade não ser amplamente discutida e refletida em todas as instância da sociedade, principalmente na escola.

3.4 Conhecendo a escola

A escola em que a pesquisa foi aplicada é considerada, segundo a sua proposta metodológica, uma escola polo de ensino fundamental e médio dentro de uma abordagem bilíngue para surdos, em uma perspectiva educacional inclusiva.

Entende-se por escola polo de surdos, uma escola que tem vários intérpretes de Libras,

para facilitar a aprendizagem do aluno surdo, assim como aglutina nessa escola polo, vários alunos surdos em várias séries de escolaridade, estudando com alunos ouvintes e sempre com o apoio de um intérprete por sala de aula, onde os alunos estão inseridos.

Nesta escola não há instrutores surdos e nem professores bilíngues. Apenas intérpretes em sala de aula e nas salas de recurso.

3.4.1 A entrada na escola

A entrada na escola foi feita mediante as intérpretes **A.** e **C.**, que foram as responsáveis pelas interpretações de todos os encontros. A a.

Após fazer o contato com a intérprete **A.**, foi levado o projeto e a proposta até a escola pela professora de Sociologia, para ser lido por todos e entendido e para que todos pudessem dar o aval da pesquisa. A professora era conhecida da pesquisadora e explicou a todos os intérpretes, funcionários, professores, coordenadores, diretor e vice, e claro, aos alunos surdos, a pesquisa e os procedimentos dela. Assim, também, foi marcada uma data para que os pais tirassem dúvidas e assinassem o termo de consentimento da pesquisa.

A pesquisadora foi bem recebida na escola, assim como a proposta de trabalho com a temática para aquele público adolescente. A escola demonstrou-se muito receptiva a projetos que busquem trabalhar a educação sexual dos jovens, pois consideravam uma temática pouco trabalhada e que necessitava de maiores esclarecimentos com profissionais qualificados. A pesquisadora foi incentivada a atuar e pesquisar. Não houve nenhuma recusa sobre a pesquisa por tratar de sexualidade e gênero. Todos se colocaram no lugar de acolhimento, aguardaram a pesquisadora com educação e respeito, assim como colocaram as intérpretes a disposição para uma melhor atuação junto à pesquisa.

A fim de conhecer melhor o público da pesquisa, a escola e o meio que vivem, em um primeiro momento, houve a apresentação da pesquisa à comunidade escolar, seguida de acompanhamento dos alunos, depois convívio com alunos surdos, para a visualização de alguns dados importantes para a pesquisa tomar forma, entre eles, como eles interagem entre si; se a escola realmente favorecia a inclusão; se os alunos tinham alguns privilégios por serem surdos; se eles tinham o direito do intérprete respeitado por serem surdos; se a escola falava de sexualidade e de relações de gênero nas salas de aula; entre outras observações, seguida da roda de conversa, para montagem da coleta de dados, que foram retiradas da roda de conversa.

4. ANÁLISES DOS DADOS

A partir da roda de conversa, levantaram-se os atributos para as análises serem realizadas. As análises foram divididas por dia, com um total de 07 dias, sendo 2 dias de apresentações e reuniões para equipe escolar, pais e alunos, 4 rodas de conversa e 1 dia para entrevistas. Todos contam com os relatos e apontamentos mais significativos e em seguida, as análises que submergiram desses dias, pela pesquisadora.

1º DIA NA ESCOLA

O primeiro dia de início da coleta de dados foi através de um contato telefônico com a intérprete de Libras A., intérprete responsável por uma sala de aula do ensino médio. O telefonema serviu para agendar e marcar a ida à escola, da pesquisadora, para que fosse feita a explicação do projeto que seria desenvolvido no contexto escolar até o final dos dias letivos com as intérpretes.

Primeiramente, foi explicada a proposta da pesquisa, como ela aconteceria, e a importância da realização juntamente com as intérpretes, que prontamente se colocaram à disposição, para acompanhar os encontros com os alunos surdos, os nomes delas são C. e A. Em seguida, tal proposta também foi explicada para o vice-gestora da escola, o qual autorizou a minha entrada e trabalho com os jovens, e se colocou a disposição para a entrevista, como já foi dito a cima. A pedido da vice-diretora apresentou-se também a pesquisa na reunião de trabalho coletivo, para todos os professores do Ensino Médio e, mais tarde, na reunião dos professores do Ensino Fundamental. Embora a pesquisa fosse realizada apenas com os surdos do Ensino Médio, a gestão considerou relevante que todos os professores conhecessem a pesquisa que ali estava sendo realizada.

Na reunião dos professores correu tudo bem, houve muitas perguntas simples e de pouco interesse na pesquisa. As perguntas eram sempre relacionadas a onde a pesquisadora estudava, onde a pesquisadora se formou, se sabia Libras, qual o interesse nos surdos, por que sexualidade, enfim, depois de satisfazê-los, iniciou-se o conhecimento dos alunos surdos do ensino médio. A primeira reunião aconteceu com todos os surdos do ensino médio, para explicar a pesquisa e solicitar formalmente à participação deles, via uma carta assinada por eles, quem era maior de idade ou para as famílias, a carta que continha o termo de consentimento. Participaram desta reunião as duas intérpretes que se responsabilizaram por acompanhar toda a pesquisa (A. e C.), a fim de esclarecer todas as dúvidas em relação aos

encontros e objetivos da pesquisa. Foram entregues e explicados os termos de consentimento. Todos levaram para casa e a pesquisadora se colocou à disposição para possíveis dúvidas dos responsáveis no dia seguinte da entrega da carta. Houve um responsável por um surdo que telefonou para maiores esclarecimentos. Todos os responsáveis autorizaram a participação dos jovens e estes todos aceitaram participar. É importante também registrar que os encontros sempre foram acompanhados por uma ou duas intérpretes.

2º DIA NA ESCOLA

A pesquisadora foi à escola conforme o combinado, para reunir-se com os pais que tivessem dúvidas sobre a pesquisa e recolher os termos de consentimento. Todos os responsáveis autorizaram e os adolescentes concordaram com a pesquisa. Ao todos foram 7 alunos surdos no total, sendo 3 alunos do sexo masculino, e 4 do sexo feminino. Nenhum responsável apareceu no horário marcado para retirada de dúvidas e esclarecimentos, mas todos os alunos surdos trouxeram as cartas assinadas. Apenas uma mãe entrou em contato com a pesquisadora, pelo celular disponível no termo de consentimento, para maiores esclarecimentos. Segundo a mãe, o filho sabe pouco Libras e por isso não entendeu direito para explicar para ela. Após a explicação, a mãe autorizou a pesquisa. Ficou combinada a ida da pesquisadora duas vezes na semana, nos horários da aula vaga de alguns deles para se reunir com o grupo. O grupo e a pesquisadora fizeram um acordo de que fariam uma roda de conversa, utilizando para tal, algumas dinâmicas para entrarem nos assuntos, mas que, em nenhum momento, eles seriam obrigados a entrar, expor-se e conversar se não desejassem, seria respeitada a negação deles na entrada de assuntos que se sentissem pouco a vontade. Foi explicado o que é uma roda de conversa e eles entenderam, porque já tinham participado entre eles e na sala de aula de rodas de conversas sobre os conhecimentos trabalhados nas disciplinas da escola, e gostaram da proposta de trabalho trazida pela pesquisadora.

3º DIA NA ESCOLA

No terceiro dia, como já havia feito a proposta de roda de conversa anteriormente, a roda foi colocada em prática, com uma dinâmica utilizando o curta: “Lila” (Diretor: Carlos Lascano), para que o assunto da sexualidade pudesse acontecer “naturalmente”, sem mal estar por parte dos surdos. Ao final da roda de conversa, foi pedido para pontuarem algumas questões relacionadas ao tema abordado pelo filme, referente à sexualidade, norte da

conversa. Usaremos números e nomes fictícios para descrever as repostas dadas pelos alunos surdos (aluno 1, aluno 2, e assim sucessivamente).

1º RODA DE CONVERSA

Tema: Diferentes formas de olhar o mundo

FILME: "Lila" - A beleza está nos olhos de quem vê

A roda de conversa foi recebida com muita alegria, todos se colocaram muito a vontade em uma sala, cedida pela escola, sem incômodo para os que lá estavam. Vale ressaltar que nesse dia todos compareceram e os adolescentes conversaram livremente sobre o ENEM, relataram as dificuldades das provas escritas e falaram que o correto, para eles, era que a temática fosse desenvolvida por eles em Libras e corrigida por um professor bilíngue. O assunto "sexualidade" aos poucos foi sendo introduzido entre os jovens pela pesquisadora e fazendo sentido, sem acanhar nenhum deles.

Várias curiosidades foram aparecendo, tais como "como o cego namora?"; "como ele sabe que é a namorada dele e não outra pessoa?"; "se ela sair para ir ao banheiro e o cego, sem querer, abraçar um homem?", enfim a curiosidade na outra deficiência ficou evidente e mostrou que também estão preocupados em conhecer e entender o outro, tão diferente deles. Na medida em que as questões apareciam, elas eram devolvidas pelo grupo, que, em conjunto, foi buscando respostas. A pesquisadora não respondeu a nenhuma questão levantada pelos surdos. Toda a conversa contou com a mediação das intérpretes de Libras, não houve constrangimento, houve muita risada, muita cooperação e muita união no grupo, no desenvolvimento da roda de conversa.

Em seguida a pesquisadora contou experiências vividas por ela na ADEFVAV (Centro de Recursos em Deficiência Múltipla, Surdo, Cegueira e Deficiência Visual), a fim de alertar os alunos para sentidos que no dia-a-dia passam despercebidos. Através de relatos vividos em uma semana com alunos surdocegos, a pesquisadora foi sanando as inquietações que haviam aparecido. Os adolescentes trouxeram experiências de namorados surdos na igreja e contaram de alguns lugares que frequentam para paquerar, tais como shopping e igreja, e principalmente Whatsapp¹⁰ e Facebook¹¹. Contaram que gostam de paquerar enviando

¹⁰ WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Como o WhatsApp Messenger usa o mesmo plano de dados de internet que você usa para e-mails e navegação, não há custo para enviar mensagens e ficar em contato com seus amigos. Além das

fotografias deles e recebendo fotos delas ou deles. Os alunos escolheram e usaram nomes fictícios durante a pesquisa, e no momento da conversa, alguns estavam tímidos, não quiseram falar muito sobre suas vidas amorosas e isso foi respeitado pela pesquisadora. Apenas dois alunos de nomes, Sara e Cristiano (nomes fictícios escolhidos pelos próprios), estavam mais desinibidos e falaram mais a respeito de suas vidas amorosas.

A pesquisadora passou o curta-metragem “Lila”, que foi exibido para todos os alunos que comparecem, sendo no número de três, duas do sexo feminino e um do sexo masculino, sem a ajuda das intérpretes. A protagonista do curta tem um modo particular, uma maneira peculiar de enxergar o mundo. Ela atribui visões próprias, encarando as situações da vida de maneira artística, desenhando os momentos, colorindo o que pensa estar acontecendo. Tal curta-metragem não contém diálogos nem falas, o que permite aos surdos assistirem e capturarem o sentido do filme através das imagens fornecidas.

O filme foi selecionado para que todos pudessem conversar sobre o fato da pesquisa não ter intenção de julgar as situações vividas como "certas" ou "erradas". Para a pesquisa, o importante é que cada pessoa traga a sua história; o seu modo particular de lidar com o mundo, que não estaríamos analisando quem está certo ou errado e sim conversaríamos sobre as diferentes histórias e culturas.

Após assistirem o filme, depois de um pouco de conversa sobre o certo e o errado, foi discutido: "por que vocês acham que eu trouxe esse filme para vocês?".

Um dos alunos ficou durante o filme todo querendo saber se a protagonista era ou não era surda e disse que se identificou muito com ela, pois ele também observa muito o mundo a sua volta, a aluna Sara concordou com ele, dizendo que é muito boa observadora.

Em uma das passagens do filme, cai um livro da prateleira e a atriz olha, chamando a atenção do aluno Rogério (nome fictício) que assistia, com o seguinte “dizer”: "não é surda". Esta passagem é importante, por que esse aluno foi o que iniciou a conversa perguntando sobre cegos, e agora desperta o interesse pela questão da surdez.

Ao final do filme, os alunos que estiveram presentes Rogério, Sara e Yasmim, ficaram tímidos e pediram para que a pesquisadora saísse da mesa onde todos estavam reunidos, para

mensagens básicas, os usuários do WhatsApp podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio. Disponível em: https://www.whatsapp.com/?l=pt_br. Acesso em: 14 dez. 2014.

¹¹ Facebook é uma rede social lançada em 2004. O Facebook foi fundado por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade Harvard. Este termo é composto por *face* (que significa cara em português) e *book* (que significa livro), o que indica que a tradução literal de facebook pode ser "livro de caras". Disponível em: <<http://www.significados.com.br/facebook/>>. Acesso em: 14 dez. 2014

conversarem entre eles. A pesquisadora se dirigiu a outra mesa redonda da sala (estavam em uma sala de recursos com 2 mesas redondas para 8 pessoas cada), foi deixado com eles uma folha contendo algumas questões que as intérpretes auxiliaram na interpretação, para que eles aproveitassem e conversassem entre eles, caso aparecessem dúvidas. A grande dúvida que surgiu nas questões levantadas foi em relação à língua portuguesa, o fato de não terem os conceitos formulados já era esperado, visto que não há significante (sinal) para "sexualidade" em libras, sendo essa uma das questões (vide questionário dia 1) e ela aparecia nos questionamentos deixados para eles refletirem e discutirem. Os alunos explicaram para as intérpretes e esses ajudavam, soletrando palavras. A dificuldade da escrita em português para Libras é muito grande e vice versa.

Primeiro dia de roda de conversa e os questionamentos que foram levantados pela pesquisadora:

- 1) Para você: o que é Sexualidade?
- 2) Você costuma falar de sexualidade com quem? Família? Escola? Rua?
- 3) O que vocês falam?
- 4) Você namora?
- 5) Como você namora?

Aluno 1

Nome: Rogério

Idade: 17

1) Para você: o que é Sexualidade?

As pessoas têm jeito diferente porque o homem precisa trabalhar com roupa; forma de vestir diferente da mulher. Mulher diferente. Usa maquiagem.

2) Você costuma falar de sexualidade com quem? Família? Escola? Rua?

Sim. Família pai, na escola, com professores e rua com amigos homens.

3) O que vocês falam?

Família: pai orienta como ter cuidado no sexo, usar camisinha, cuidado DST.

Escola: professora ensina como usa certo a camisinha.

Rua: amigos contam se já fizeram sexo. O jeito. Precisa camisinha.

4) Você namora?

Não. Só ficando.

5) Como você namora?

Xavecar no Facebook e Whats App.

Aluna 2

Nome: Sara

Idade: 19

1) Para você: o que é Sexualidade?

O homem, a mulher gostam de paquerar, gostam de carinho, beijam, amor de verdade.

2) Você costuma falar de sexualidade com quem? Família? Escola? Rua?

Só com família.

3) O que vocês falam?

Minha mãe fala de cuidado com sexo.

4) Você namora?

Sim.

5) Como você namora?

Eu tenho namorado. Já fiz sexo.

Aluna 3

Nome: Yasmim

Idade: 17

1) Para você: o que é sexualidade?

Sexualidade é relacionamento de homem e mulher.

2) Você costuma falar de sexualidade com quem? Família? Escola? Rua?

Na verdade eu falo de sexualidade com a família e no meu trabalho, com amigos sobre isso para entender.

3) O que vocês falam?

Fala que tem que tomar cuidado e sobre relacionamento de homem e mulher.

4) Você namora?

Não.

5) Como você namora?

Com carinho, amor, conversa e sair com namorado.

Considerações sobre a primeira roda

Os jovens surdos têm preocupação com a temática da sexualidade, o que é compreensível, porém carregada de aspectos negativos relacionados a ela. Como notamos, não há nenhum diálogo mais aprofundado com os jovens, muito menos conversas sobre gênero, afeto, prazer etc., podendo os leitores perceber que alguns reproduzem em suas falas o que em casa é aceito, e apenas um aluno desvinculou dos ensinamentos dos pais para dizer que "xaveca" no facebook e whats app.

Esta entrevista foi inicial e importante, pois ficou evidente para a pesquisadora que muitos temas teriam que ser trabalhados em outras rodas de conversa, mas, mais do que isso, haviam de ser preparados questionários em que estes jovens não precisassem ler e/ou escrever, pois seria uma barreira muito maior para suas respostas, segundo Thoma (2004), "surdos são sujeitos membros de uma cultura visual e membros de uma comunidade plural, mas que tem em comum a marca da exclusão pela condição de não ouvir", ou seja, deveriam ser reestruturados os questionários nas línguas dos surdos e propiciarem condições apropriadas para que estes não precisassem sair de suas identidades linguísticas e tivessem que se deslocar para uma língua de não pertencimento a eles.

Com essa experiência, podemos destacar o quanto que em diferentes contextos sociais a diferença aparece, e acaba por tornar excludente a condição do "ser surdo", assim como ressaltar as condições da diferença, sendo esta uma marca da divisão de normalidade/anormalidade, igual/diferente no dia a dia do sujeito surdo, acabando por não gerar diálogos entre surdos e não surdos, pois polariza os dois mundos criando barreiras de acessos proximais, reflexivos e dialógicos.

4º Dia na escola

2ª Roda de conversa

A pesquisadora conversou com quatro alunos que compareceram na roda de conversa nesse segundo encontro: Sara, Laura, Cristiano e Pâmela, sobre a palavra "sexualidade" e desmembrou alguns itens como: higiene, saúde, corpo, relacionamento, comportamento, gênero e desejo, e assim os alunos foram falando o que entendiam por essas palavras e dando exemplos. Falamos da importância das temáticas e os alunos foram dando exemplos, os quais a pesquisadora ia encaixando dentro dos balões com suas definições. Falaram livremente palavras como namoro, gay, casamento, sexo, camisinha e AIDS. Aos poucos a pesquisadora perguntava algo sobre as outras temáticas. Sobre corpo, como não falaram, a pesquisadora

pediu para darem exemplos. Falaram “cabelo”, “boca”, “peitos”, “pênis”, “vagina”. Em relação à gênero falaram “homem”, “mulher”, “gay”, “sapatão”. A pesquisadora preferiu colocar todos no mesmo "balão" e conversar sobre gênero no próximo encontro, a fim de esclarecer. Após a conversa com os alunos, foram apresentados, através de Power Point, imagens e distribuídas folhas de papel onde, em um primeiro momento, os quatro jovens escreveriam "sim" para as imagens que, à eles, particularmente, remetesse à sexualidade e, "não", para imagens que não os remetesse à sexualidade. Devido a grande dificuldade da escrita em língua portuguesa da maioria dos jovens, essa foi à alternativa mais apropriada pois trabalhou-se com imagens. A intérprete fez em libras imagem por imagem, para que não houvesse interpretações diferentes das gravuras.

Observe a seguir o quadro 1 onde os nomes das imagens estão escritos e como cada um dos quatro se colocou em referência a elas.

Quadro 1 Compilação das respostas das consultas às imagens.

SEXUALIDADE: COMBINA OU NÃO COMBINA?	A1	A2	A3	A4
Imagens	Laura	Cristiano	Pâmela	Sara
1) Casal brigando	Sim	Sim	Sim	Sim
2) Camisinha	Sim	Sim	Sim	Sim
3) Controle de peso	Não	Não	Sim	Não
4) Pai dando bronca no filho	Não	Não	Sim	Sim
5) Whatsapp	Não	Não	Sim	Sim
6) Casal namorando (idosos)	Sim	Sim	Não	Sim
7) Briga no trânsito	Não	Sim	Não	Não
8) Mulher estudando	Não	Sim	Sim	Sim
9) Laranjas	Não	Sim	Sim	Não
10) Propaganda de cerveja com mulher de biquíni	Sim	Sim	Sim	Sim
11) Cerejas	Não	Sim	Sim	Não
12) Garrafa de Cerveja	Não	Sim	Não	Não
13) Alface	Não	Sim	Sim	Não
14) Chocolate	Sim	Não	Sim	Sim
15) Roupas de Sex Shop	Sim	Sim	Sim	Sim
16) Calcinha grande	Sim	Sim	Não	Sim
17) Camisinha feminina	Sim	Sim	Não	Sim
18) Meia	Não	Não	Não	Não
19) Exame pré natal	Sim	Sim	Sim	Sim
20) Sutiã	Sim	Sim	Não	Sim
21) Facebook	Sim	Sim	Não	Sim
22) Cueca	Sim	Sim	Sim	Sim
23) Pessoa escovando os dentes	Não	Sim	Sim	Sim
24) Pessoa fazendo a barba	Não	Não	Sim	Sim
25) Papel Higiênico	Não	Sim	Sim	Não

26) Absorventes	Sim	Sim	Sim	Sim
27) Pessoa lavando as mãos	Não	Sim	Sim	Não
28) Pessoa Tomando banho	Sim	Sim	Sim	Sim
29) Vidro de perfume	Sim	Não	Sim	Sim

Fonte: Elaborado pela autora (2015)

Em relação ao entendimento de sexualidade apresentados pelos jovens, pudemos perceber que o aluno Cristiano apresentava maior dificuldade com relação ao conceito. A pesquisadora já havia percebido esse pouco conhecimento sobre o termo "sexualidade" em relação ao jovem durante a dinâmica anteriormente feita. O jovem atrela sexualidade a ato sexual, mas embora faça muita confusão, é um aluno que pouco pergunta, o que é compreensível do comportamento de um aluno jovem, principalmente sendo o único homem na sala (incluindo as intérpretes e pesquisadora).

Notou-se que as garotas perguntaram mais, e, inclusive se posicionavam, como por exemplo, a aluna Pâmela que comentou "casal idoso não pode namorar. É velho! É errado!".

Ainda a visão cristã do "certo" e do "errado" e temas como esses: namoro sem procriação, masturbação, mães solteiras, é visto como tabu recorrentemente.

O objetivo desta tabela era justamente perceber se os jovens ainda tem uma ideia de sexualidade muito vinculada ao ato sexual ou conseguem fazer algumas distinções.

Pudemos verificar que os jovens têm muitas dúvidas, mas pouco perguntam. Em palavras colocadas para que os provocassem inquietações (alface, laranja, meia...), eles preferiram responder a perguntar. A pesquisadora não fez perguntas para deixá-los à vontade. Seria feita uma conversa com eles no próximo encontro, sem identificar os nomes dos alunos, apenas uma conversa dirigida sobre a temática para que desenvolvessem mais sobre estas respostas, o que acabou não ocorrendo devida a não presença dos participantes (verificar terceiro dia de roda de conversa).

Abaixo o quadro 2 mostra como cada um associou a imagem e o **gênero**, respondendo com certo ou errado na tabela.

Quadro 2. Associação Imagem/Gênero.

CERTO OU ERRADO?				
Imagens	Laura	Cristiano	Pâmela	Sara
1) Bonecas jogando futebol	Certo	Certo	Certo	Certo
2) Menino brincando de boneca	Errado	Errado	Certo	Certo
3) Homem de roupa cor de rosa	Certo	Certo	Certo	Certo
4) Homem de roupa azul	Certo	Certo	Certo	Certo
5) Mulher de roupa azul	Certo	Certo	Certo	Certo
6) Homem bailarino	Certo	Errado	Certo	Certo

7) Homem passando as roupas e a mulher guardando	Certo	Certo	Certo	Certo
8) Homem agredindo a mulher	Errado	Errado	Errado	Errado
9) Casal homossexual com filha (adotiva ou não)	Certo	Errado	Errado	Errado
10) Homem chorando	Certo	Certo	Certo	Certo
11) Mulher dirigindo e homem passageiro	Errado	Certo	Certo	Certo
12) Menina jogando futebol	Certo	Certo	Certo	Certo
13) Mulher motoqueira	Errado	Errado	Certo	Certo
14) Namorados gays	Errado	Certo	Errado	Errado
15) Mulher dando camisinha para o homem	Certo	Certo	Errado	Certo

Fonte: Elaborado pela autora (2015)

Considerações sobre a segunda roda

Podemos analisar nesta tabela que os comportamentos sociais homossexuais ainda não são totalmente aceitos pelos alunos, assim como podemos constatar que há uma forma muito machista e tendenciosa aos valores religiosos nas respostas. Todos os jovens que participaram das atividades no encontro de hoje são praticantes de alguma religião, como podem verificar com alguns, em dados registrados nas entrevistas realizadas com os jovens que compareceram ao último encontro da pesquisa. Pudemos verificar nesta atividade que os jovens surdos estão reflexivos e possuem alguns aspectos conflitantes consigo, tais quais as afirmativas 9 e 14, onde por um aluno a adoção de criança por casal homossexual é aceita, mas namoro gay não é aceito. E por outro aluno a adoção da criança por casal homossexual é repreendida, porém o namoro entre pessoas do mesmo sexo é aceita. Aos outros dois jovens, ambas as condutas são tidas como erradas, de acordo com suas educações em sexualidade. Essas educações não aparecem por serem ou não serem surdos, mas faz-se importante na sociedade contemporânea onde os jovens tem mais acesso às mídias e estão se perguntando e posicionando-se mais sobre estes aspectos. Percebemos com essas respostas que ainda há a forma binária (masculina e feminina) dos jovens considerarem as relações sociais e os aspectos relativos a gênero, ainda como uma visão reducionista machista e sexista, onde as coisas de homem e mulher são vistas separadamente, assim, reforçando as relações de poder com ênfase no papel masculino, estabelecendo diferenças nas diferentes funções sociais ocupadas pelo homem e pela mulher.

5º Dia na escola

3ª Roda de conversa

A roda de conversa deste dia teve como objetivo discutir as temáticas apresentadas no encontro passado com os alunos, mediante respostas relacionadas aos temas "Sexualidade" e "Gênero".

A partir do projeto piloto que foi traçado com os dados apresentados na última roda de conversa, concluiu-se que há necessidade de definir conceitos de sexualidade e gênero dentro de uma perspectiva histórica, social e cultural de maneira crítica, pois se analisou que os alunos ainda apresentam visões sexistas e binárias relativas à gênero.

Por isso, no encontro de hoje foi preparada uma conversa sobre o encontro passado, para de forma geral, sem divulgar o que cada um respondeu, entendermos melhor as respostas dos jovens e buscarmos compreender de onde as informações que eles recebem saíram, principalmente em relação às questões sociais e políticas das relações de gênero.

Porém, três dos quatro alunos presentes na roda de conversa passada, faltaram, então a pesquisadora apresentou, através de Power Point, definições dos conceitos e conversando sobre identidade de gênero (mulher e homem), expressão de gênero (feminino, andrógono, masculino), sexo biológico (feminino, intersexual e masculino) e orientação sexual (heterossexual, bissexual e homossexual) para os alunos presentes, já que após a reflexão acabou não ocorrendo. A segunda parte da roda de conversa de hoje seria conversarmos, diante de mediações da pesquisadora, sobre gênero.

Muitos dos conceitos eram de conhecimento dos jovens, mas houve dúvida na classificação, por isso dedicamos um tempo maior para conversarmos sobre isso.

Sara deu muitos exemplos, ficou intrigada com a questão da androgenia, citou pessoas de sua igreja que tem esse comportamento, mas não são homossexuais. Contou que ela nunca entendeu isso, pois não conhecia esse termo. Não entendia como alguns amigos tinham esse comportamento, mas não eram gays. Achava que mentiam.

Esta hipótese está ligada ao desconhecimento do termo, não à condição da surdez. Pouco se fala em androgenia. Em geral, é comum ligar o comportamento à orientação sexual. Digo isto, pois a adolescente surda afirmou que costuma perguntar aos amigos que tem esse tipo de comportamento, mas nunca soube que existia pessoa andrógona, nunca definiram para ela este comportamento.

Pode-se afirmar então que, se esta adolescente tivesse a disciplina de Educação Sexual e Diversidade dentro da escola, esta não seria uma dúvida que a acompanharia, pois ficaria

claro que é um comportamento relacionado à expressão de gênero e é comum. Sendo assim, há que se diferenciar expressão de gênero e orientação sexual.

Conversamos sobre a mídia e suas influências no campo da estética, bulimia, anorexia e padrões de beleza, dentro de uma perspectiva histórica e cultural. Com auxílio de Power Point, dialogamos sobre beleza em diversos lugares do mundo e as diferentes formas de beleza (não só estética).

Estas imagens foram selecionadas e trazidas para que pudéssemos refletir sobre as imagens apresentadas no encontro anterior em que os alunos associaram (ou não) imagens diversas à sexualidade, e a pesquisadora constatou que ainda imagens que remetem ao sexo, aos padrões de beleza de uma maioria cultural que circula na mídia e na sociedade, estão vinculadas à sexualidade. Sendo assim, a pesquisadora achou pertinente fazer uma reflexão com os alunos sobre a temática. No encontro de hoje, pudemos constatar com as poucas perguntas dos jovens, que os desmembramentos das questões de gênero não eram de conhecimento deles.

É importante salientar que não estamos atribuindo esse desconhecimento dos termos pelo fato dos jovens serem surdos, pois sabemos que são termos específicos, que não circulam nas redes sociais, escolas, mídias, ou outros, mas que são termos que um profissional em educação em sexualidade deveria trabalhar nas escolas, mas que, para isso, precisamos de uma efetiva política pública que contemple essa disciplina nos parâmetros curriculares nacionais como obrigatória nos currículos escolares desde as séries iniciais, para que haja formação e as reflexões sejam constantes.

Ficaram evidentes que os desconhecimentos eram pelas confusões com os conceitos e desconhecimentos dos termos.

Considerações sobre a terceira roda

Nesse dia foram apresentados conceitos novos e, diante dessa roda de conversa pode-se perceber o quanto os jovens surdos têm pouco acesso às explicações científicas que lhes esclareçam mais sobre suas dúvidas do dia a dia, falta assim pelo que apresentavam de conhecimento apreendido, aprendizagem básica para ampliar o repertório e assim conhecimento.

Os desconhecimentos de certos temas não são exclusivamente dos surdos, mas, na grande maioria das vezes, o surdo não tem acesso a esses conhecimentos, por falta de audição, por falta do uso de Libras na escola, para que esses conhecimentos cheguem a eles.

Ou, quando tem, podemos notar, que estão em defasagem do conhecimento frente à maioria ouvinte, que recebe constantemente informações de maneira muito mais rápida que os surdos e várias partes, beneficiados pela audição.

6º Dia na escola

4º Roda de conversa

Como encontro passado estiveram presentes apenas 3 alunos, e hoje estiveram os 7, sem nenhuma falta, houve a necessidade de retomar os conceitos de sexualidade e explicações sobre gênero.

Hoje, os alunos iniciaram a aula falando pouco, mas foram se desinibindo conforme fomos conversando. Ao final, estavam entretidos, contando sobre experiências afetivas, conversas de amigas, jeito de se comportarem antes de começarem a frequentar o grupo. Foram muito interessantes os relatos e opiniões.

A atividade de hoje constituiu em pedir aos alunos que recortassem de revistas (levadas pela pesquisadora) imagens que estivessem associadas com o tema "sexualidade" e depois explicar o porquê de terem selecionado tais gravuras.

Após a retomada sobre os conceitos de sexualidade e gênero, com o mesmo Power Point utilizado no encontro passado, foram distribuídas várias revistas, e os alunos, como sempre, ficaram sentados em uma mesa redonda onde ficavam de frente para as intérpretes. O encontro foi filmado e foram transcritas todas as falas dos alunos assim como brincadeiras, olhares e comportamentos mais significativos ou sugestivos de análises. Foi transcrito apenas apontando as direções das conversas e não as explicações inteiras sobre cada assunto. Os vídeos ainda estão disponíveis.

Inicialmente, conversamos sobre gênero. Cristiano (que não estava no encontro passado, quando o assunto foi explicado pela primeira vez) ficou rindo e pareceu ficar procurando nos outros amigos um motivo para sua risada. Não queria demonstrar o riso.

As revistas foram distribuídas e a atividade foi explicada.

O aluno Cristiano ainda não entendeu o conceito de "Sexualidade" e acha que tem que encontrar gravuras que combinem com "sexo". Comentou "as revistas são de política (VEJA), não devem ter imagem de sexualidade".

Durante a atividade ficaram provocando um ao outro, falando quem parecia com quem. Algumas vezes, de maneira saudável, em outras, nem tanto, pois caçoavam da

aparência da amiga de óculos, do amigo narigudo. Em todos os casos, os alunos que sofreram a ameaça demonstraram que não tinham gostado da brincadeira. Como é recorrente com as pessoas que costumam sofrer intimidações, ou até mesmo bullying, os alunos vítimas não caçoaram dos colegas e se preocuparam apenas em fazer a atividade.

O aluno Ronaldo teve muita dificuldade em encontrar uma imagem relacionada à temática. Foi a primeira vez dele no grupo. É o aluno com mais dificuldade na Libras também. Ele foi apenas ao primeiro dia, quando foi explicado sobre a pesquisa, e depois não havia aparecido mais. Como este aluno não entendeu o conceito, os amigos o ajudaram a encontrar uma figura, visto que somente ele não havia terminado a atividade.

Deixei para conversarmos sobre o tema durante o encontro e, quem sabe, ali se esclarecesse para ele. A aluna Laura é sempre a mais rebelde, não gosta de conversar com surdos e nem de se expor no grupo. Não quis começar a falar: "Eu não sei falar". Yasmim se prontificou. Escolheu um casal heterossexual passeando. "Eu escolhi porque no futuro pode se casar e ter um relacionamento sério. Só isso". Neste momento, Cristiano deu uma risada e eu perguntei o motivo. Pedi para ele falar um pouco mais da figura que ela escolheu. A aluna Sara interferiu no comportamento do amigo e falou "é imaturidade". Cristiano culpou o amigo que estava ao lado, quieto: "é meu jeito, eu dei risada porque copieei a risada do Rogério". Rogério se defendeu "Hei! Eu estou na minha! Eu estou quieto, vocês estão vendo! Para de mentir, Cristiano, você tem seu jeito e ideia, não gosto disso não!". Em seguida, Cristiano explicou a imagem dele. Era imagem de uma mulher bem arrumada. Ele explicou a imagem: "ela está se arrumando, vai passear no shopping e combina (com a temática de sexualidade) porque os homens vão ver e achar ela linda".

Em seguida foi a vez de Rogério. Rogério recortou a foto de uma modelo com pouca roupa. Interpretação feita pelo adolescente: "No futuro a mulher pode se transformar em outra coisa. Pode querer ser modelo, cortar cabelo, mudar a moda, se transformar em outra (transformar de acordo com a moda). É isso".

Questionei sobre o fato de ela estar com pouca roupa (shorts e parte de cima do biquini). Ele falou "achei bonita".

Depois, Ronaldo (que nunca foi a nenhum encontro e teve a imagem escolhida pelos amigos) explicou a dele: "a mulher está vendendo roupa, marca HOPE para outra mulher. E só". Questionei para saber o que isso tinha a ver com sexualidade. Lembrei de quando falamos de roupas, moda, corpo, profissões, para os alunos ajudarem. A aluna Laura ajudou o colega "por causa da beleza dela. Beleza combina com sexualidade".

Logo em seguida, Sara mostrou a imagem que escolheu. Era a imagem de propaganda de um jogador de futebol sem camisa, com corpo com músculos muito bem definidos. A interpretação da aluna foi: "É uma foto de um homem famoso e bem bonito". Rogério, por ser fanático em futebol, interferiu "ele é muito famoso e profissional! Pode ser modelo profissional, aí as mulheres gostam e se quiserem casar com ele, podem. E isso tem a ver com sexualidade".

Ainda, até esse momento, eu vejo no grupo a palavra "sexualidade" muito atrelada às relações afetiva, sensualidade e beleza. Bem estar físico e psíquico, higiene e saúde foram temas já conversados semana passada, mas não apareceram como relacionados à sexualidade. A beleza de alguém está associada ao parecer belo para outra pessoa dentro dos padrões de beleza que correm a mídia, todos com corpos musculosos ou sarados, que é o que a revista evidencia nas propagandas. Ainda atrelam o termos a um possível companheiro heterossexual ou para que outras pessoas do sexo oposto falem que ela (a pessoa) é bonita e a desejem.

Pâmela, agora, mostrou sua imagem. Uma mulher com uma roupa de dia-a-dia. Nada que chamasse atenção. Sua interpretação: "A mulher é solteira, está livre, chique, bonita, mostra a moda, é muito chique, professora, especial igual à Cristina" (uma das intérpretes). A intérprete ri, sem graça, e agradece. Esta fala traz o seu sonho de, futuramente, ser professora e um pouco de sua história. Pâmela contou-me, no primeiro encontro que era separada do marido, pois havia sido agredida com duas facadas nas costas por ele em uma briga do casal.

Agora, a vez de Laura mostrar sua imagem. São duas pessoas se casando. Casal heterossexual: "Os dois juntos vão se casar e dividir a vida. Isso tem a ver com sexualidade."

Nesse momento, Sara começa a rir e falar que a intérprete está vermelha diante do elogio que acabara de receber. Rogério pede para a intérprete escolher uma imagem que tenha a ver com sexualidade, mas a pesquisadora interferiu e pediu para ela interpretasse, e explicou que ela não estava lá para fazer atividade.

Após todos falarem, foi feita uma devolutiva com tudo que a pesquisadora escutou, dizendo que havia ficado contente com os apontamentos de todos. Conversamos sobre as diversas temáticas que apareceram desta vez: beleza, profissão, relacionamento, bem estar, moda e família. A importância de terem associado à sexualidade todos esses temas, e não só "sexo", ou "ato sexual" como é comum as pessoas associarem. A pesquisadora comentou sobre não terem recortado casais homossexuais e nem tocado no assunto. E nem falado dos andrógenos.

Falamos de vários momentos que nos dão prazer no dia. E que isso estava relacionado com sexualidade. Conversamos sobre tomar banho, ficarmos limpos, que há dias que

queremos chegar em casa, tomar um banho e descansar, por exemplo. E vários pequenos momentos do dia que são muito prazerosos e estão ligados à sexualidade.

Começamos a falar sobre a sexualidade estar presente conosco desde que nascemos, pois ela está presente nas relações com o outro, conosco e com o meio, em nossas condutas., que se constrói nas relações sociais, e isso é muito importante! Começamos, então a falar da importância das amizades e relações sociais desde a infância. E que, por isso, a sexualidade estava presente. Falamos da importância da escola inclusiva, das relações que estas escolas proporcionam. Tais trocas ajudam no desenvolvimento e por isso estão ligadas à construção da sexualidade. Estas trocas ajudam a nos proporcionar momentos de felicidade e já se dão na infância, por isso a pesquisadora gostaria de fazê-los perceber que quando falamos de sexualidade não estamos necessariamente falando de sexo.

Conversando sobre isso, entramos no assunto de homossexualidade e casais homossexuais que adotam filhos. Refletimos sobre a influência da igreja nesse assunto e conversamos sobre, embora seja, uma temática antiga, é recente a discussão e reflexão na nossa cultura. Falamos da importância do amor e respeito nos relacionamentos, sejam eles hetero ou homossexuais.

Quis saber as opiniões deles neste assunto, pois normalmente as imagens que construímos são negativas, pois é assim que chegam até nós. Indaguei a eles sobre o porquê que existe preconceito com casais homoafetivos. Perguntei "como chegam essas informações até vocês? Quem fala disso com vocês? Seus pais já conversaram sobre esse assunto? Se não, gostaria que vocês conversassem sobre isso com eles e me falassem no próximo encontro sobre a opinião deles (que pode ser diferente das suas).".

Conversamos sobre a importância de haver a disciplina "Educação Sexual e Diversidade" na escola, pois ainda somos o início de uma geração que está tentando entender as questões relativas à diversidade e para termos uma visão livre de preconceitos. Falamos das gerações passadas, das segregações e dei alguns exemplos de mudanças nas gerações, para que eles entendessem o motivo de eu pedir para que eles conversassem com os pais.

Sara deu sua opinião "eu vejo na rua casais gays se beijando e não gosto. É a minha opinião. Sou contra. Minha mãe nunca falou nada comigo sobre isso, mas eu vejo e não concordo". Eu disse "é opinião sua para duas pessoas que se amam, mas eu gostaria que você pensasse mais e me falasse se você também se incomoda ao ver pessoas heterossexuais se beijando na rua".

Ela disse "casal homem e mulher é normal, estou acostumada". "Casal gay eu não gosto. Não aceito, não é normal".

Quando Sara disse que não gostava de ver casais homossexuais na rua, Laura se pronunciou: "tem que ter respeito, não é gostar ou não gostar". Rogério disse "tem que ter educação, é o coração deles, deixa eles, respeita". Pâmela: "eu tenho um irmão que é homossexual, mas o namorado dele não vai lá na casa dele (mora com os pais). O namorado mora em Santos, então às vezes ele vai lá em Santos visitá-lo e depois volta para Piraju (que é a cidade dele).”.

Sara também participou contando um caso: "eu conheço em Bauru um casal de lésbicas, que os pais não deixam, proibem o relacionamento delas. Elas namoram escondidas na escola já que os pais não permitem. E os pais também não permitem que ela saia para passear, triste, não pode nenhum lugar que possam se encontrar. Ela fica triste porque fica presa. E as duas namoram escondidas. Várias vezes ela já ficou de castigo. Vive triste. No passado sofreu muito, não queria comer. Uma das meninas se suicidou.". Conversamos sobre isso e a constância desses finais.

Semana passada, conversamos sobre piadinhas que fazem com homossexuais, loiras, mulheres, negros e diversas minorias, o que muitas vezes nos faz construir imagens preconceituosas e negativas sem que tenhamos de verdade algo que sustente aquele pensamento. Eu levei várias piadinhas de são paulinos (gays, por isso inferiores), loiras (burras), negros (pobres, mal cheirosos), figuras de mulheres batendo carro (homem sendo o condutor, assumindo o comando de maneira mais eficiente que as mulheres), etc., e falei que entre ouvintes essas brincadeiras circulam muito, o que faz construir uma imagem preconceituosa dessas minorias.

Hoje, voltamos um pouco na aula passada para falarmos destas construções sociais. contei, para levar os alunos a uma reflexão, um caso particular da escola de uma criança da minha família, para que eles percebam que eu vivencio uma inclusão excludente, onde não se importam com as relações sociais que esta criança, com algumas dificuldades de relacionamento, estabelece na escola. contei casos como, por exemplo, ela nunca ter sido chamada para nenhum aniversário, os campeonatos da escola em que ela treina e não é chamada para participar das competições, ou, se é, ela não compete com a equipe e apenas acompanha a turma. Conversamos e falei para que eles percebessem o quanto isso influencia as relações que esta criança estabelece, e era isso que estávamos falando quando falamos de sexualidade. A aluna Laura se interessou em saber se essa criança sofria muito bullying e começamos a falar sobre isso.

Eu percebi que todos, a partir dessas vivências, começaram a interagir e participar com mais entusiasmo, voluntariamente. Notei (no momento da transcrição apenas) que quando a

aluna Laura falou de bullying, os alunos Sara e Cristiano se entreolharam, pois, até então, estavam chamando o aluno Rogério de Pica Pau, graças ao seu topete.

Diferenciamos o conceito de bullying e o de pequenas provocações que ocorrem de vez em quando.

Cristiano participou falando "quando eu estava no oitavo ano, eu cheguei a brigar com um rapaz que era gay. Ele era metido e chato.". Aí eu quis saber se ele brigou pelo fato do rapaz ser gay e ele não aceitar ou pelo rapaz tê-lo provocado, ou ainda por ser chato e metido. Cristiano respondeu "Isso. Eu briguei porque eu não aceitava o fato de ele ser gay. Eu estava no oitavo ano...", aí ele dirigiu-se para a intérprete e falou "a Ariane lembra disso, ela era minha intérprete", e explicou-se para mim: "é que naquela época eu não tinha aprendido ainda".

Conversamos sobre os movimentos LGBTTT's, as paradas gays e a importância desses movimentos. Os adolescentes quiseram saber sobre estes movimentos, ficaram curiosos e desejaram saber se eles poderiam participar mesmo não sendo gays.

Pâmela contou que uma vez a mãe dela deixou ela participar. Ela foi e conheceu uma mulher e quase a namorou. "Aí eu me arrependi e agora eu estou namorando um homem. Fiquei mais ou menos um mês com essa mulher. Agora ela fica mandando recado no whatsapp e eu não quero mais saber dela. É muita coisa na minha cabeça!". Eu não sei se os colegas já sabiam dessa história, mas ninguém esboçou nenhuma surpresa. Estava no final do encontro, todos estavam um pouco dispersos, essa história não deixou ninguém curioso nem manifestando algum olhar ou comportamento diferente. Foi absolutamente normal para os jovens, e dispensei o grupo, pois já estava nos horários do ônibus. Agradei muito a conversa e falei que a continuaríamos. Pedi para conversarem em casa sobre homossexualidade, perguntarem aos pais o que eles acham desse tipo de relacionamento.

Considerações sobre a quarta roda

Como podemos observar, com a dinâmica de hoje e as trocas dialógicas, os alunos se colocaram de maneiras distintas, se posicionaram e participaram em todas as temáticas que surgiram.

Algumas temáticas, como o bullying, por exemplo, não foram programadas pela pesquisadora, mas, como partiu de curiosidade de aluna, houve necessidade de fazermos reflexões visto que não fugia da temática apresentada.

O tema mais atrelado à sexualidade, para os surdos, pessoas com uma cultura visual

muito significativa, ainda foi o tema "beleza".

Como podemos observar, o aluno Ronaldo é o que mais apresentou dificuldades e não sabia procurar nas revistas uma figura sobre sexualidade. Também é o único que não compareceu a nenhum encontro, fora o primeiro onde houve uma explicação sobre a pesquisa que seria desenvolvida.

Podemos notar que Cristiano diz que antes de participar do grupo ele tinha outras condutas, assumindo "não saber ainda", o que é muito relevante para esta pesquisa, pois demonstra que ele começou a refletir sobre seus preconceitos e suas ideias com o grupo, nos encontros.

A aluna Pâmela também tem fortes marcas negativas com relacionamentos. Já sofreu violência (facadas) do ex namorado e contam as intérpretes que até hoje ela tem problemas com relacionamentos, e que algumas vezes um namorado (ouvinte) dela foi à escola com ela para que as intérpretes interpretassem as discussões de relacionamento.

Pâmela já teve experiências homoafetivas antes de estar com o atual namorado.

Já Sara tem uma família omissa e não gosta de ver casais homossexuais juntos. Heterossexuais ela não se importa, pois acha que estes são "normais" enquanto homossexuais não são.

Ainda é muito presente, mas aos poucos estão sendo desconstruídas as visões carregadas de dogmas religiosos. Ainda é objetivo dessa experiência formativa apenas fazer com que os alunos iniciem reflexões constantes sobre a temática.

Retomando e fechando as rodas de conversa

As análises se basearam nos quadros (1 e 2) que estão dispostos no texto, assim como a roda de conversa, que foi um dado importante, porque houve uma liberdade maior dos estudantes surdos se manifestarem diante do que entendem sobre sexualidade e relações de gênero, sem serem pressionados, por ser uma conversa espontânea, mediada pelas intérpretes e pela pesquisadora.

Os quadros apontam que os estudantes surdos tem uma compreensão muito enraizada da sexualidade e gênero, dentro de uma abordagem binária de papéis, homens X mulheres e com elas, demonstram que a sociedade marcou-os também no que se refere aos conceitos construídos de machismos, preconceitos e de homofobia. A marca desses pré-conceitos, estão nas suas maneiras de colocarem os certos e errados, nos quadros, na forma como descreveram as funções na sociedade, como papéis de homens e papéis de mulheres, enfim, eles dividiram

as funções, dentro do aspecto biológico. Não fizeram relações sociais dos papéis de homens e mulheres, não criaram possibilidades de igualdade e equidade, que tanto se tem defendido na atualidade. Percebe-se pelas suas “falas” que os surdos nesse estudo, não perceberam a contribuição mútua do homem e da mulher, no espaço público, assim, como no privado.

O comportamento esperado de uma pessoa de um determinado sexo é produto das convenções sociais acerca do gênero em um contexto social específico. E mais, essas ideias acerca do que se espera de homens e mulheres são produzidas relacionalmente; isto é: quando se fala em identidades socialmente construídas, o discurso sociológico/ antropológico está enfatizando que a atribuição de papéis e identidades para ambos os sexos forma um sistema simbolicamente concatenado. (HEILBORN, 2015)

Os estudantes surdos nessa pesquisa, por meio de seus “discursos” perceberam a sociedade onde estão inseridos pelas práticas observadas dos ouvintes, pelas repetições de ações sexistas, preconceituosas, racistas e homofóbicas, mas também, pelas mídias que se apresentam aos seus olhos, mas não as suas mãos. Eles não conseguem capturar que o novo se desvela, por que as suas mãos, não são a língua de todos e assim, os conceitos que se formam, são fragmentos do que está incrustado. Eles olham o que está cristalizado na comunidade, e que mesmo com lutas, pela defesa da igualdade e equidade de gênero, permanecem mais fortes e cruéis, determinando e fortalecendo ainda os papéis socialmente diferentes entre os gêneros.

É possível identificar estratégias e determinações que, de modo muito direito, instituíram lugares socialmente diferentes para os gêneros, ao tratarem, por exemplo, de medidas de incentivo ao casamento e a procriação. Aqui também se trata de um poder que é exercido sobre os corpos dos sujeitos, ainda que agora esses sejam observados de um modo mais coletivo – trata-se do corpo molar da população (LOURO, 1997, p. 41).

Os surdos, assim como os ouvintes, reconstroem-se em um processo de desigualdade de gênero, na violência contra mulher, fortalecimento do poder para os homens e inexistência para os diferentes, mesmo eles sendo diferentes, não se veem parte dessa diferença. Mas nas entrevistas, nos quadros e também nas rodas de conversas, podemos observar que se despontam mudanças que foram ocupadas pelos surdos, com possibilidade de mudança nas relações que eles constituem nos seus cotidianos com o outro(a). Tornando assim, as relações, ainda que muito pontuais, mas significativas, em relações móveis e mutáveis, mas impregnadas ainda, de papéis definidos pelas relações de gênero, binária e heterossexual.

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações

que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder (LOURO, 1997, p. 41).

As problemáticas trazidas pelos jovens ouvintes, também são de jovens surdos, pelo que se observou nessa pesquisa, as desigualdades de gênero, os papéis que homens e mulheres ocupam na sociedade fica muito forte, quando se observa a roda de conversa, os quadros e as entrevistas, preenchidas por eles. A discussão tão premente na contemporaneidade dos papéis de gênero aparece quando exposta publicamente entre os estudantes, que homens e mulheres possuem papéis e funções sociais diferenciadas, mostrando que a desigualdade de gênero ainda é forte no cotidiano da vida privada e pública dos surdos, no trabalho, nas relações afetivas e sexuais entre homens e mulheres, surdos, mas também ouvintes, por que o modelo que eles utilizam, são modelos de ouvintes, brancos e heterossexuais, com uma relação de poder já determinada, que o homem é que as impõem.

O que o estudo desvela é que a educação em sexualidade é um caminho para todos. A escola é o meio de abrir possibilidades outras, para surdos por meio da Libras e para ouvintes, mostrando as relações de gênero dentro de uma perspectiva igualitária, com igualdade, responsável com todos e todas, independente da orientação sexual que cada um assume. A sexualidade deve provocar mudanças, por meio de novas experiências por todos de maneira ímpar, peculiar, respeitando as peculiaridades de seus atores, sejam eles, estudantes, professores, enfim, de toda a comunidade escolar.

Cabe ainda à escola, ir em busca dessa promoção de mudanças no que tange a educação em sexualidade e relações de gênero, por meio de ações políticas pedagógicas, por meio de provocações nos conteúdos trabalhados nas salas de aula, ou ainda pelos projetos políticos pedagógicos, que devem ser construídos com as temáticas da sexualidade e relações de gênero perpassando todos os conhecimentos acadêmicos, para que os estudantes possam ter ensinamentos que o ajudarão por toda a sua trajetória de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos constatar durante toda a pesquisa, as indagações dos jovens surdos em relação à sexualidade não se diferenciam das dos ouvintes, no tocante ao tipo de perguntas realizadas, como já observado nesse estudo em capítulos anteriores. Porém, é notória a diferença das perguntas relacionadas com as faixas etárias. Nesse sentido, percebe-se que as informações que chegam aos surdos são diferenciadas, pois eles se questionam em idades mais avançadas. As principais razões destacadas nesse estudo são duas: a primeira, de que os ouvintes têm mais acesso ao conhecimento por via auditiva, pois elas vem de várias partes da comunidade que frequentam; a segunda, por serem temáticas que normalmente não são discutidas entre eles, pois as temáticas sequer chegam a eles, por muitos ouvintes, familiares, amigos, etc., acreditarem que eles são assexuados. As reflexões que existem nessa temática não são dirigidas aos estudantes surdos, muitos sinais são inexistentes para eles, eles não têm acesso ao conhecimento de sexualidade e de gênero, por meio da escola, nem também pelas suas conversas, ou ainda, eles não têm acesso em casa, pela família. A falta de reflexão, de aprendizagem, aliada a falta de conhecimento que não se dá por meio da Libras, os induz muitas vezes, a ficarem muito presos ao que eles entendem por normal ou anormal, certo e errado, guiados pelos olhos, não pelos discursos de aprendizagem, de reflexão, de conhecimento e socializados entre eles.

Neste sentido, podemos afirmar que o surdo é marcado por uma diferença que muitas vezes o segrega e discrimina, categorizando-o como uma pessoa diferente, a passo que são pessoas de direitos e deveres tais como os ouvintes. Scott (2005) e Prieto (2008) afirmam que esse discurso, antagonicamente, serve para intensificar as desigualdades, marginaliza-los e excluí-los.

Os trabalhos para a busca da igualdade não deveriam ser para a afirmação da diferença, não é a diferença que deve ser afirmada, mas as situações vividas cotidianamente de desigualdade que evitam a entrada de surdos, de deficientes físicos, cegos, negros, homossexuais, transexuais e etc, às condições básicas que garantam uma vida digna a todos. (PIETRO, 2008).

Sendo assim, se faz importante os trabalhos formativos com os jovens surdos, o qual proporciona, como os momentos vividos por eles nessa pesquisa, a reflexão sobre a temática de sexualidade, e, ainda mais: destacar a importância da disciplina de Educação Sexual desde os anos iniciais de ensino nas escolas de educação básica até o ensino médio, e também nas licenciaturas, proporcionando reflexões constante sobre os assuntos de violência sexual,

comportamento, relacionamento, cuidados com o corpo, influências midiáticas, padrões de beleza, questões de gênero, binarismo, machismo, religião, e tantas outras questões que deveriam estar presentes na escola, para que alunos surdos ou ouvintes, pudessem se alimentar adequadamente, para poder vivenciar na comunidade em que estão inseridos, com respeito, igualdade e equidade.

Com as entrevistas elaboradas para os surdos, assim como as elaboradas para as intérpretes; para fim de estratégias de busca de entendimento que elas têm a respeito da temática de sexualidade, no que tange a interpretação aos surdos; percebemos que ainda há muita divisão entre os surdos e ouvintes, e que em geral, pouco se misturam pela diferença linguística que ainda tem violado seu direito ao "uso e difusão da Libras" nas instituições públicas, como a escola, previsto na Lei 10.436/02.

Essa pesquisa se constituiu muito preliminar, mas formativo de construções e desconstruções de sexualidade nos mostrou que os jovens não dialogam com os pais a temática de sexualidade, e principalmente as relações de gênero, mas os ouvintes também não o fazem, vão buscar nas mídias, tecnologias, nos amigos, amparo para suas dúvidas, muitas vezes com respostas equivocadas. (ROSSI; LIMA, 2015).

As famílias, as escolas, os professores, os intérpretes, as secretarias da educação, promotoria, Lei, ou qualquer pessoa física, jurídica ou lei, devem ter uma parcela de responsabilidade. Gostaríamos de destacar que para que seja cumprida a lei, e os direitos sejam trabalhados de maneira efetiva, todos os órgãos públicos e suas políticas educacionais devem dar amparo, formação inicial e continuada aos professores, gestores, para que as pessoas, com suas singularidades, sejam elas surdas ou não, possam caminhar juntas a favor da igualdade e equidade de direitos, promovendo um bem comum e uma educação que vise à dignidade de todos indistintamente, buscando nas temáticas da sexualidade e relações de gêneros, mais compromisso com as pessoas, no que tange a exclusão do preconceito, da violência, do sexismo, do racismo e da homofobia.

Essa pesquisa procurou desvelar esses impasses e buscou abrir caminhos, para outras pesquisas, outras provocações e outras maneiras nessa escola e, também em outras escolas, do fazer diferente para atender as necessidades de todos sem discriminação, assim como apontar a necessidade de políticas públicas de formação de professores na área da Educação em Sexualidade e a necessidade da disciplina Educação em Sexualidade, em um contexto inclusivo, nos ambientes escolares como parte importante e obrigatória do currículo escolar.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, I. (Org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 39-40.

BATZÁN, A. **Etnografía: métodos cualitativos en investigación socio-cultural**. Barcelona: Boixareu Universitaria, 1995.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria aos métodos**. Porto: Porto Ed., 1994. Coleção ciências da educação.

BRASIL. Senado Federal. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei das Diretrizes Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <www.senado.gov.br/legbras>. Acesso em: 20 out. 2015.

_____. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 20 out. 2015.

_____. **Decreto-lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.463, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. **LDB - Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Define e regulariza o sistema de educação brasileira com base nos princípios presentes na Constituição de 1988. Disponível em: <www.senado.gov.br/legbras>. Acesso em: 20 out. 2015.

_____. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 05 nov. 2015.

_____. **PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 10 volumes, 1997.

CHIZOTTI, A. O cotidiano e as pesquisas em educação. In: FAZENDA, I. (Org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.

DINIS, N.; ASSINELLI-LUZ, A. Educação Sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educar**, Curitiba, n. 30, p. 77-87, 2007.

FIGUEIREDO, A. A. F., QUEIROZ, T. N. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10., 2012, Florianópolis. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis: [s.n.], 2012, p. 1-10. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384186533_ARQUIVO_AlessandraAniceto.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2015.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GASKEL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKEL, G.; BAUER, M. W. (Org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livros, 2005.

GÓES, Maria C. R. de. **Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural**. In: OLIVEIRA, Marta Kohl; SOUZA, Denise Trento R.; REGO, Teresa Cristina (Orgs.). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002. p. 95

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HALL, S. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HEILBORN, M. L. **Gênero: Uma Breve Introdução**. Disponível em: <http://www.coeprasil.org.br/opiniao_genero.asp>. Acesso em: 15 nov. 2015.

LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, set. 1998.

LANDIERE, S. Prefácio. In: BRUYNE, P. de; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 9 -22.

LILA. Direção: Carlos Lascano. Curta Metragem, 9'09". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cSsnlRQSzc0>>. Acesso em: 20/10/2015.

LODI, A.C.B. **A leitura como espaço discursivo de construção de sentidos: oficinas com surdos**. 2004. 282p. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. (Org.). **Uma escola duas línguas: Letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009. v. 1.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. (Org.). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAIA, A.C.B. **Sexualidade e deficiências no contexto escolar**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, 2003.

MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia e Educação**, São Paulo, n. 33, dez. 2011. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006>. Acesso em: 10 nov. 2015.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

MOREIRA, S. Z. A mulher surda e suas relações de gênero e sexualidade. In: SKLIAR, C. A. **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre, Mediação, 1998.

NETO, V. A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

OZELLA, S. Pesquisar ou construir conhecimento: o ensino da pesquisa na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B. (org.) **A Perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 113-131.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-125, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a05v38n133.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

PENIN, S. T. de S. **A aula: espaço de conhecimento, lugar de cultura**. Campinas: Papius, 1994.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

PRIETO, R. G. Sobre mecanismos de (re)produção de sentidos das políticas educacionais. In: BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M.; JESUS, D. M. (Org.). **Educação Especial: diálogos e pluralidade**. Porto Alegre: Mediação, 2008. p. 25-33.

PRIETO, R. G. Política de educação especial no Brasil: evolução das garantias legais. In: VICTOR, S. L.; DRAGO, R.; CHICON, J. F. (Org.). **A Educação Inclusiva De Crianças, Adolescentes, Jovens e Adultos: Avanços e Desafios**. Vitória: EDUFES, 2013. p. 17-36.

RIBEIRO, K. **Sexualidade e gênero: estudo das relações afetivas de jovens surdas de uma escola municipal de educação especial de São Paulo**. 2011. 202p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SAMPAIO, J.; SANTOS, G. C.; AGOSTINI, M.; SALVADOR, A. S. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p.1299-1312, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v18s2/1807-5762-icse-18-s2-1299.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

SCHWARTZ, T. **Mídia: O segundo Deus**. São Paulo: Editora Summus, 1985.

SCOTT, J. W. O enigma da igualdade. **Revista Estudos Femininos**, Florianópolis, v. 1, n. 13, p. 11-30. jan/abr. 2005.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: _____. (Org). **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SOUSA, L. B.; FERNANDES, J. F. P., & BARROS, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 408-413. 2006.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, K. S.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publication, 1994.

STROBEL, K. L. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VILHALVA, S. **O despertar das mulheres surdas no Brasil**. 08/03/2005. Disponível em: <<http://www.tveregional.com.br/colunistas>>. Acesso em: 19 mar. 2007.

VITIELLO, N. **Reprodução e Sexualidade**. São Paulo: Ceich, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Pensamento e Linguagem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Obras Escogidas**. Madrid: Visor, 1983. Tomo III

_____. **Obras Escogidas**. Madrid: Visor, 1997. Tomo V.

APÊNDICE I - Comunicado

Prezado (a) responsável pelo (a) aluno (a) _____
_____venho por meio desta, comunicar que será desenvolvida a pesquisa intitulada "Construção da sexualidade de estudantes sujeitos surdos usuários de LIBRAS em uma escola polo para surdos". Tal pesquisa objetiva a melhoria na qualidade da Educação para os jovens.
Para maiores esclarecimentos sobre a pesquisa, me coloco a disposição na Escola Estadual Barão do Rio Branco no dia _____ às _____ horas.
Desde já agradeço a sua atenção.

Maria Fernanda de Arruda Campos

(Mestranda em Educação Escolar - FCLar -UNESP- Araraquara)

Cel. 19 99345-6319

APÊNDICE II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O (A) aluno(a) _____
_____ está sendo convidado(a) para participar da pesquisa "Construção da Sexualidade de sujeitos surdos usuários de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) estudantes de uma escola polo para Surdos".

A presente pesquisa decorrerá de um estudo de caso com pessoas Surdas. Pretende-se por meio de entrevistas semiestruturadas com gravação em vídeo, entender como as pessoas surdas que frequentam uma escola polo de surdos, tem construído as suas sexualidades e quais são os fatores que subsidiam estas construções.

A pesquisa tratará de como se dá a construção da sexualidade do(a) aluno(a) surdo(a).

Procedimentos

A pesquisa será realizada em três momentos:

- 1- Familiarização com os (as) jovens e conversas livres, mediadas pela pesquisadora e intérprete de LIBRAS;
- 2- Acompanhamento de como os alunos e alunas surdos(as) elaboram a aprendizagem sobre sexualidade para as suas vidas, decorrente de observações dos(as) jovens sobre a temática em diferentes âmbitos informativos (mídia, família, sociedade, escola...), por meio de um debate, que terá como mediador um documentário, mediadas pela pesquisadora e intérprete de LIBRAS;
- 3- Entrevistas semiestruturadas em grupo, por intermédio de imagens selecionadas, para identificar e analisar aspectos relativos às construções da sexualidade destes alunos e alunas surdos (as), pertencentes a uma escola Polo de Surdos de Piracicaba, SP/Brasil.

Será estipulado, juntamente com a família, uma data para o desenvolvimento do projeto e avisado por escrito ao seu (sua) filho (a) e ou membros da família.

- a. O (A) aluno (a) _____ foi selecionado(a) como sujeito da pesquisa por ser um jovem surdo(a), usuário(a) de Libras, em condições cognitivas preservadas e apropriadas para poder refletir sobre a temática e estar devidamente matriculado(a) na Escola Estadual Barão do Rio Branco, a qual acredita-se ser a mais apropriada para seu desenvolvimento no município de Piracicaba;

- b. O objetivo principal deste estudo é analisar como se dão as construções da sexualidade dos sujeitos surdos usuários de Libras que frequentam uma escola polo de surdos e refletir sobre as formas como os sujeitos surdos internalizam as informações e as usam no cotidiano de forma crítica, autônoma, respeitosa e com discernimento com o outro/os;
- c. A participação nesta pesquisa consistirá em compreender e refletir sobre a temática a ser trabalhada a fim de que possa analisar quais as maiores influências de aprendizagem sobre o tema e seus possíveis entraves.
- d. Esta pesquisa, assim como todas as pesquisas realizadas com seres vivos, pode ocasionar riscos e segue as decisões da Resolução n° 466 de 2012. Esta pesquisa pode causar dano, constrangimento ou desconforto aos participantes dela e estes poderão receber assistência imediata por parte da pesquisadora, do patrocinador e as instituições e/ou organizações envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.
- Entretanto, se o (a) jovem se sentir prejudicado (a) em qualquer momento da pesquisa, poderá desistir de sua participação avisando a família e a pesquisadora (Cel. (19) 99345-6319).

Deve-se esclarecer que esta pesquisa é de suma importância e que o(a) aluno(a) contribuirá para possíveis propostas de melhoria da qualidade do Ensino de Educação Sexual nas instituições de Ensino de alunos Surdos.

Se o(a) aluno(a) ou um membro responsável pelo(a) adolescente se sentir prejudicado(a), por algum motivo, pode entrar em contato com a pesquisadora e desistir da participação. O(a) adolescente não será prejudicado(a) por desistir ou não aceitar participar da pesquisa. A participação é livre.

O (a) responsável poderá manifestar-se se houver prejuízo nos estudos do (a) aluno (a). Se houver algum prejuízo, deverá avisar a pesquisadora por telefone (Cel. (19) 99345-6319) pedindo novas adequações à pesquisa.

Não é objetivo da pesquisa retirá-los em horário de aula para coleta de dados e entrevistas. Os encontros serão agendados em horários que não ocorram prejuízos escolares.

A pesquisa contará com a ajuda profissional das intérpretes

 CPF _____, celular _____ e
 _____ CPF _____
 _____, celular _____ que já atuam na escola

onde os jovens estudam. Elas auxiliarão caso a pesquisadora tenha dúvidas de comunicação, pois a pesquisadora tem fluência, mas não tem proficiência na LIBRAS. É de extrema importância a presença das profissionais, uma vez que a pesquisa trabalhará com os discursos que os (as) jovens trazem sobre suas construções próprias de sexualidade.

A qualquer momento você, responsável, poderá retirar seu consentimento, sem prejuízo para o (a) menor, assim como o próprio jovem.

Sua recusa não trará nenhum prejuízo à pesquisadora.

Todas as informações desta pesquisa (gravações de vídeos e entrevistas) serão extremamente sigilosas, podendo ser disponibilizados para a família, se pedirem.

Todos os dados da pesquisa são confidenciais, e os dados não serão divulgados de forma a proteger a privacidade dos (das) adolescentes. Para isso serão utilizados nomes fictícios. É também assegurado sigilo sobre a participação dos (das) envolvidos (as), sem a divulgação dos nomes reais.

Apenas a pesquisadora, a intérprete e a orientadora da pesquisa terão acesso ao material de filmagem e entrevistas para que possam compor as análises.

A pesquisa não gera gastos aos (às) participantes. Se porventura gerar algum gasto extra, em situação não prevista, para transporte ou alimentação, a pesquisadora se responsabiliza por ressarcir a despesa. A despesa será paga pela pesquisadora e esta deve ser avisada no mesmo dia da ocorrência ou com antecedência.

O (A) responsável pelo (a) menor _____
_____ está recebendo uma cópia do termo de consentimento, onde consta o telefone e o e-mail da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e a participação do menor agora ou a qualquer momento que desejar.

Maria Fernanda de Arruda Campos

mafeac@gmail.com - (19) 9 9345-6319

APÊNDICE III – Termo de consentimento de participação de menor.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor
_____ **na pesquisa e concordo que ele**
participe.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara-UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1 – Caixa Postal 174 – CEP: 14800-901 – Araraquara – SP – Fone: (16) 3334-6263 – endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.

Piracicaba, ____ de _____ de _____.

Sujeito da pesquisa

Responsável Legal pelo sujeito da pesquisa (nome completo) e RG ou CPF

Assinatura do/da responsável Legal pelo sujeito da pesquisa

APÊNDICE IV - ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Adolescente 1

Nome: Laura

Idade: 18

Religião: Católica

Trabalha? Em quê? Fale como é o trabalho para surdos:

Não trabalha.

Fale um pouco da sua família:

Moro com mãe, pai e irmã.

Como é a escola? Gosta? Não gosta?

Gosto.

Tem amigos dentro da escola?

Sim.

Surdos? Ouvintes? Os dois?

Só ouvintes.

Como você vê a sociedade em relação ao surdo?

Não sei, não sinto preconceito.

I - SEXUALIDADE

1- Fale 8 palavras que tem a ver com o tema "Sexualidade".

Gênero, homossexual, bissexual, sapatão, lésbica.

2- Fale sobre 4 dessas palavras

Gênero é o jeito da pessoa. Homossexual são 2 homens. Bissexual é dos dois. Sapatão e lésbica mulher e mulher.

3 - Sexualidade e sexo são as mesmas coisas? Para você (particular) quais as diferenças? Existem?

Não. Diferente.

II - ENCONTRANDO AMIGOS

1 - Se um (a) amigo (a) perguntasse sobre sexualidade, o que vocêalaria que é? E gênero?

Não sei.

III - SE VOCÊ TIVESSE FILHOS...

1 - Como você acha quealaria de sexualidade para seu filho? E para sua filha?

Não sei.

IV - SOBRE OS CONCEITOS...

1 - Fale sobre alguns conceitos. Exemplo:

Gênero

*Sexualidade
Diversidade
Preconceito, etc...*

Não lembro.

V - LIVRE

1 - Fale o que você mais gostou de conversar nos encontros em grupo e o que não gostou.

Gostei mais de conversar de sexualidade. Não teve nada que não gostei.

2 - Teve dificuldade?

Mais ou menos

3 - Aprendeu temas novos nos encontros?

Mais ou menos.

VI - ENCONTROS

1 - Os encontros foram importantes para sua vida particular? Por quê?

Sim. Importante para aprender as coisas.

VII - OPINIÃO

1- Você considera importante na escola uma disciplina que discuta diversidade e educação sexual? Por quê?

Sim. Para aprender.

VIII - CONVERSAS

1 - Com quem você mais aprende sobre sexualidade e gênero?

2 - O que dizem seus pais?

3 - A escola?

4 - O que conversam entre amigos?

5 - O que a televisão mais mostra sobre sexualidade e gênero?

Aprendo mais na sociedade.

Entrevista Adolescente 2

Nome: Yasmim

Idade: 17

Religião: Frequenta muito pouco.

Trabalha? Em quê? Fale como é o trabalho para surdos.

Trabalho no Mac Donalds. Faço sorvetes, sanduíches, essas coisas. Pessoas ajudam no trabalho, é normal.

Fale um pouco da sua família

Moro com todo mundo: avô, avó, irmã e sobrinho.

Como é escola? Gosta? Não gosta?

Gosto.

Tem amigos dentro da escola? Surdos? Ouvintes? Os dois?

Tenho mais amigos surdos.

Como você vê a sociedade em relação ao surdo?

As pessoas veem e sempre ajudam. Sem preconceito.

I - SEXUALIDADE

1 - Fale 8 palavras que tem a ver com o tema "Sexualidade"

Gênero, homossexual, relação homem e mulher, só.

2 - Fale sobre 4 dessas palavras.

Homossexual é que tem preconceito.

3 - Sexualidade e sexo são as mesmas coisas? Para você (particular) quais as diferenças?

É diferente. Sexo é na hora. Sexualidade é relação de homem, mulher, casamento, namorado... é essa relação.

II - ENCONTRANDO AMIGOS

1 - Se um (a) amigo (a) perguntasse sobre sexualidade, o que vocêalaria que é? E gênero?

Gênero é homem e mulher. Sexualidade é casamento, namoro, etc.

III - SE VOCÊ TIVESSE FILHOS

1 - Como você acha quealaria de sexualidade para seu filho? E para sua filha?

Ia ensinar para aprender o que é perigoso e o que não é.

IV - SOBRE OS CONCEITOS

1 - Fale sobre alguns conceitos. Exemplos:

Gênero;

Sexualidade;

Diversidade;

Preconceito, etc...

Não soube falar.

V – LIVRE

1 - Fale o que você mais gostou de conversar nos encontros em grupo e o que não gostou.

Gostei de tudo.

2 - Teve dificuldade?

Um pouquinho.

3 - Aprendeu temas novos nos encontros?

Alguns temas novos.

VI - ENCONTROS

1 - Os encontros foram importantes para sua vida particular? Por quê?

Sim, pode ajudar na vida particular a crescer.

VII - OPINIÃO

1- Você considera importante na escola uma disciplina que discuta diversidade e educação sexual? Por quê?

Precisa. Para saber como fazer. Senão pode ter azar, ficar grávida.

VIII - CONVERSAS

1 - Com quem você mais aprende sobre sexualidade e gênero?

2 - O que dizem seus pais?

3 - A escola?

4 - O que conversam entre amigos?

5- O que a televisão mais mostra sobre sexualidade e gênero?

Eu mais aprendo sobre sexualidade na escola. Eu assisto algumas coisas que a gente conversa aqui em novela e filme.

Entrevista adolescente 3

Nome: Pâmela

Idade: 22

Religião: Católica

Trabalha? Em quê? Fale como é o trabalho para surdos:

Não trabalho. Só recebo benefício para surdos do governo.

Fale um pouco da sua família:

Moro com a minha sogra, cunhada e filho e meu namorado em Charqueada. Todos ouvintes.

Como é a escola? Gosta? Não gosta?

Sim, gosto.

Tem amigos dentro da escola? Surdos? Ouvintes? Os dois?

Mais surdos. Cristiano, Rogério, Ronaldo, Sara e Yasmim. A Laura não se mistura com surdos então não é minha amiga.

Como você vê a sociedade em relação ao surdo?

Namorado ouvinte. Pouco preconceito. Eu não entendo nada de ouvinte.

I - SEXUALIDADE

1- Fale 8 palavras que tem a ver com o tema "Sexualidade".

Gay, homossexual, casal (hetero); Lembro de falar de beber cerveja, sobre higiene, sexo e doenças.

2- Fale sobre 4 dessas palavras

Gay que tem preconceito, que tem que aceitar, ter respeito, educação. Homossexual que quer adotar. Pode. Casal (hetero) que briga bastante.

3 - Sexualidade e sexo são as mesmas coisas? Para você (particular) quais as diferenças? Existem?

É diferente. Sexo é fazer sexo.

II - ENCONTRANDO AMIGOS

1 - Se um (a) amigo (a) perguntasse sobre sexualidade, o que vocêalaria que é? E gênero?

Gênero é o jeito de cada um. E sexualidade eu ia falar coisas que combinam com o tema.

III - SE VOCÊ TIVESSE FILHOS

1 - Como você acha quealaria de sexualidade para seu filho? E para sua filha?

Para filho só no futuro. Agora quero faculdade.

Ok, mas no futuro se você tiver filhos.

Vou orientar.

IV - SOBRE OS CONCEITOS

1 - Fale sobre alguns conceitos, Exemplos:

Gênero;

Sexualidade;

Diversidade;

Preconceito, etc...

Não soube falar conceitos.

V - LIVRE

1 - Fale o que você mais gostou de conversar nos encontros em grupo e o que não gostou.

Mais gostei: bater papo, conversar muito bom. Gostei mais de falar de relação de namorado.

2 - Teve dificuldade?

Foi fácil.

3 - Aprendeu temas novos nos encontros?

Conhecia os temas mas não sabia direito os significados; os conceitos.

VI - ENCONTROS

1 - Os encontros foram importantes para sua vida particular? Por quê?

Sim, bom para aprender.

VII – OPINIÃO

1- Você considera importante na escola uma disciplina que discuta diversidade e educação sexual? Por quê?

Precisa. Importante.

VIII - CONVERSAS

1 - Com quem você mais aprende sobre sexualidade e gênero?

2- O que dizem seus pais?

3- A escola?

4 - O que conversam entre amigos?

5- O que a televisão mais mostra sobre sexualidade e gênero?

Meu pai e minha mãe me ensinaram mais.

Entrevista adolescente 4

Nome: Cristiano

Idade: 20

Religião: Testemunha de Jeová

Trabalha? Em quê? Fale como é o trabalho para surdos:

Fui mandado embora. Primeiro trabalhei no mercado. Depois trabalhei lavando carro. Depois na empresa e fui mandado embora. Difícil ser surdo. Muita fofoca, não deixavam prestar atenção, concentrar. Tinha mais 17 surdos na empresa.

Fale um pouco da sua família:

Família é boa. Minha mãe morreu em 2013. 17 de setembro. Irmã mais velha é minha mãe adotiva. Moro com ela, os dois filhos gêmeos dela, meu irmão, meu pai e meu cunhado.

Como é a escola? Gosta? Não gosta?

Gosto.

Tem amigos dentro da escola? Surdos? Ouvintes? Os dois?

Os dois. Tenho muitos amigos. Surdos e ouvintes.

Fora da escola tenho saudade da outra escola.

Fora da escola eu gosto de passear, ir ao shopping, jogar futebol sempre. Todo final de semana

tenho campeonato e durmo em cidades diferentes com o time. Sexta eu treino, saindo daqui eu vou treinar.

Como você vê a sociedade em relação ao surdo?

O Ronaldo é meu amigo e ele vai junto nos lugares. Ele entende leitura labial. As pessoas gostam de surdo e não tem preconceito.

I – SEXUALIDADE

1 - Fale 8 palavras que tem a ver com o tema "Sexualidade".

Namoro, briga (tem que ficar em paz, né?), camisinha (é importante). É isso.

2 - Fale sobre 4 dessas palavras

3 - Sexualidade e sexo são as mesmas coisas? Para você (particular) quais as diferenças? Existem?

Sexo e sexualidade combinam. Nos Estados Unidos é sexy, aqui é sexo. Combina.
(A intérprete teve que reelaborar a pergunta e explicar que estava perguntando em relação ao conceito e não à escrita "sexy", "sexo", "sexualidade").
- Ah! É diferente. Sexo é o ato. Sexualidade são as coisas.

II - ENCONTRANDO AMIGOS

1 - Se um (a) amigo (a) perguntasse sobre sexualidade, o que vocêalaria que é? E gênero?

Eu vou falar que é sexo. Só isso.

III - SE VOCÊ TIVESSE FILHOS

1 - Como você acha quealaria de sexualidade para seu filho? E para sua filha?

Quando tivesse 16, 17, 18 anos eu vou explicar para que tenha claro na cabeça deles, saber fazer sexo.

2 - Você explicaria para seus primos de 5 anos?

Não, claro que não. Eles são inocentes ainda.

IV - SOBRE OS CONCEITOS

1 - Fale sobre alguns conceitos. Exemplos :

***Gênero;
Sexualidade;
Diversidade;
Preconceito, etc...***

Não soube falar conceitos.

V - LIVRE

1 - Fale o que você mais gostou de conversar nos encontros em grupo e o que não gostou.

Gostei do grupo de bater papo. O tema que gostei mais foi de camisinha.

2 - Teve dificuldade?

Mais ou menos.

3 - Aprendeu temas novos nos encontros?

Alguns. Não lembro agora.

VI - ENCONTROS

1 - Os encontros foram importantes para sua vida particular? Por quê?

É importante. Precisa aprender e memorizar palavras.

VII – OPINIÃO

1- Você considera importante na escola uma disciplina que discuta diversidade e educação sexual? Por quê?

É importante saber a história do sexo, fazer prova, explicações sobre o tema.

VIII – CONVERSAS

1 - Com quem você mais aprende sobre sexualidade e gênero?

2 - O que dizem seus pais?

3 - A escola?

4 - O que conversam entre amigos?

5 - O que a televisão mais mostra sobre sexualidade e gênero?

Na escola quando tem palestras.

APÊNDICE V - QUESTIONÁRIO (intérprete 1)

Data: 24/03/15

Identificação

- Nome (iniciais): C.K.A.
- Sexo: () masculino (X) feminino
- Idade: 27
- Estado civil: () solteiro (a) (X) casado(a) () separado(a) () viúvo(a) () outros:

- Nº de filhos: (X) nenhum () 1 () 2 () 3 () 4 () mais de 5
- Religião predominante na família: ortodoxa (X) praticante () não praticante
- Renda familiar mensal (aproximada)
() menos de R\$ 1000,00; () de R\$ 1000,00 a 2000,00; () de R\$ 2000,00 a 3000,00;
() de R\$ 3000,00 a 4000,00; (X) mais de R\$ 4000,00

A) ASPECTOS DA SUA SEXUALIDADE

- 1) Por ser uma pessoa com surdez, você acha que os surdos deste estudo têm uma sexualidade:
() ausente () infantilizada (X) normal () exagerada () outros: _____
- 2) Quais aspectos você acha que interferem mais nas questões da sexualidade deles:
() aspectos orgânicos da surdez;
() aspectos psicológicos (sentimentos, emoções, percepções);
(X) aspectos sociais (escolar, familiar, vida em comunidade);
- 3) Como você imagina a vida sexual futura destes surdos ? (marque mais de um aspectos se desejar)
() ausente (X) presente
() desnecessária (X) necessária
() impraticável, irrealizável (X) realizável, praticável
(X) satisfatória () insatisfatória
(X) igual a de pessoas sem deficiências () diferente da de pessoas sem deficiências
() igual a de pessoas com outras deficiências () diferente da de pessoas com outro tipo de deficiências
(X) sem complicações impostas pela deficiência () com complicações impostas pela deficiência
() sem complicações impostas nas relações sociais () com complicações impostas nas relações sociais
- 4) Classifique a manifestação da sexualidade dos surdos deste estudo na escola. Responda seguindo o critério 1 = sempre; 5 = nunca; última coluna se não souber responder a questão, NS = Não Sei)

Afirmações	Sempre				Nunca	
	X1	2	3	4	5	NS
faz perguntas e/ou comentários sobre temas da sexualidade	X1	2	3	4	5	NS
exibe comportamentos sexuais públicos sozinho	1	2	X3	4	5	NS
exibe comportamentos sexuais públicos em grupo ou com um(a) parceiro(a)	1	2	3	4	5	XNS
exibe comportamentos sexuais privados (banheiro, sala, etc.) sozinho	1	2	3	4	X5	NS
exibe comportamentos sexuais privados (banheiro, sala) em grupo ou com um(a) parceiro(a)	1	2	3	4	X5	NS
mostra-se bem informado sobre aspectos gerais da sexualidade	X1	2	3	4	5	NS

5) O quanto você considera que os surdos deste estudo são informados (as) sobre os seguintes assuntos:

Seguir o critério: 1= muito informado; 2= pouco informado; 3= nada informado NS= não sei responder

Diferenças anatômicas entre sexos	X 1	2	3	N S	Relação Sexual	X 1	2	3	NS
Aspectos da Puberdade/Adolescência	X 1	2	3	N S	Namoro e Casamento	X 1	2	3	NS
Reprodução Humana (fecundação)	1	X 2	3	N S	Homossexualidade/ Bissexualidade	X 1	2	3	NS
Gravidez	X 1	2	3	N S	Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS	X 1	2	3	NS
Nascimento e Parto	X 1	2	3	N S	Métodos Anticoncepcionais	X 1	2	3	NS
Menstruação	X 1	2	3	N S	Aborto	X 1	2	3	NS
Polução Noturna	1	X 2	3	N S	Abuso Sexual	X 1	2	3	NS
Masturbação	1	X 2	3	N S	Erotismo e Pornografia	X 1	2	3	NS
Amamentação	1	X 2	3	N S	Prostituição	X 1	2	3	NS

B) SEXUALIDADE HUMANA

1) Pensando em toda a sua história de educação sexual, por favor, responda marcando com um X:

1.1) Em relação à sua família de origem:

a) Como você considera que foi, de maneira geral, a sua educação sexual?

Muito repressora	1	2	3X	4	5	Nada repressora
------------------	---	---	----	---	---	-----------------

b) A participação da sua mãe na sua educação sexual foi predominantemente:

(X) omissa (não tive orientação nenhuma)

() participativa (houve diálogo e compreensão)

() informativa (quando se falava de sexualidade era para explicar alguma coisa)

() preventiva (recebi orientação de prevenção de doenças, de gravidez indesejada, etc...)

() outros: _____

c) A participação do seu pai na sua educação sexual foi predominantemente:

(X) omissa (não tive orientação nenhuma)

() participativa (houve diálogo, com informação, orientação do assunto e compreensão)

() informativa (quando se falava de sexualidade era para explicar alguma coisa)

() preventiva (recebi orientação de prevenção de doenças, de gravidez indesejada, etc...)

() outros: _____

d) Alguma outra pessoa da sua família teve papel importante na sua educação sexual?

() nenhuma () avôs e/ou avós () tios ou tias () primos ou primas (X) irmãos ou irmãs

() outros: _____

1.2) Em relação ao tema da sexualidade.

a) Quanto você considera-se informado sobre as questões da sexualidade humana?

Muito informado/a	X1	2	3	4	5	Nada informado/a
-------------------	----	---	---	---	---	------------------

b) Pensando em todo o seu desenvolvimento até hoje, de quais fontes você lembra ter tido mais informações sobre sexualidade? Assinale abaixo todas as fontes das quais você julga ter recebido alguma informação:

- Escola (2º grau)/ Faculdade
- Palestras
- Revistas especializadas/saúde
- Livros específicos sobre sexo
Dissertações
- Televisão
- Parceiro (a) afetivo/ Amigos
- Outras fontes: _____
- Igreja
- Congressos
- Revistas gerais (semanais)
- Capítulos de livros
- Filmes
- Parentes/familiares
- Hospital
- Cursos
- Jornal local/ estadual
- Pesquisas: Teses,
- Internet
- Profissionais

c) Cite três temas da sexualidade que você considera que tem maior conhecimento/ sabe mais?

- *Corpo*
- *Vaidade*
- *Amor*

d) Dê dois sinônimos ou palavras que expressem o conceito de Sexualidade, segundo sua opinião:

- *Vaidade*
- *Corpo*

e) Para você, o que é Educação Sexual ?

Ensinar/ Aprender sobre doenças, dúvidas, curiosidade. Não somente o ato sexual, mas tudo que envolve.

2) Pense qual o grau de dificuldade que você tem (ou teria) diante do diálogo ou da manifestação da sexualidade de diferentes pessoas ou situações e responda o quadro abaixo, marcando com um X a sua posição. Não deixe nenhuma questão em branco!

Falar de sexo com:	Maior Dificuldade	Indiferente	Maior Facilidade
crianças	X		X
adolescentes			X
adultos			
idosos	X		
pessoas do sexo masculino	X		
pessoas do sexo feminino			X
Meus filhos		X	
meu parceiro(a)			
meu pai/ padrasto	X		
minha mãe/madrasta	X		
outros parentes	X		
pessoas amigas(os) íntimas (os)			X
pessoas conhecidas			X
pessoas desconhecidas	X		
meus alunos(as)			X
colegas de trabalho	X		
os pais de meus alunos			X
pessoas deficientes			X
outros profissionais			X
Diante situações de:	Maior Dificuldade	Indiferente	Maior Facilidade
masturbação entre crianças	X		
masturbação entre adolescentes	X		
masturbação entre adultos	X		
masturbação de pessoas deficientes	X		
masturbação entre idosos	X		
namoro entre crianças	X		
namoro entre adolescentes			X
namoro entre adultos			X
namoro entre idosos			X

namoro entre deficientes			X
minha própria vida afetiva sexual			X

3) Assinale com um X todas as palavras que você considera que melhor o(a) caracterizam você:

<input type="checkbox"/> agressivo	<input checked="" type="checkbox"/> cuidadoso	<input type="checkbox"/> inflexível	<input type="checkbox"/> tolerante
<input checked="" type="checkbox"/> observador	<input checked="" type="checkbox"/> fiel	<input type="checkbox"/> infiel	<input type="checkbox"/> autoritário
<input checked="" type="checkbox"/> atento	<input checked="" type="checkbox"/> calmo	<input type="checkbox"/> progressista	<input type="checkbox"/> desonesto
<input checked="" type="checkbox"/> sensato	<input checked="" type="checkbox"/> honesto	<input type="checkbox"/> democrático	<input checked="" type="checkbox"/> humilde
<input type="checkbox"/> retraído	<input type="checkbox"/> flexível	<input type="checkbox"/> desligado	<input type="checkbox"/> desatento
<input type="checkbox"/> comunicativo	<input type="checkbox"/> compreensivo	<input type="checkbox"/> intolerante	<input type="checkbox"/> incompreensivo
<input type="checkbox"/> descuidado	<input checked="" type="checkbox"/> irônico	<input type="checkbox"/> fechado	<input type="checkbox"/> seguro
<input type="checkbox"/> irresponsável	<input type="checkbox"/> conservador	<input type="checkbox"/> indiscreto	<input type="checkbox"/> insensato
<input checked="" type="checkbox"/> discreto	<input type="checkbox"/> aberto	<input checked="" type="checkbox"/> responsável	<input checked="" type="checkbox"/> sério
<input type="checkbox"/> confuso	<input type="checkbox"/> inseguro	<input checked="" type="checkbox"/> claro	<input type="checkbox"/> imaturo
<input type="checkbox"/> inibido	<input type="checkbox"/> preguiçoso	<input type="checkbox"/> arrogante	<input checked="" type="checkbox"/> não preconceituoso
<input type="checkbox"/> preconceituoso	<input type="checkbox"/> amadurecido	<input type="checkbox"/> desinibido	<input checked="" type="checkbox"/> estudioso

4) Abaixo há várias afirmações sobre posturas em relação à sexualidade. Não há respostas corretas, o objetivo é conhecer com que frequência você julga tomar tais atitudes. Para cada afirmação assinale sua posição entre sempre (1) e nunca (5).

Afirmações	Sempre Nunca				
	1	X2	3	4	5
a) Aceito opiniões ou valores diferentes dos que acredito e acho corretos	1	X2	3	4	5
b) Demonstrro e ensino às pessoas meus valores morais e religiosos	1	X2	3	4	5
c) Sinto-me conservador e moralista quanto às questões de sexo	1	2	3	X4	5
d) Fico incomodado(a) em ouvir relatos de outras pessoas sobre sexo	1	2	X3	4	5
e) Faço julgamentos negativos sobre pessoas e comportamentos sexuais que não aceito	1	X2	3	4	5
f) Faço reflexões e tento mudar meus valores quando me sinto preconceituoso (a)	X1	2	3	4	5
g) Aceito comportamentos sexuais diferentes dos que acho certos	1	X2	3	4	5
h) Sinto-me bem e adequado(a) com minha própria sexualidade	X1	2	3	4	5
i) Fico incomodado(a) diante de casais homossexuais femininos e masculinos	1	2	3	X4	5
j) Respeito diferentes opiniões e comportamentos sexuais	1	X2	3	4	5
k) Tenho dificuldade em discutir e conversar sobre opiniões que não compartilho	1	X2	3	4	5
l) Tenho tranqüilidade em conversar sobre assuntos de sexo	X1	2	3	4	5

5) Abaixo há outras afirmações sobre o tema da sexualidade. Não há respostas corretas, o objetivo é conhecer o seu ponto de vista sobre o assunto. Para cada afirmação assinale com um X sua posição se concorda ou não usando do critério: Discordo (D); Indiferente (I); Concordo (C);

Afirmações	D	I	C
a) A virgindade até o casamento valoriza a dignidade da mulher	X		
b) Praticar um aborto é um ato recriminável em qualquer situação			X
c) Não tenho preconceitos sobre nenhum comportamento sexual e sobre nenhuma pessoa		X	
d) Mulheres são naturalmente mais passivas e sensíveis que os homens	X		
e) Alguns comportamentos sexuais são mais naturais e corretos		X	
f) Tenho amplo conhecimento científico sobre temas da sexualidade humana	X		
g) Masturbação é um comportamento normal, se assim for desejado			X
h) Os comportamentos e valores sexuais são hereditários e imutáveis	X		
i) Praticar o sexo anal é um comportamento normal, se assim for desejado			X
j) Praticar o sexo oral é um comportamento normal, se assim for desejado			X
k) Aceito e respeito qualquer pessoa homossexual (gays e lésbicas)		X	
l) Meus conhecimentos sobre sexualidade são poucos e de senso comum	X		
m) Os meus valores sexuais deveriam nortear o comportamento de outras pessoas	X		
n) Não há nada de certo ou errado no sexo quando há consentimento e respeito mútuo			X

o) Tenho resistências sobre alguns temas da sexualidade que não consigo mudar	X		
p) Respeito e não julgo as pessoas que se prostituem		X	
q) Todas as pessoas têm direito a esclarecimentos sobre sexo			X
r) A família é a única responsável pela educação sexual das crianças	X		
s) Entendo a sexualidade como uma parte da vida humana prazerosa			X
t) A única função do sexo é a de reproduzir a espécie humana, gerar filhos	X		
u) Tenho posturas rígidas quanto a alguns temas da sexualidade	X		
v) Praticar o sexo vaginal (genital) é um comportamento normal, se assim for desejado			X
x) Virgindade, casamento e procriação são escolhas pessoais que devem ser respeitadas			X
z) Homens e mulheres deveriam ter igualdade de direitos em todos os aspectos da vida			X
aa) Pessoas divorciadas e solteiras não deveriam ter filhos	X		
bb) Tenho posturas flexíveis em relação à manifestação da sexualidade	X		
cc) Discuto e converso com tranqüilidade temas da sexualidade			X
dd) Não tenho muito interesse em estudar temas da sexualidade			X
ee) Tenho clareza e reconheço os meus preconceitos sobre temas da sexualidade			X
ff) Entendo a sexualidade como uma parte da vida humana desprazerosa	X		
gg) Faço cursos e estudo sobre temas da educação sexual		X	
hh) Alguns comportamentos sexuais não pratico e nem conheço, mas acho recrimináveis	X		
ii) Algumas pessoas não podem nem deveriam viver sua sexualidade	X		
jj) Respeito e não julgo as pessoas que fazem um aborto	X		
	D	I	C

Em um contínuo de 1 a 5 marque o quanto você sentiu-se à vontade para responder estas questões:

Muito tranqüilo(a)	1	X2	3	4	5	Muito incomodado
--------------------	---	----	---	---	---	------------------

ENTREVISTA PARA INTÉRPRETE

Data: 24/03/2015

Identificação: nome (iniciais): C.K.A

FORMAÇÃO PROFISSIONAL:

Curso de Graduação: *Educação Física*

Local: *Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP*

Curso de Especialização/Capacitação: *Pós Graduação em Libras e Educação de Surdos*

Local: *Universidades Espíritas Bezerra de Menezes - UNIBEM*

Outros Cursos de Formação: *Curso superior de formação específica em intérprete de Libras*

Local: *UNIMEP*

Fez algum Curso que trabalhasse o tema da sexualidade?

() sim (X) não () parcialmente, havia o conteúdo

Se sim:

Qual; quando e onde?: _____

INSTITUIÇÃO QUE TRABALHA ATUALMENTE:

• Natureza desta Instituição em que trabalha:

() Ensino Regular Fundamental Ciclo I; (X) Ensino Fundamental Ciclo I e II; (X) Ed. Especial

() Ensino Regular Fundamental Ciclos I, II e Médio

() Ensino Especial: Instituição

- Tempo que trabalha como intérprete nessa área de atuação:
() há menos de dois anos () 2 a 5 anos (X) 5 e 10 anos () 10 e 20 anos () há mais de 20 anos
- Além desta Instituição Escolar trabalha qual outro local?: *Além da escola estadual Barão do Rio Branco, trabalho como intérprete na faculdade de Psicologia da UNIMEP.*

ÁREA EDUCACIONAL ATUAL PREDOMINANTE:

- (X) classe comum; no de alunos surdos incluídos na sala: 2
- (X) sala de recurso; no de alunos surdos: 10
- () classe especial; no de alunos surdos: _____
-

Obrigada pela participação!

APÊNDICE VI - QUESTIONÁRIO (intérprete 2)

Data: 24/03/15

Identificação

- Nome (iniciais): A.M.M.L
- Sexo: () masculino (X) feminino Idade:27
- Estado civil: () solteiro (a) (X) casado(a) () separado(a) () viúvo(a) () outros:

- Nº de filhos: () nenhum (X) 1 () 2 () 3 () 4 () mais de 5
- Religião predominante na família: SUD (X) praticante () não praticante
- Renda familiar mensal (aproximada)
(X) menos de R\$ 1000,00; () de R\$ 1000,00 a 2000,00; () de R\$ 2000,00 a 3000,00; () de R\$ 3000,00 a 4000,00; () mais de R\$ 4000,00

A) ASPECTOS DA SUA SEXUALIDADE

1) Por ser uma pessoa com surdez, você acha que os surdos deste estudo têm uma sexualidade:
() ausente () infantilizada (X) normal () exagerada () outros: _____

2) Quais aspectos você acha que interferem mais nas questões da sexualidade deles:

- () aspectos orgânicos da surdez;
- () aspectos psicológicos (sentimentos, emoções, percepções);
- (X) aspectos sociais (escolar, familiar, vida em comunidade);

3) Como você imagina a vida sexual futura destes surdos ? (marque mais de um aspectos se desejar)

- () ausente () presente
- () desnecessária () necessária
- () impraticável, irrealizável (X) realizável, praticável
- () satisfatória () insatisfatória
- (X) igual a de pessoas sem deficiências () diferente da de pessoas sem deficiências
- () igual a de pessoas com outras deficiências () diferente da de pessoas com outro tipo de deficiências
- () sem complicações impostas pela deficiência () com complicações impostas pela deficiência
- () sem complicações impostas nas relações sociais () com complicações impostas nas relações sociais

4) Classifique a manifestação da sexualidade dos surdos deste estudo na escola.. Responda seguindo o critério 1 = sempre; 5 = nunca; última coluna se não souber responder a questão, NS = Não Sei)

Afirmações	Sempre			Nunca		
	1	2	X3	4	5	NS
faz perguntas e/ou comentários sobre temas da sexualidade	1	2	X3	4	5	NS
exibe comportamentos sexuais públicos sozinho	1	2	3	X4	5	NS
exibe comportamentos sexuais públicos em grupo ou com um(a) parceiro(a)	1	2	X3	4	5	NS
exibe comportamentos sexuais privados (banheiro, sala, etc.) sozinho	1	2	3	X4	5	NS
exibe comportamentos sexuais privados (banheiro, sala) em grupo ou com um(a) parceiro(a)	1	X2	3	4	5	NS
mostra-se bem informado sobre aspectos gerais da sexualidade	1	X2	3	4	5	NS

5) O quanto você considera que os surdos deste estudo são informados (as) sobre os seguintes assuntos:

Seguir o critério: 1 = muito informado; 2 = pouco informado; 3 = nada informado NS = não sei responder

Diferenças anatômicas entre sexos	X 1	2	3	N S	Relação Sexual	X 1	2	3	NS
Aspectos da Puberdade/Adolescência	X 1	2	3	N S	Namoro e Casamento	X 1	2	3	NS
Reprodução Humana (fecundação)	1	X 2	3	N S	Homossexualidade/ Bissexualidade	X 1	2	3	NS
Gravidez	X 1	2	3	N S	Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS	X 1	2	3	NS
Nascimento e Parto	X 1	2	3	N S	Métodos Anticoncepcionais	1	X 2	3	NS
Menstruação	X 1	2	3	N S	Aborto	1	X 2	3	NS
Polução Noturna	1	2	3	X N S	Abuso Sexual	X 1	2	3	NS
Masturbação	1	2	3	X N S	Erotismo e Pornografia	X 1	2	3	NS
Amamentação	X 1	2	3	N S	Prostituição	1 X	2	3	NS

B) SEXUALIDADE HUMANA

3) Pensando em toda a sua história de educação sexual, por favor, responda marcando com um X:

1.2) Em relação à sua família de origem:

a) Como você considera que foi, de maneira geral, a sua educação sexual?

Muito repressora	1	2	3X	4	5	Nada repressora
------------------	---	---	----	---	---	-----------------

b) A participação da sua mãe na sua educação sexual foi predominantemente:

() omissa (não tive orientação nenhuma)

(X) participativa (houve diálogo e compreensão)

() informativa (quando se falava de sexualidade era para explicar alguma coisa)

() preventiva (recebi orientação de prevenção de doenças, de gravidez indesejada, etc...)

() outros: _____

c) A participação do seu pai na sua educação sexual foi predominantemente:

(X) omissa (não tive orientação nenhuma)

() participativa (houve diálogo, com informação, orientação do assunto e compreensão)

() informativa (quando se falava de sexualidade era para explicar alguma coisa)

() preventiva (recebi orientação de prevenção de doenças, de gravidez indesejada, etc...)

() outros: _____

d) Alguma outra pessoa da sua família teve papel importante na sua educação sexual?

() nenhuma () avôs e/ou avós (X) tios ou tias () primos ou primas (X) irmãos ou irmãs

() outros: _____

1.2) Em relação ao tema da sexualidade.

a) Quanto você considera-se informado sobre as questões da sexualidade humana?

Muito informado/a	1	X2	3	4	5	Nada informado/a
-------------------	---	----	---	---	---	------------------

b) Pensando em todo o seu desenvolvimento até hoje, de quais fontes você lembra ter tido mais informações sobre sexualidade? Assinale abaixo todas as fontes das quais você julga ter recebido alguma informação:

- (X) Escola (2º grau)/ Faculdade () Igreja () Hospital
- () Palestras () Congressos () Cursos

- () Revistas especializadas/saúde () Revistas gerais (semanais) () Jornal local/ estadual
- () Livros específicos sobre sexo (X) Capítulos de livros () Pesquisas: Teses, Dissertações
- () Televisão () Filmes () Internet
- () Parceiro (a) afetivo/ Amigos (X) Parentes/familiares () Profissionais
- () Outras fontes: _____

c) Cite três temas da sexualidade que você considera que tem maior conhecimento/ sabe mais?

- *Namoro/casamento*
- *Homossexualidade*
- *Gênero (masculino/feminino)*

d) Dê dois sinônimos ou palavras que expressem o conceito de Sexualidade, segundo sua opinião:

- *Amor*
- *Prazer*

e) Para você, o que é Educação Sexual ?

São conceitos que devem se aprender para uma vida futura "satisfeita" sem correr riscos de fazer escolhas erradas.

4) Pense qual o grau de dificuldade que você tem (ou teria) diante do diálogo ou da manifestação da sexualidade de diferentes pessoas ou situações e responda o quadro abaixo, marcando com um X a sua posição. Não deixe nenhuma questão em branco!

Falar de sexo com:	Maior Dificuldade	Indiferente	Maior Facilidade
crianças			X
adolescentes			X
adultos		X	
idosos	X		
pessoas do sexo masculino		X	
pessoas do sexo feminino			X
Meus filhos			X
meu parceiro(a)			X
meu pai/ padrasto		Sem contato	
minha mãe/madrasta			X
outros parentes			X
pessoas amigas(os) íntimas (os)			X
pessoas conhecidas			X
pessoas desconhecidas		X	
meus alunos(as)			X
colegas de trabalho		X	
os pais de meus alunos			X
pessoas deficientes			X
outros profissionais			X
Diante situações de:	Maior Dificuldade	Indiferente	Maior Facilidade
masturbação entre crianças			X
masturbação entre adolescentes			X
masturbação entre adultos		X	
masturbação de pessoas deficientes			X
masturbação entre idosos		X	
namoro entre crianças			X
namoro entre adolescentes			X
namoro entre adultos			X
namoro entre idosos			X
namoro entre deficientes			X
minha própria vida afetiva sexual		X	

3) Assinale com um X todas as palavras que você considera que melhor o(a) caracterizam você:

- | | | | |
|--|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> agressivo | <input type="checkbox"/> cuidadoso | <input type="checkbox"/> inflexível | <input type="checkbox"/> tolerante |
| <input checked="" type="checkbox"/> observador | <input checked="" type="checkbox"/> fiel | <input type="checkbox"/> infiel | <input type="checkbox"/> autoritário |
| <input type="checkbox"/> atento | <input type="checkbox"/> calmo | <input type="checkbox"/> progressista | <input type="checkbox"/> desonesto |
| <input type="checkbox"/> sensato | <input checked="" type="checkbox"/> honesto | <input checked="" type="checkbox"/> democrático | <input type="checkbox"/> humilde |
| <input type="checkbox"/> retraído | <input checked="" type="checkbox"/> flexível | <input type="checkbox"/> desligado | <input type="checkbox"/> desatento |
| <input checked="" type="checkbox"/> comunicativo | <input type="checkbox"/> compreensivo | <input checked="" type="checkbox"/> intolerante | <input type="checkbox"/> incompreensivo |
| <input type="checkbox"/> descuidado | <input type="checkbox"/> irônico | <input type="checkbox"/> fechado | <input type="checkbox"/> seguro |
| <input type="checkbox"/> irresponsável | <input type="checkbox"/> conservador | <input type="checkbox"/> indiscreto | <input type="checkbox"/> insensato |
| <input type="checkbox"/> discreto | <input type="checkbox"/> aberto | <input checked="" type="checkbox"/> responsável | <input type="checkbox"/> sério |
| <input type="checkbox"/> confuso | <input type="checkbox"/> inseguro | <input checked="" type="checkbox"/> claro | <input type="checkbox"/> imaturo |
| <input type="checkbox"/> inibido | <input type="checkbox"/> preguiçoso | <input type="checkbox"/> arrogante | <input type="checkbox"/> não preconceituoso |
| <input type="checkbox"/> preconceituoso | <input checked="" type="checkbox"/> amadurecido | <input type="checkbox"/> desinibido | <input checked="" type="checkbox"/> estudioso |

4) Abaixo há várias afirmações sobre posturas em relação à sexualidade. Não há respostas corretas, o objetivo é conhecer com que frequência você julga tomar tais atitudes. Para cada afirmação assinale sua posição entre sempre (1) e nunca (5).

Afirmações	Sempre Nunca				
	1	2	X3	4	5
a) Aceito opiniões ou valores diferentes dos que acredito e acho corretos	1	2	X3	4	5
b) Demonstro e ensino às pessoas meus valores morais e religiosos	X1	2	3	4	5
c) Sinto-me conservador e moralista quanto às questões de sexo	1	2	X3	4	5
d) Fico incomodado(a) em ouvir relatos de outras pessoas sobre sexo	1	2	3	X4	5
e) Faço julgamentos negativos sobre pessoas e comportamentos sexuais que não aceito	1	2	3	X4	5
f) Faço reflexões e tento mudar meus valores quando me sinto preconceituoso (a)	X1	2	3	4	5
g) Aceito comportamentos sexuais diferentes dos que acho certos	1	2	3	X4	5
h) Sinto-me bem e adequado(a) com minha própria sexualidade	X1	2	3	4	5
i) Fico incomodado(a) diante de casais homossexuais femininos e masculinos	1	X2	3	4	5
j) Respeito diferentes opiniões e comportamentos sexuais	X1	2	3	4	5
k) Tenho dificuldade em discutir e conversar sobre opiniões que não compartilho	1	2	X3	4	5
l) Tenho tranqüilidade em conversar sobre assuntos de sexo	1	X2	3	4	5

5) Abaixo há outras afirmações sobre o tema da sexualidade. Não há respostas corretas, o objetivo é conhecer o seu ponto de vista sobre o assunto. Para cada afirmação assinale com um X sua posição se concorda ou não usando do critério: Discordo (D); Indiferente (I); Concordo (C);

Afirmações	D	I	C
a) A virgindade até o casamento valoriza a dignidade da mulher			X
b) Praticar um aborto é um ato recriminável em qualquer situação		X	
c) Não tenho preconceitos sobre nenhum comportamento sexual e sobre nenhuma pessoa		X	
d) Mulheres são naturalmente mais passivas e sensíveis que os homens	X		
e) Alguns comportamentos sexuais são mais naturais e corretos			X
f) Tenho amplo conhecimento científico sobre temas da sexualidade humana		X	
g) Masturbação é um comportamento normal, se assim for desejado	X		
h) Os comportamentos e valores sexuais são hereditários e imutáveis	X		
i) Praticar o sexo anal é um comportamento normal, se assim for desejado		X	
j) Praticar o sexo oral é um comportamento normal, se assim for desejado			X
k) Aceito e respeito qualquer pessoa homossexual (gays e lésbicas)			X
l) Meus conhecimentos sobre sexualidade são poucos e de senso comum	X		
m) Os meus valores sexuais deveriam nortear o comportamento de outras pessoas			X
n) Não há nada de certo ou errado no sexo quando há consentimento e respeito mútuo			X
o) Tenho resistências sobre alguns temas da sexualidade que não consigo mudar	X		
p) Respeito e não julgo as pessoas que se prostituem			X
q) Todas as pessoas têm direito a esclarecimentos sobre sexo			X

r) A família é a única responsável pela educação sexual das crianças	X		
s) Entendo a sexualidade como uma parte da vida humana prazerosa			X
t) A única função do sexo é a de reproduzir a espécie humana, gerar filhos	X		
u) Tenho posturas rígidas quanto a alguns temas da sexualidade			X
v) Praticar o sexo vaginal (genital) é um comportamento normal, se assim for desejado			X
x) Virgindade, casamento e procriação são escolhas pessoais que devem ser respeitadas			X
z) Homens e mulheres deveriam ter igualdade de direitos em todos os aspectos da vida		X	
aa) Pessoas divorciadas e solteiras não deveriam ter filhos			X
bb) Tenho posturas flexíveis em relação à manifestação da sexualidade			X
cc) Discuto e converso com tranqüilidade temas da sexualidade			X
dd) Não tenho muito interesse em estudar temas da sexualidade	X		
ee) Tenho clareza e reconheço os meus preconceitos sobre temas da sexualidade			X
ff) Entendo a sexualidade como uma parte da vida humana desprazerosa	X		
gg) Faço cursos e estudo sobre temas da educação sexual	X		
hh) Alguns comportamentos sexuais não pratico e nem conheço, mas acho recrimináveis		X	
ii) Algumas pessoas não podem nem deveriam viver sua sexualidade		X	
jj) Respeito e não julgo as pessoas que fazem um aborto		X	
	D	I	C

Em um contínuo de 1 a 5 marque o quanto você sentiu-se à vontade para responder estas questões:

Muito tranqüilo(a)	1	2	X3	4	5	Muito incomodado
--------------------	---	---	----	---	---	------------------

ENTREVISTA PARA INTÉRPRETE 2

Data: 24/03/2015

Identificação: nome (iniciais): A.M.M.L.

Primeira Parte

FORMAÇÃO PROFISSIONAL:

Curso de Graduação: Educação Física
Local: Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

Curso de Especialização/Capacitação: Pós Graduação em Libras e Educação de Surdos
Local: Universidade Bezerra de Menezes - UNIBEM

Outros Cursos de Formação: Formação Específica em Intérprete de Libras
Local: UNIMEP

Fez algum Curso que trabalhasse o tema da sexualidade?
() sim () não (X) parcialmente, havia o conteúdo
Se sim:

Qual, quando e onde? Faculdade de Educação Física- anatomia/ fisiologia.

INSTITUIÇÃO QUE TRABALHA ATUALMENTE:

- Natureza desta Instituição em que trabalha:
- () Ensino Regular Fundamental Ciclo I; () Ensino Fundamental Ciclo I e II; () Ed. Especial
- () Ensino Regular Fundamental Ciclos I, II e Médio
- (X) Ensino Especial: Instituição -

outros: *Empresas/ Ensino superior*

- Tempo que trabalha como intérprete nessa área de atuação:
() há menos de dois anos () 2 a 5 anos (X) 5 e 10 anos () 10 e 20 anos () há mais de 20 anos
- Além desta Instituição Escolar trabalha qual outro local?: *UNIMEP (desde 2014) - intérprete no curso de fotografia.*

ÁREA EDUCACIONAL ATUAL PREDOMINANTE:

() classe comum; no de alunos surdos incluídos na sala: _____

() sala de recurso; no de alunos surdos: _____

() classe especial; no de alunos surdos: _____

outros: *Empresa - 15 surdos*
UNIMEP - 1 surdo

Em 2014: *Ensino médio - classe comum (3 alunos)*

Obrigada pela participação!

APÊNDICE VII - SEGUNDA PARTE - INTÉRPRETES

Este questionário foi gravado em áudio (gravador lcd-PX312 Sony) e transcrito para análise. Foram realizadas perguntas, com as duas intérpretes que acompanharam as rodas de conversa. A entrevista aconteceu na sala de recursos da escola estadual Barão do Rio Branco com as duas intérpretes juntas. Quando não há resposta das duas intérpretes, significa que há um consentimento.

**identificações com letras aleatórias para preservar a identidade das participantes*

1. Qual sua opinião sobre a sexualidade das pessoas surdas?

C: É igual das pessoas não surdas. Não é porque é surdo que a sexualidade seja diferente.*

A: É... eu concordo, pode mudar porque eles tem menos acesso à informações, só isso.*

1.1. Você acha que há diferenças na sexualidade, em função da surdez? Explique.

A: Como eu falei, podem mudar algumas informações que eles não têm acesso e, se a família não trabalha, ou não sabe libras, é mais fácil aprender de forma errada.

C: É. A família é muito importante para os surdos.

1.2. Você acha que a sexualidade da pessoa surda diferente da de alguém ouvinte?

Explique.

A: Só nessa parte de comunicação e de conceitos que eles não têm. Por exemplo, quando eu estava grávida uma aluna de 12 anos veio me perguntar como o bebê parou lá dentro.

E você?

A: Eu expliquei por cima. A gente não sabe o que a família fala.

2. O que você acha sobre a sexualidade dos alunos(e alunas) surdos (surdas)?

C: Normal. Eles são muito curiosos, fazem perguntas o tempo todo para nós.

A: Fazem mesmo.

3. Como os alunos surdos expressam sua sexualidade (na classe, na escola)?

C: Eles perguntam sempre para nós. Aproveitam todas as aulas que trazem o assunto de sexualidade e fazem todas as perguntas possíveis para os professores. Se for palestra sobre o assunto, também. Às vezes até atrapalham, não deixam o palestrante falar {coitado}. Senão eles perguntam pra nós (se referindo à outra intérprete) porque em casa não se sentem a

vontade para falar disso e perguntarem para os pais.

- No caso de responderem sobre comportamentos, explorar item 4;
- No caso de responderem sobre perguntas, explorar item 5 antes do 4;
- No caso de responderem outras questões diferentes, explorar a mesma, antes de dos itens 4/5;

4. No caso de Comportamentos

- Quais são os comportamentos mais comuns?

A: É ficarem perguntando, querendo saber tudo.

- O que você faz?

C: A gente interpreta o professor, mas já aconteceu de o aluno perguntar sobre Sexualidade para mim fora da sala de aula e eu não saber responder. Aí fomos pesquisar no computador.

- O que outras pessoas da escola fazem em relação a eles? Como vocês sabem que eles não conversam com a família?

A: São perguntas básicas, por exemplo, teve uma aluna que menstruou e não sabia o que era (lembra disso, C?). E eu expliquei.

- Por que acha que seus alunos não manifestam a sexualidade na escola?

5. No caso de fazerem Perguntas:

- Quais são as perguntas mais comuns?

A: sobre gravidez, sobre algo que esteja acontecendo com eles ou com algum amigo deles

- A quem o aluno surdo se dirige mais frequentemente? (a você, a colegas, outras pessoas?)

A: A nós para tirar as dúvidas. E colegas surdos para conversarem. É difícil eles conversarem sobre o assunto com a família.

- Como são respondidas as perguntas?

C: A gente responde o que a gente sabe, se não soubermos vamos ao computador e pesquisamos juntos. As perguntas costumam ser diferentes, por exemplo, o surdo do Ensino Fundamental pergunta de gravidez, de namoro, casamento... O surdo do Ensino Médio pergunta, por exemplo, se precisa usar camisinha em sexo oral, se pega AIDS com sexo oral, algumas coisas nem eu sei responder, mas eles fazem mil perguntas.

- Os do Ensino Médio fazem mais?

A: Ah sim!

- Consegue identificar em que situações os surdos fazem mais perguntas sobre sexualidade?

A: quando estão passando por algum problema.

- Em caso dos alunos não fazerem perguntas de sexualidade na escola, por que acha que isso acontece?

A: Ou por não saberem nada sobre o assunto e não saberem o que perguntar ou por timidez mesmo. A Laura, por exemplo, não aceita a surdez e não tem amigos surdos. Difícil para ela conversar sobre o assunto!

6. Como a sua escola lida com as questões de sexualidade de alunos surdos?

A: Contrataram uma vez um grupo que veio dar palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, essas coisas. E na aula de biologia e ciências... quando abordam o assunto, eles aproveitam o máximo! Fazem perguntas o tempo todo.

- Você diria que, de maneira geral, prevalece a repressão, a omissão ou a orientação?

C e A foram precisas: Omissão, com certeza.

- Se orientação: Como?: Programas? Projetos? Atividades? Aulas?
- Se repressão, Como? Punição? Repreensão? Coerção?
- Se omissão: Por que você acha que não há nenhuma participação da escola nas questões da sexualidade de seus alunos?

C: Não tem nada nesse sentido.

A: Pior é que nas reuniões, quando se propõem alguns projetos diferentes, os professores costumam achar ruim porque atrasa o conteúdo deles.

C: É verdade, é sempre assim.

7. Você gostaria que fosse trabalhado a educação sexual de surdos? Explique;

C: claro, seria melhor para eles. Nós, na verdade somos "a voz" dos professores, {digamos assim, tá?}, mas acabamos tendo que ensinar.

- Acha que poderia contribuir? O que você precisaria para poder fazer isso?

C: em relação a projetos, você diz?

- Não sei, estou perguntando como vocês poderiam dar suas contribuições.

C: talvez levando para o HTPC a ideia de um projeto nesse sentido, mas como a A falou "os professores sempre acham ruim". Mas levar a ideia pra escola é muito bom. Acho que é um jeito.

8. Quais sugestões teriam para ajudar as pessoas envolvidas na escola em relação às questões de sexualidade na escola? O que poderia ajudar a todos?

A: Acho que um projeto que envolvesse todos. Que reunisse todos os professores e ensinasse todos da escola. E também que ensine Libras para os professores. Precisa ensinar a temática de sexualidade para todos os professores e alunos, não só .alunos.

- E vocês, e funcionários?

A: Também, todo mundo.

Obrigada pela participação!

APÊNDICE VIII - REFLEXÕES DAS ENTREVISTAS COM INTÉRPRETES EDUCACIONAIS

Em um primeiro momento, gostaríamos de deixar claro ao leitor que as análises dessas entrevistas realizadas com as intérpretes dos surdos não são o foco da pesquisa. Elas apenas servem para dar a vocês leitores, um panorama de como está à formação dos intérpretes na escola pesquisada, para que percebam alguns tópicos que ainda são recorrentes tais como: o preconceito, a mistificação, credices e principalmente valores morais cristãos enraizados nos discursos dos mediadores da língua dos surdos, que pode interferir, não intencionalmente, na construção de (in)verdades para esses, visto que os surdos tem pouco acesso a essas reflexões em relação à sexualidade em outros ambientes (até mesmo familiar).

Sendo assim, o objetivo dessas entrevistas não foi identificar e analisar com aprofundamento cada aspecto relacionado à sexualidade das intérpretes, mas sim, traçarmos um panorama geral para conhecermos um pouco quem são os profissionais que atuam diretamente com os surdos, e como expressam suas sexualidades no sentido de sentirem-se aptos a trabalharem com os surdos a temática da sexualidade e gênero, livre de sexismos e valores morais construídos com base no senso comum e, principalmente, valores próprios, assim como sabermos se se sentem confortáveis ou não para interpretar reflexões sobre a temática. Podemos, inclusive, ressaltar alguns aspectos relacionados à construção da sexualidade do próprio intérprete, pois os valores próprios e os ensinamentos que necessitam ser colocados aos surdos muitas vezes se confundem por não serem pessoas capacitadas a trabalharem com a temática, e muitos se sentem desconfortáveis para atuarem com as questões que aparecem na escola o tempo todo, como podemos observar nas entrevistas ao questionarmos sobre temas como, masturbação, a constituição de família sem o papel do casal heteroafetivo dentro do lar.

Em relação à orientação e educação sexual dada pelas famílias das intérpretes, pudemos constatar pela descrição de uma intérprete, que ela teve a mãe participativa nesse processo. A outra afirmou que tanto o pai quanto a mãe foram omissos nas temáticas discutidas na entrevista. E ambas relevaram positivamente a importância das irmãs mais velhas, nesses diálogos sobre sexualidade em suas vidas.

Já, quanto as manifestações da sexualidade, as intérpretes observam de maneiras diferentes as suas condutas, com muitas controversas diante das observações ditas por elas. Mesmo assim, consideram que os surdos são pessoas bem informadas em relação à sexualidade. Afirmação esta contraditória às suas próprias falas de que os surdos têm uma sexualidade tardia no que tange à aprendizagem e reflexões sobre sexualidade, etapas de

desenvolvimento (mudanças corporais, tais como crescimento de pelos, menstruação, gravidez...), e questões de gênero que não são refletidas no dia-a-dia dentro de uma visão não sexista.

Esta entrevista focou a postura das intérpretes, principalmente suas formações em sexualidade, visto que, como elas afirmam, o surdo quando tem dúvidas, recorrem a elas para perguntarem temas relacionados à sexualidade e gênero, e então elas procuram responder com base nas informações coletadas, juntamente com o aluno surdo, principalmente na internet, mas não há um estudo anterior realizado por elas.

Parte 2

Ambas as intérpretes acreditam que as dúvidas mais frequentes dos jovens surdos são semelhantes às de todos os outros surdos e ouvintes, porém, há "atraso" em relação às faixas etárias, comparadas aos ouvintes. O que ambas afirmam sobre a família do surdo, em geral, é que ela é frequentemente omissa com a educação e orientação sexual desses jovens surdos. Sabemos que isso não ocorre apenas em lares surdos, mas acentua-se principalmente nesses lares pelo fato, principalmente, dos pais não conhecerem a Libras, e a comunicação ser ainda mais precária (MOREIRA, 1998). As intérpretes consideram, muitas vezes, as perguntas muito atrasadas, como, por exemplo, a adolescente que havia menstruado e não sabia o que era, visto que não há conversa sobre o assunto no meio familiar. Em todas as perguntas e respostas, podemos claramente observar que não há uma grande diferença na falta de orientação de educação em sexualidade tanto para o jovem ouvinte quanto para o jovem surdo, as diferenças de gênero não são apontadas. A temática ainda é um tabu nos meios escolares e familiares, e, mesmo a mídia, tão presente no dia a dia da vida dos jovens, não vem cumprindo o seu papel informativo e reflexivo quanto a essas questões para nenhum dos públicos jovens. (VILHALVA, 2007)

Os surdos têm pouco acesso às reflexões com especialistas, chegando somente a eles as informações do dia-a-dia, do senso comum, que são desencontradas e desconfiguradas, com as trocas entre amigos. Raramente eles têm palestras, formações, discussões ou outras reflexões na escola. Podemos constatar pelas entrevistas, que as intérpretes desempenham na escola um papel que não é seu, pois não tem formação adequada para trabalharem educação em sexualidade e discutir sobre essa temática. Não queremos com esta afirmativa responsabilizar o intérprete por esta atuação no meio escolar, mas gostaríamos apenas que com essas discussões apontadas pelas intérpretes, pudéssemos trazer para a reflexão a

importância das políticas públicas educacionais, fortalecer a formação inicial e continuada no que tange a educação em Sexualidade desde o Ensino Infantil até o Ensino Superior. Essas intérpretes são formadas em educação física, mas o corpo não é desvelado em todas as suas possibilidades, mas sim em possibilidades estreitas e vazias, que atrasam o conhecimento em sexualidade e relações de gênero, onde se percebe que a formação inicial não se atentou a essa temática, que deveria estar presente para elas.

As intérpretes ao falarem de temas sem formação recorrem à temática trazida pela família, algumas vezes pela mãe e pai, outras pelas irmãs. Isso mostra o quanto as falas são permeadas de ensaios e erros, sem contextualização, sem uma fala construídas por estudos ou formação acadêmica, e elas perpassam os espaços escolares, multiplicando para surdos e outros alunos esses conceitos equivocados. O que se faz importante é que na formação inicial de qualquer profissional da educação esses temas sejam contemplados, para não haver entraves, desconhecimento e equívocos que poderão trazer muitos problemas na vida desses jovens, ao sair da escola.

APÊNDICE IX - OS PROTAGONISTAS E OS ESPAÇOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA

- Endereço -
- Nome do(a) diretor(a) -
- Nome do(a) vice diretor(a) -
- Qual o público desta escola?
- Como se dá a entrada de alunos nesta escolas? Critérios.
- Qual o nível socioeconômico da população desta escola?
- Quantos alunos há ao todo nesta escola?
- Quantos alunos surdos há nesta escola? Que anos frequentam?
- Há intérprete(s)? Quantos? Como foi (foram) selecionado(s)?
- Como está (estão) distribuído(s) e quais os horários?
- Há professor(es) bilíngue(s)? Quantos? Como foi (foram) selecionado(s)?
- Como estão distribuídos os professores bilíngues e quais os horários?
- Há salas com instrutor(es) surdo(s)? Como foi (foram) selecionado(s)?
- Como estão distribuídos os instrutores surdos? Descrever como funcionam e horários.
- Há sala de AEE? Como foram selecionados os professores? Como funciona? Que público atende?
- Como é a rotina escolar dos alunos surdos? Horários. Há transportes especiais?
- Quantos são os funcionários da escola? Sabem Libras?
- Quantos são os professores de sala de aula? Sabem Libras?
- A Instituição possui alguma preferência religiosa? Qual?